VOLUME 16.º N.os 1 a 4 1913

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

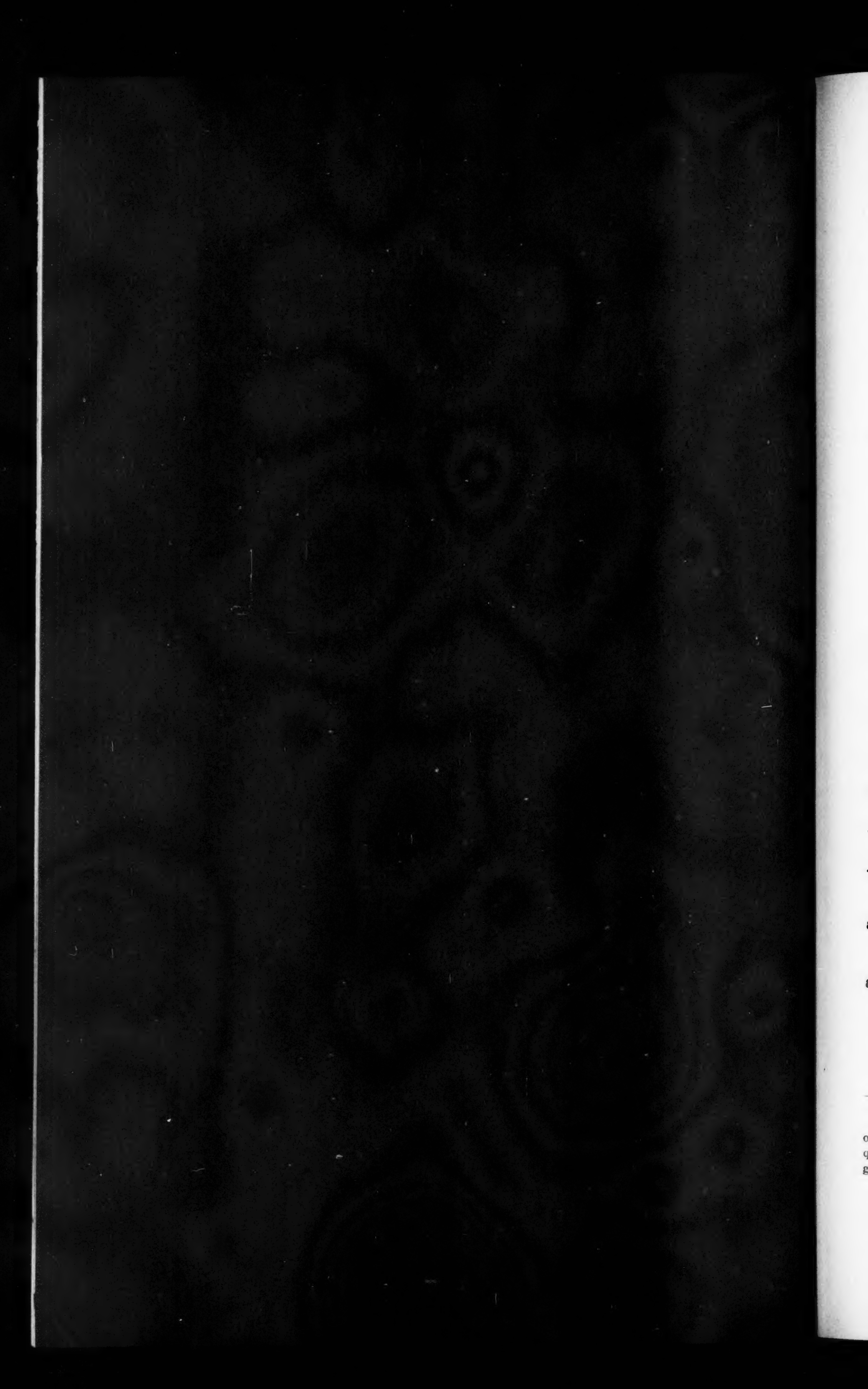
J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Ethnologico Português

SUMÁRIO

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
de A. M. Teixeira
Praça dos Restauradores, 20

1913



REVISTA LUSITANA

VOL. XVI 1913 N.os 1-2

Textos antigos portugueses

(CONTINUAÇÃO — VOL. XV, PAG. 177)

Glossario *

A

aas, propriamente asas, mas aqui I parece estar empregado no sentido de barbatanas.

aceptada, XV, aceitada ou aceita.

achegado, LXVIII. Tem aqui este vocabulo a significação especial de amigo, partidario, etc.

achegar, LXVIII, significa neste passo ajuntar, adquirir.

acontecer-se, XVII, o mesmo que acontecer.

acontecimento (por) XXVI, o mesmo que por acaso.

acopar-se, XII. E' forma ainda popular de ocupar-se.

Acurso, LXX, nome de homem. Hoje usa-se de preferencia a forma Acursio.

aderençar, L. Sobre o sentido que aqui tem de preparar, dispôr cf. o francês dresser.

adonde, XXVIII, XXIX. No presente texto, como ainda sucede na linguagem popular e é frequente em muitos escritores classicos, emprega-se a forma adonde em casos que só exigiriam onde ou aonde. É sabido que o adverbio unde se usava no sentido de donde; no latim popular, [1] porem, passou a empregar-se na mesma acepção de ubi; de aí o juntar-se-lhe a preposição *de* ou *a*, conforme as diferentes relações que se queriam exprimir. Sucedeu ainda que a expressão donde veiu a ter a mesma significação que onde, como já acontecia com o vocabulo latino; é o que se vê no actual espanhol donde.

afirmar, XXIX, pegar de forma que fique seguro, firme.

afogamento, LIV, morte por asfixia, sufocação.

afogar, XLIX. Neste lugar tem a significação de enforcar.

aguar, LVIII. Talvez erro por aguçar. Vide *Anotações*.

al: se al que nom, XXXIII, o mesmo que *ao menos*.

---

[1] O seu valor proprio achava-se já muito enfraquecido no latim em certos casos: cf. Bourciez, *Éléments de linguistique rom.*, pag. 296.

---

* Incluo aqui apenas os nomes que não vêm no *Diccionario de Moraes* (8.ª edição) ou que, citados neste, têm no presente texto sentido especial, e igualmente certas formas que aquelle não menciona. Omito, por bastante conhecidos, os nomes de povoações portuguesas que ainda persistem.

aly: des aly, XXVIII, o mesmo que desde então.

aministrar, I, tem aqui o sentido de fornecer, proporcionar.

anociar, LXI, talvez lapso por *anonciar*. Vide contudo *denociar*.

Anusio ou antes **Anucio**, XXIII, nome latino de *le Puy* [1] onde, segundo os editores da Cronica latina, santo Antonio foi guardião.

apostolico, LI. Vide *Anotações*.

apropiar, LXVIII, aplicar. A queda do *r* que se nota nesta palavra e outras da mesma proveniencia persiste ainda no povo e nota-se igualmente em espanhol.

aprouguer, XXX, futuro do conjuntivo de *aprazer*.

aqueste, aquesta. Alternam no texto com *este, esta*.

arrevatado, XXXV. Vide *arrevatamento*.

arrevatamento, XLVI. De *arrebatamento*, pela troca normal de -b- intervocalico por -v-.

Arrimyo, I, ou **Arminio**, II, Riminí, cidade da Italia.

asnilho, XXXIII. Em sentido proprio *burrinho;* aqui toma-se pelo *corpo*, em oposição á *alma*. Em linguagem mistica dão-se frequentemente ao corpo nomes depreciativos, para indicar o desprezo a que deve ser votado. O vocabulo *asnilho* pertence á lingua castelhana; o português que lhe corresponde é *asninho*.

asparo, XXIX, áspero, XXX. A passagem do *e* para *a* deve ter sido motivada pelo *r* que segue. Em mirandês existe o mesmo vocabulo. Vide dr. Leite de Vasconcellos, *Philologia mirandesa*, vol. II, pag. 163 s. v.

assi: assy que, XXIX, tem a significação de: *por forma que* e corresponde á frase latina ita ou sic ut; como nesta lingua, as duas partes componentes podem estar separadas por outras palavras intermedias, XXIX.

atal, XXXII. A par de *tal*, como se vê neste passo, usava a lingua arcaica tambem *atam*.

atam, XVII. No lugar citado são empregadas as duas formas *atam* e *tam*.

austinaçom, I. Como em tantos outros, a lingua moderna refez este vocabulo, dando-lhe a forma *obstinação* que hoje tem.

ave, XXIII, imperativo (2.ª pessoa do singular) de *aver*.

avemtura (por), XV, hoje: por ventura.

ávito, LXII. A lingua moderna regressou á forma latina *hábito*, que aliás se lê tambem no § LI.

avorrecivel, LVI. O português de hoje fez resurgir o *b* de origem.

Azoto, XXIII, cidade da Palestina.

B

bemdicia, LII. Deve ser o preterito imperfeito do verbo espanhol arcaico bendicir, salvo se o *c* tem aqui o valor de *z*.

bemdizer, XXV, XXVI, abençoar; talvês aportuguesamento do espanhol arcaico bendicir; neste sentido a nossa lingua diz benzer. Em LVIII ocorre o mesmo verbo, mas no sentido que tem cada um dos seus elementos, por isso os separei, escrevendo *bem dizedes*, isto é, falais acertadamente; nos §§ LX, LXXI tem o sentido de *louvar*.

bençom, I. Nesta palavra que, conforme com a sua origem, tinha o acento na silaba final, foi este retraído na lingua moderna.

benidade, XLVIII, LXVI, benignidade. De *benino*, que ocorre frequentemente na nossa lingua até pelo menos á primeira metade do seculo XVII, no

[1] Propriamente o nome latino de *le Puy* era *Podium*, mas a sua anterior denominação, segundo Gregorio de Tours, fôra Anucium.

dizer do snr. Epiphanio Dias, na sua edição dos Lusiadas, vol. II. pag. 331, escrito embora por vezes benigno, [1] era de esperar *beninidade;* se não houve lapso do copista, a forma dada pelo texto só poderá explicar-se por haplologia; o aparecer em dois passos leva-me a crer que ela realmente existiu.

beninamente, XVI, benignamente. Vide *benidade.*

bever, XLVI. No presente texto e pagina identica ocorrem as duas formas *bever*, que deve de ser a mais antiga, e *beber;* parece contudo que esta era já preferida áquella que, salvo erro, apenas se encontra uma vez.

Blucave, LXIX, aliás Buclane, hoje Bucchianico, na Italia.

bõo, bõoa, XXIX, XXVIII. No feminino, alem da nasalada, ocorre já a actual forma *boa,* vê-se isso em XXIII e XXVIII, etc; esta ultima faz supôr o masculino *boo* que, na epoca em que foi escrito o presente texto, alternava com *bõo.* Vide dr. Leite de Vasconcellos, *Esopo,* pag. 65.

borges, XX. A forma actual *burguês*, segundo dr. Leite de Vasconcellos, *op. laud.*, 66, foi tirada posteriormente de *burgo,* enquanto a antiga assenta sobre o lat. pop. *burgensis* (no classico existia *burgus).* É verdade que na grafia antiga por vezes se encontra *ge* por *gue* e ao contrario *g* por *j* (cf. neste texto *mangares, aleigom, Tarega* em vez de *manjares, aleijom, Tareja),* mas o achar-se a palavra assim escrita seis vezes leva-me a crer que o *g* soava como *j:* cf. o francês burgeois e os espanhol arc. *burgés.*

Brina ou **Verna,** IX, aliás *Briva,* nome latino da cidadezinha francesa *Brives.*

[1] O mesmo em francês: cf. *Grammaire française* de Brachet e Dussouchet, 68.

C

cabo (a), XVIII, junto, perto, é a significação mais usual desta locução; porem em XIII toma-se no sentido de: depois, passado.

çarrar, XLVI, fechar; cf. espanhol *cerrar.*

Catalonha, LXVI, hoje *Catalunha.*

cavadura, LII, cova.

caymento, LXVIII, decadencia.

celistrial, XIII, celestial; cf. pop. Çolestrino por *Celestino.*

celurgião (tambem solirgiom, LVIII), cirurgião. Na Historia de Vespasiano (pag. 38 da edição do snr. Esteves Pereira) fala-se igualmente em *fisicos e celorgiãos.*

chamamento, XLVIII, acção de chamar, invocação.

cimquoesma, XXXI. Por este vocabulo, que me parece ainda não foi arquivado, é aqui designada a festa do Pentecostes ou do Espirito Santo; representa o latim quinquagesima ou melhor cinquagesima; efectivamente aquela solenidade cai cincoenta dias depois da Pascoa. Ocorre tambem no antigo espanhol.

comcibimento, XXIII, concepção, mas no passo citado parece que o autor tinha em mente a gestação e época do parto, pois diz-se que a *dona estava prenhada.*

companha, I, ajuntamento, multidão, aqui propriamente cardume. No povo persiste o termo com a significação de: pessoal que compõe a tripulação de um barco de pesca, e tambem como sinonimo de companhia.

companhom, LVII. Na acepção, em que aqui se toma, de testiculo, é vocabulo castelhano; usava-o o português antigo, mas no sentido de companheiro.

compaxom, XLIII, **compaixom,** XXIV, **compaison,** VI, **compassiom,** XXV. Sob estas quatro formas acha-se representado neste texto o vocabulo *compaixão;* afigura-se-

me que a ultima, isto é, *compassiom*, que ainda subsiste em espanhol e francês, terá sido a mais antiga: dela resultaria a terceira pela atracção da semivogal pela tonica e desta a segunda; na primeira deu-se a redução do ditongo a vogal que acusão os populares *paxão*, *caxa*, *baxo*, etc.

competras, X, completas (uma das horas em que se divide o oficio divino). Neste vocabulo, se é que realmente existiu e não provem de lapso do copista, o *l* do grupo *pl*, depois de convertido em *r*, o que na época era frequente, passou para a silaba seguinte. Em Viterbo (edição de 1865) vem *compedras* na acepção de *completa*, como extraido dos *Ineditos de Alcobaça*.

compongido, XXI, e **compungido**, XXXIX. De ambos estes modos se acha representada no texto a mesma palavra; provavelmente a primeira forma indica a pronuncia mais antiga e a segunda a que já então dominava.

compridamente, LII, perfeitamente. A lingua moderna retomou a expressão latina completamente que, sob influencia do verbo *comprir*, dera origem ao antigo adverbio.

comprido, LIX, completo, perfeito. Vide *compridamente*.

comrrumpimento, XXIII, corrução. Ainda hoje é frequente ouvir ao povo *comromper* etc., sem duvida por influencia analogica dos nomes que guardam o prefixo *com*.

comsentir, I. XIII, aquiescer, concordar. Á similhança do latim, que construia o verbo consentire com dativo, no sentido de: ser do mesmo parecer que outrem: nos passos citados vem o verbo *comsentir* acompanhado de complemento indirecto e em acepção pouco mais ou menos identica. Alem da forma *comsentir* aparece tambem comsintir, proveniente da assimilação do *i* atono ao tonico, assimilação de que a lingua arcaica nos oferece bastos exemplos: cf. *pidir*, *vistir*, *sintir*, *mintir*, etc.

comsuum (de), LIII, juntamente. Desta locução ocupou-se, com a sua costumada erudição, a snr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos na *Rev. Lusitana* I, 127. Vide tambem a locução *emhuum*, no § I.

comto, II. No sentido, em que aqui é tomado, de *numero*, usa-se hoje de preferencia *conta*.

comvindar, IV, convidar. É vocabulo ainda persistente no povo e no qual a nasal da silaba inicial parece ter-se comunicado á seguinte: cf. *adem* de *ãade*. A forma *convidar*, comum ao português, galego e castelhano, faz-nos supôr que o invitare latino, que tem aparencia de composto (Vide Brial, *Dic. Etim.* lat. s. v.), se tornou na peninsula em cumvitare.

coonego, XVI, cónego. A forma anterior a esta, e verdadeiramente popular, deve ter sido *cooigo*, que ocorre nos *Documentos gallegos* publicados pelo snr. Martins Salazar.

costranger, LXVIII. Neste e noutros vocabulos a lingua moderna restituiu o *n* ao grupo *-ns*.

cranho, LVI. cranio. Este vocabulo não foi, que eu saiba, ainda arquivado.

creamento, I. Na lingua antiga era muito frequente o emprego do sufixo *-mento* junto a temas verbais; a moderna substituiu-o por *-ção* neste e noutros vocabulos.

D

damte, V. Ao lado desta forma ha tambem *diamte* e *deamte*.

danar, X, sofrer dano, a sua significação, porem, é geralmente *causar dano*. Em *dapnar*, *dapno*, etc. o *p* é apenas ortografico.

davamte, L, diante: cf.: francês *devant*.

decenger, XIV, hoje *descingir*.

decontar, LI, contar, narrar, referir. O prefixo parece ajuntar ao verbo

simples a ideia de *ajuntar contando.*

delivraçam, XXXIV. E' alteração popular que ainda subsiste, do culto *deliberação*, resultante do abrandamento do *-b-* e queda da vogal protonica, para formação do grupo *vr.*

deluvio, I, diluvio. É frequente na linguagem popular a troca de *di* atono incial por *de*: cf. *deminuir* por *diminuir.*

demostrar, VIII, mostrar: cf. *costranger.*

denociar, XLIX, anunciar. Parece-me que por lapso o copista omitiu o *n* ou til o que era frequente; mas no § LXI encontra-se *anociar.*

departidar, LXVIII, perturbador, o que provoca desunião.

deputar, L, destinar.

dereitura, XXX, rectidão. Do adj. arc. *dereito.*

descorrer, XX, discorrer, percorrer. Troca do prefixo *dis-* par *des-*, o que não é sem exemplo. Vide *Ortografia Nacional* do snr. Gonçalves Viana, pag. 80.

desmerecimento, XLVII, *por os desmerecimentos das suas culpas* corresponde ao latim do original suis exigentibus culpis. Parece-me, pois, que o prefixo *des-* ou está a mais ou entra neste vocabulo devido á ideia de negação que o tradutor tinha em mente.

despesa, XXXI, *das suas proprias despesas* deve entender-se: *á sua custa, do seu bolso:* cf. o francês *a ses dépens.*

despojar, VII, despir. Nesta acepção não encontro arquivado este vocabulo.

desputação, IV, disputa. Vide *descorrer.*

destorimento, X, destruição. Se não é devido a lapso do copista e representa pronuncia real, deve atribuir-se a metatese a forma citada: cf. *fremoso, fermoso* e *formoso.* A lingua antiga escrevia *destroir.*

destrovar, LVIII. Toma-se aqui no mesmo sentido que o latim disturbare que representa, isto é, de impedir, destruir; a metatese que nele se observa foi motivada pela tendencia a formar grupo.

destruii (leia-se *destrue)*, LXVIII, indicativo de *destroir.*

desvairadamente, L, por modos diversos ou *desvairados* como então se dizia.

detriminar, XXXV, determinar: metatese e assimilação.

deverso, I, diverso. V. *deluvio.*

deversidade, I, diversidade. De *deverso.*

diaboo, XLVIII, diabo: cf. o lat. diabolus.

dicipollo, XXIV, discipulo: cf. *decenger.* A par de *dicipollo* ocorre tambem *decipollo*, em virtude de dissimilação frequente: cf. *dezia, vezinho,* etc. No povo persiste ainda esta ultima forma.

donde, XLVI, cf. *aonde.* Dos passos citados, vê-se que se usavão indiferentemente as formas *onde, donde* e *adonde,* XLVI, XXXIII, não havendo distinção entre elas, pois em XX lê-se *lugar donde horava santo Antonio* e *donde averia aquelle moço.* No mesmo paragrafo é empregado este adverbio com a mesma significação em que o era em latim de *ex quo* ou em português *pelo que.* E' exemplo que tambem ocorre nos classicos.

E

Eduarte, LVIII. Forma antiga do actual *Duarte.*

elamento, I, elemento. Vide *Esopo* do dr. Leite de Vasconcellos, s. v.

Elbrom, L, segundo o texto, povoação nos arredores de Torres Novas, á qual corresponde provavelmente a que hoje se chama *Alvorão,* pertencente á freguesia de Assentiz e distante de aquela vila cerca de cinco kilometros.

embargando (nom), XXIII, sem embargo de, apesar de, não obstante, ocorre com *embargante (nom)*.

emcapelado, XLVII, o que usa ou traz capelo ou capuz O texto original diz caputiati. Nesta significação não encontro arquivado este vocabulo.

emchujar e **emxujar**, XXVII, manchar, çujar. A primeira grafia, emchujar, deve ter-se, a meu ver, por *lapsus calami*.

emcrinar, I, inclinar.

emduzir, XLVII, aconselhar, admoestar; é forma ainda popular.

ẽmendar, XXX, emendar, corrigir: cf. *enxemplo*. É forma subsistente no povo.

emfengido e **infingido**, XXXVIII, fingido, falso. A lingua arcaica possuia o verbo *enfinger* que a hodierna conserva, mas sem o prefixo e com mudança de conjugação.

emfirmidade, XLVII. Embora mais frequente, alterna com *emfermidade*, XLI. Na primeira destas formas deve ter predominado a assimilação.

emformar, XIII, instruir, ensinar; ainda popular.

emframado, XXIII, inflamado: cf. *frama* ao lado de *flama* e *chama*.

emmigo, XLIX, inimigo. Como se vê, a forma actual foi refeita sobre a latina inimicus. Vide *imigo*.

empero, XX, mas: *empero que*, L, ainda que, embora.

emprimir, VII, imprimir. Como é sabido, a lingua moderna, em obediencia á latina, trocou em *in* o *en*, principalmente inicial-atono, de muitas palavras, tais como *enveja*, *enteiro;* no povo ainda persistem as arcaicas formas regulares.

emteiro, XXIV, inteiro. Vide *emprimir*.

emtençam, LXVIII, intenção. Vide *emprimir*, *emformar*.

emtonces, XXVI, então. Ao lado desta forma, que ocorre ainda em B. Ribeiro, *Menina e Moça* parte II, cap. 15, usa-se neste texto tambem *emtonce*, no § VI.

emviar, I, despedir, mandar embora.

emvidia LXI, inveja. Vide *invidia*.

encabeladura [1], VIII, os cabelos.

enderençar, XII, dirigir. Vide *Esopo* do dr. Leite de Vasconcellos, glossario s. v.

enxugentar, XXX, çujar, manchar: cf. *emchujar*.

esclavo, II, eslavo ou habitante da *Esclavonia* ou antes *Escravonia*.

esculhe, XLV, imperativo de *escolher*.

espersamente, LXVIII, frequentemente. Vide *esperso*.

esperso, L, espesso. Afigurase-me que, por falsa analogia com *persoa*, em vez de *pessoa*, se trocou neste adjectivo o penultimo *s* por *r*. O adjectivo *espesso* que, no sentido de amiudado, ocorre, segundo Moraes (Dicionario, 8.ª edição), na Cronica de D. João III de Fr. de Andrade, entra, com igual significação, no adverbio *espersamente*. Cf. tambem italiano *spesso*.

espicial, XXXI, especial. É um dos numerosos casos de assimilação do *e* ao *i* que o presente texto nos oferece. Vide a já citada *Ortografia Nacional* do snr. Gonçalves Viana, pag. 99 e seguintes.

espirar, XLVIII, forma popular de *inspirar*, que ocorre tambem em LII; cf. espiraçom no § I.

espiriemcia, IV, experiencia. Vide *espicial*.

espois, LVI. Assim verteu o tradutor anonimo a particula latina igitur. Na *Regra de S. Bento*, inserta no codice alcobacense n.º 14 (Vide a minha *Chrestomathia archaica*, pag. 27) ocorre o vocabulo *espões*, no sentido de «por causa de», o qual, não obstante a similhança me parece

[1] Alguns dos vocabulos que seguem têm no codice *m*, em vez de *n*, como os anteriores, mas por lapso escrevi-os com *n*; procurem-se, pois, com qualquer dos nasais.

nada ter com o de que me estou ocupando, que, pelo sentido, é talvez o adverbio *depois*, que no povo soa ainda hoje *espois*, em virtude da frequente troca do prefixo *des-* por *es-*.

espresamente, IX, XXX Vide *espersamente*.

esprivy (leia-se *escrive)*, XXI, imperativo de *escrever*.

esso (meesmo), I, L, igualmente, tambem.

estar, VIII. Neste passo tem este verbo o sentido de demorar-se.

estilamento, IX, pingo, gota.

estoutro (dia), XLVIII, ha poucos dias.

Excelino, XXX ou **Encelino**, LIX. Ao tirano, que desde o começo do seculo XIII governou despoticamente Padua, Verona e outras cidades da Italia, dão os manuscritos tambem os nomes de Icilino, Eccelino ou Ezelino, com o epíteto de Romano, que o tradutor português verteu por *de Roman*, proveniente do lugar do seu nascimento. Diz-se ter morrido no cerco de Milão em 1259, depois de um governo de mais de quarenta anos. Informa-me o snr. Pedro de Azevedo que em um documento latino do seculo XIII aparece o nome Henzelinus.

F

famosidade, LVIII. Talvez esteja por fumosidade ou abundancia de fumo. V. *Anotações*

Felipo, Felipe e **Phelipo,** formas que no § XXIII designam o actual *Filipe* ou melhor *Felipe*.

ferir, XLIX, bater, maltratar.

fezo, XXXI, preterito de *fazer*. A par de *feze*, IX e *fez*, XXIV.

fim, XXIV. Conserva ainda o genero feminino: *aa fim*, por fim, finalmente.

finar, XXXIII, acabar, morrer. A lingua actual usa este verbo, com igual significação, mas na forma reflexa.

firmimente, XXXV, firmemente.

floxedade, LXVIII, froxidão, relaxação. Escreve-se geralmente *frouxo*, a meu ver, erradamente, pois o representante latino deste adjectivo é *fluxus*. Tem igual proveniencia, segundo o Dr. Cornu, *Die port. Sprache*, § 135, *chocho*.

foi, XXXVII, XLVII, 1.ª pessoa do singular do preterito do indicativo do verbo *ser*.

folegar, LIV, respirar, tomar folego.

fondido, XXXV, afundido submergido.

Fornelles, LVI, aliás *Forlivensis dioecesis*, hoje Forli, na Italia.

fresta, XXVIII, janela: cf. fr. *fenêtre*.

G

garda, LV, guarda. Apesar de por vezes escrito com *gu*, inclino-me a crer que a sua pronuncia antiga era similhante á actual francesa: cf. *gardar*, XXVII.

Gerumdia ou **Gironda**, LXVI, hoje Gerona, cidade da Catalunha.

gorecer, XLII, curar. Ocorre com *guarecer* XLII. Vide *gorir*.

gorir, XLI, curar. Persiste ainda no povo.

I

igleja, III. Nesta forma, que ocorre ao lado da mais frequente *igreja*, V, XI, XIII, etc. talvez o *l* seja devido a influencia castelhana.

imvidia, LXI, inveja: latinismo.

inchadura, LVI, inchaço, tumor inflamado.

indolgemcia, I, a par de *indulgemcia* II.

infirmidade, XLVI, ocorre com *emfirmidade*. Vide esta palavra.

ingres, II, inglês

L

lampado, XIII, relampago. Vide a proposito deste vocabulo *Revista Lusit.* XII, pag. 9 (artigo da snr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos).

lecemça, XV, licença. É mais um caso de assimilação.

leenda, LXVIII, lenda. Apar de *lenda* e com a mesma significação, diz-se *leitura* no § LXIV.

Lemosnes ou **Lemosenes,** VI. Vide *Anotações*.

Lenomcio V. **Lemosnes.**

letara, XV, carta. Se não é erro de escrita, deve esta forma provir de *letera* que, a par de *letra* e em igual sentido, ocorre no mesmo §.

ligitimamente, XXIX, legitimamente: assimilação.

limpamente, XXVI, bem, sem dificuldade. No texto latino corresponde-lhe *libere*.

livor, LXI, rancor, odio. Pertence este vocabulo, como *peligro* e outros, á lingua castelhana.

longo, XLIX, longiquo, afastado: *longinquiis partibus* tem o texto latino neste passo.

lumbenilho, LVI, nome de certo tumor a que no latim corresponde *nacta*. No vocabulo português, que se me afigura de proveniencia castelhana, parece haver relação com *lombo*.

luminaria, LXVIII. No sentido em que aqui é tomado este vocabulo usa-se hoje de preferencia *luminar;* actualmente a palavra *luminaria*, aplicada a pessoas, tem significação pejorativa e designa o contrario, isto é, individuo estupido.

Lupa, XLVII, nome de mulher, cujo masculino é *Lopo*, ambos, decerto, de introdução eclesiastica.

M

madre, IX. Parece que na lingua da época ainda se não conhecia o termo actual *mãi*, pois aquele é o unico empregado.

maginhaçom, LVIII, imaginação. O português arcaico usava frequentemente o verbo *maginar*, no qual, como naquele vocabulo, que me parece ainda não foi arquivado, caiu a vogal isolada inicial, facto de que ha na lingua antiga bastos exemplos.

mais *passim*. E' a unica forma apresentada pelo texto, donde se depreende que ainda não havia evolucionado na actual *mas*. Continua a fazer parte da lingua popular: cf. francês *mais*.

mansidõe, XL. A par das formas em *õe*, que são as mais antigas, ocorrem já outras em — *om* donde se formaram depois as actuaes em — *am* ou — *ã*.

mártere, XXIII. martir. No povo persiste ainda a palavra *mártele*, proveniente daquela por dissimilação.

marterezar, LXIV, martirizar: assimilação.

martrilojo, XXXIV, martirologio. Forma popular resultante da queda normal da vogal protonica, provocada pelo grupo *tr*, e absorpção do *i* pelo *g*: cf. *fujo* de fugio. Ao lado de *martrilojo*, oferece este texto tambem *martilogio*, LXVII, em que a queda do *r* se deve atribuir a dissimilação.

matiis, LXVI Creio que este vocabulo, aqui pela primeira vez arquivado, tem a significação de *manhã:* cf. o francês *matin* e o italiano *matino*. Em espanhol arcaico ha tambem *matines* e *matino*.

meester, LXVIII, necessidade (principalmente corporal).

menĩo, XVIII. Ao lado desta forma, que parece estar por *meninho*, encontra-se no presente texto tambem *minino*, [1] XIX que ainda persiste no povo.

menos preçar I, hoje menos prezar, forma esta que, embora raramente,

[1] Como no lugar respectivo o pergaminho foi raspado, tenho a palavra *minino* por um dos modernizamentos de linguagem de que o codice oferece vestigios; contemporanea devia ser, parece-me, a forma *menĩo* ou *meninho* que se lê no § anterior, todavia *menino* e *minino* em LX.

já aparece no codice donde é extraído o presente texto.

merecimento (sem), III, causa, razão, motivo. É tradução do adverbio latino *immerito*. Ao lado desta forma tambem se usa *mericimento*.

mesegeiro, XV, mensageiro. Tambem *misegeiro* no mesmo §.

misquinho, XVIII, mesquinho. Na lingua antiga a grafia mais frequente era *mezquinho* ou *mizquinho*, como se escreve nos §§. XLVII e XLVIII.

moestar, XLVIII, ocorre com *amoestar*, hoje admoestar.

moesteiro, XXXIII, *passim*. Vê-se do presente texto que, na epoca em que ele foi escrito, ainda se não tinha dado a absorpção do *e* pelo *o* que se observa no actual *mosteiro*.

Monpirle, V ou *Momprisler* ou *Monpriller* XVII, a actual cidade francesa de *Montpellier*.

mudada, XLIX. Evidentemente a significação deste adjectivo é admirada, atonita; cf. *transtornado* que por vezes empregamos em sentido identico.

multidõe (a par de *multidom*), I hoje multidão: cf. *mansidõe*.

muu, III. A lingua moderna substituiu este vocabulo por *macho*, mas conservou o respectivo feminino, regressando, porem, á forma latina ou adoptando a castelhana *mula*, em vez da antiga e regular *mua*.

N

nacemça, LII, nascimento. É vocabulo que se ouve frequentemente no povo, como o primitivo *nacer*, XXV.

necisidade, LXVIII, necessidade: assimilação.

nehuum, I, nenhum. De ser esta a grafia exclusivamente apresentada pelo texto, concluo que a nasal inicial ainda não tinha influido na vogal imediata, produzindo a forma actual. Quando não seguido de substantivo, tem este pronome o sentido de *ninguem*, como em XXV. O feminino respectivo é *nehũa*, e emprega-se na acepção de *nula* (em LXVIII em que está referida a sentença).

nigrigemcia, XLII, negligencia: cf. *necisidade*.

Nobilasco, IX. Vide *Anotações*.

nome (aver), XXIX, chamar-se. É expressão corrente na lingua antiga.

novamente, XVI, pouco antes.

novicio, VI. É vocabulo castelhano; o português *noviço* ocorre tambem no mesmo §.

O

olvidamento, V, esquecimento. V. *creamento*.

omildosamente, III, humildemente.

onde, XLV, pelo que: vide *donde*. Tambem o latim emprega o adverbio *unde* em vez de preposição e relativo. Vide *Gramatica latina* de Madvig, § 317, ob. 2.

outavairo, LIX, mas *oytavario* no mesmo §.

P

padre, XXVI, passim. Do seu emprego exclusivo conclue-se que ainda então se não usava o actual *pai*.

parantesco, XXXV, parentesco. É frequente ainda no povo a troca do *en* por *an* em silaba atona: cf. os meus *Dialectos algarvios*, a pag. 37 do vol. VII da *Rev. Lusit.*

parecer, XL em vez de *aparecer*.

Parusio XXXV. Vide *Anotações*.

Paudua, XV. Esta grafia parece devida a lapso do copista, pois a mais corrente é *Padua*. XXVII, etc.

paxom, XLVII, paixão. V. *compaxom*.

pelegrino, I ao lado de *peregrino*, II.

peligro, LIX, perigo. É vocabulo espanhol.

peligroso, LVI, perigoso. Vide *peligro*.

per, L. É frequente e alterna com *por*. Tambem no mesmo § e outros *pera* ao lado de *para*.

percomturbar, X, perturbar. Em latim a preposição *per* junta-se como prefixo a varias palavras (verbos e adjectivos) para lhes aumentar a significação. Vide *Dict. etym. lat.* de Breál, s. v. *per.*

perfioso, III, perfido.

personalmente, XXX, pessoalmente. Se a nasal intervocalica não está indicando o nasalamento da vogal anterior, deve o vocabulo ser castelhano. No § LXVIII ocorre *persoalmente.*

pistola, XVI, epistola. Ao livro que contém as epistolas chamava-se tambem *pistoleiro,* como se pode ver em *Um Inventario do seculo XIV* do snr. Pedro de Azevedo, pag. 11.

podrecer, XXXIX, apodrecer.

poinha, LXVIII, vide *puinha.*

pongido, I, pungido, no sentido moral, isto é, arrependido.

pormeter, IV, prometer: metátese frequente.

poso, XLIV, preterito de *poer,* ao lado de *pose,* XVII.

precisom, L, procissão: cf. arc. *fremoso* de *formosus.*

pregarias, XXV, suplicas, preces. Alem desta forma, ocorre na lingua arcaica *plegarias* e ainda *pregalhas.* Em vista da sua origem, que deve ser o lat. *precarias,* afigura-se-me errada a acentuação no *i* que os dicionarios apresentam: cf. italiano *preghiera* e o fr. *priere.* O espanhol antigo possuia tambem *plegarias* e *pregarias.*

primeiro (de) XIX, antes.

Proença, XXIV, hoje Provença. A forma antiga é ainda usada mas só em apelidos de pessoas.

profioso, LIX. Vide *perfioso:* cf. *preçisom.*

promitimento, LI, promessa.

propio, XXV, proprio: ocorre o vocabulo no castelhano e na linguagem popular de hoje.

prouguesse, XXX, imperfeito do conjuntivo de *prazer:* cf. *prougue* no § LV.

provemcia, LVII, provincia. Vide *Esopo,* s. v

puinha, XVIII imperfeito do indicativo de *poer.*

purgaminho, XLVIII, pergaminho.

Purtugal, XLVII: é a unica grafia que se usa neste texto.

Q

quer: como quer que, XVI, ainda que, embora.

quiria, VIII *passim.* Esta forma resultante de assimilação ocorre com mais frequencia do que *queria,* XVIII.

R

rauto, XVI, extatico, em extase: de *raptu* cf. arc. *auto* hoje *ápto.*

rebolicio, LIII, reboliço. No texto encontra-se *debolicio,* que tenho por *lapsus calami.* No espanhol tambem ha *rebolicio* e em português, a par de *boliço,* diz-se tambem mais frequentemente *bolicio.*

refazer, XLIX, alimentar, recrear: cf. francês *refaire.* Aqui a tradução literal do *reficere (sacris sermonibus)* do original latino.

refrear, XXX cohibir-se, mas no § XII parece ser este verbo tomado no sentido de: censurar asperamente, pois neste lugar o texto latino emprega o verbo *detestari.*

rega, XVI. Assim está no texto, mas noutras partes lê-se *regra.* Se não é devido a descuido do copista, representa este vocabulo a linguagem popular em que ainda vive.

registir, XVII, resistir: cf. *aginha* e *asinha.*

regno, XLV, reino. Latinismo. A verdadeira forma vem, por exemplo, no § L.

Relato, V, a cidade de *Arles* em França.

resente, LX, recente: deve ser grafia errada, a verdadeira *rezente,* encontra-se no § LXXI; a 1.ª edição das

obras de Gil Vicente (*Serra da Estrela*) traz tambem *resente*.

restringido VII, apagado, extinto. Vide *Anotações*.

resucitamento, XIX, resuscitamento: cf. *resucitar*.

resucitar, XXXV, resuscitar. É pronuncia ainda corrente no povo: cf. *nacer* etc.

S

saar, LXII, sarar. Esta forma supõe a anterior *sãar* que, depois de perdida a resonancia nasal, se tornou em *saar*, donde, pela regular condensação das vogaes, resultou *sar* que ocorre no § LIV.

saia, VII, habito.

sanificar, LVIII, significar. Se não houve descuido do copista, deve este vocabulo ter resultado, por dissimilação, de sinificar que vem no § LII ou melhor da pronuncia popular, que ainda subsiste, *seneficar*.

são (dar). XXXIII, sarar, curar.

secletamente, LXVIII. Troca do *r* por *l* que ocorre por vezes.

sey, XLIV, imperativo (2.ª pessoa do singular) de *seer*.

soldom ou **soldam,** XXIII. Sob esta ultima forma designava-se, em português, como em castelhano e francês, qualquer potentado oriental; hoje o vocabulo *sultão*, que lhe corresponde nas mesmas linguas, aplica-se especialmente ao imperador dos turcos.

solinidade, XXIII, alterna com *solenidade* no § XXXIV.

Sollemiaco, VII. Vide *Anotações*.

somergulhar, XXXV, submergir. Neste vocabulo que, segundo creio, ainda não foi arquivado, influiu de certo o antigo verbo *somerger*.

somerjudo, XXX, submergido. Um dos raros participios em — *udo* que o texto ainda conserva.

sopulcro, LVII, sepulcro. Vide *sopultura*.

sopultura, alterna com *sepultura* no mesmo § LIX. Cf. *somana* e *semana*.

sospenso, XXVIII, suspenso.

stemtivos ou **stentivos.** Assim se lê no § LVII: o copista, por lapso, escreveu *-vos* em lugar de *-nos*, devendo portanto ler-se *stentino* ou *estentinos*, que seria pronuncia popular da palavra culta *intestinos* pela passagem da resonancia nasal para a silaba imediata (cf. *adem* de *ãade*) e do *s* de *-tes* para o principio da palavra (cf. arc. *escupir*, pop. *estrapor*, *estramontar*, etc. de *cuspir*, *transpor*, *trasmontar*, etc.) É vocabulo comum tambem ao antigo castelhano.

T

Tarega, XLV em vez de *Tareija* que se lê no mesmo §.

tavoleta, XXXIX, alterna com taboleta e designa a especie de matraca de que, na idade media, os leprosos devião andar munidos, afim de, com o seu bater, afugentarem do seu contacto a qualquer caminhante.

Thomasim, LV, nome de homem, no latim *Thomasinus*.

thono, LXVII tom: é vocabulo castelhano.

traladaçom, alterna com *treslladaçom* no mesmo § LX.

treladar, XVI, trasladar, traduzir.

trelado, XLVIII, treslado, eopia.

trestornar-se, XLIV, voltar-se.

trobar, XXV. Creio ter havido aqui lapso do copista em vez de *trotar*. V. *Anotações*.

trocamento, I. Como no original latino a palavra que corresponde a esta é *truculentia*, que quer dizer dureza, violencia, parece-me não corresponder a tradução á ideia do autor; talvez a similhança que existe entre as primeiras silabas do vocabulo latino e do português induzisse o tradutor em erro.

V

vas, XXXIX, 2.ª pessoa do singular do indicativo presente de *viir*, pronuncia que ocorre igualmente em Gil Vicente e subsiste ainda na linguagem popular.

veo ou **veeo**, XXII, preterito do indicativo (3.ª pessoa) de *viir*.

venino, LIV, veneno. Esta forma que ocorre tambem no espanhol antigo, foi talvez importada do francês.

veninosso, IV, venenoso. De *venino*.

Vercelhas, XVI ou **Vercellos**, XXXII, a cidade italiana conhecida pelo nome de *Vercelli*.

verra e **veera**, XXX, XXII, futuro do verbo *viir*.

Verna, IX. Vide *Brina*.

vĩir, XVI, mas tambem *viir*.

virge: assim se lê no § XXXVII: sobre a queda da nasal, se não houve descuido do copista, cf. pop. *vage*, *nuve*, etc.

Vitubrio, XII, aliás *Bituris*, hoje *Bourges* (França).

vizma, XXXVIII, venda ou tira de lenço, como o tradutor se exprime antes. No espanhol arcaico ocorre o termo que deve ser o mesmo que o actual *bizma*: este toma-se no sentido de «emplastro e pele ou pano ou pedaço de lenço em que a *bizma* se aplica.» No povo existe o vocabulo *abisma* e, se me não engano, tambem no sentido de emplastro. No original latino a palavra que corresponde a esta é *binda*, que não é outra senão o antigo alto alemão latinizado.

Observações literarias e filológicas

O texto que trago agora a lume é extraído do mesmo códice em que se encontra o *Martyrio dos Santos Martyres de Marrocos* publicado nesta mesma *Revista*, vol. VII, pag. 189, pelo distinto orientalista, snr. Esteves Pereira.

Como a descrição do códice já aqui foi feita por este senhor, abstenho-me por isso de a fazer; só acrescentarei que é um belo volume, de letra bem feita e de facil leitura, a tinta preta, com excepção dos titulos e iniciaes dos capitulos que são de côr vermelha e em geral com ornatos, as ultimas principalmente; apenas nas primeiras paginas a letra é mais miuda que nas restantes. O pergaminho nalgumas partes está esburacado, mas esse defeito é anterior á copia, e em varios sitios vê-se bem que foi raspado por um revisor posterior que ora tratou de avivar palavras já esmaecidas, ora de corrigir lapsos do copista, emendando letras e pondo em entrelinhas o que a este escapara; parece até que houve intuitos de modernizar a linguagem, substituindo uns termos por outros. Algumas das correcções, pela grande diferença da letra, reconhe-se que foram feitas muito mais tarde.

Pelo seu conteudo que, sendo narrativo, não só se torna de leitura mais ou menos atraente, mas tambem dá ensejo a maior riqueza e variedade de expressão, merecia ele as honras da publicidade, e bom

serviço prestaria ás letras patrias quem o trouxesse a lume. Gostosamente o faria eu já, se me fosse possivel, pois que, atraído principalmente pela sua linguagem, dele tirei copia inteira; na impossibilidade, porem, de presentemente pôr em pratica este meu desejo, contento-me com ajuntar o extracto presente ao publicado pelo snr. Esteves Pereira, reservando-me para depois, se Deus me der vida e ensejo se me oferecer, o publicar por completo.

Passarei agora ao estudo, por assim dizer, interno do codice. No breve prólogo da sua transcrição apresentava este senhor varias considerações ácerca da epoca e composição das *Cronicas dos ministros e geraaes da ordem dos frayres menores*, sendo de parecer que elas haviam sido originalmente redigidas em português, aí pela segunda metade do seculo XIV. Dando eu parte ao snr. Esteves Pereira da copia que andava tirando, ele teve a bondade de chamar a minha atenção para um artigo critico que sobre a sua publicação aparecera nos *Analecta Bollandiana*, tomo XXIII, no qual se contestava a primitiva redacção em português do extracto publicado e se opinava provir ele de uma versão literal de um texto latino inserto numa Cronica dos XXIV primeiros geraes da ordem de S. Francisco a qual fôra em 1897 editada pelos Padres Franciscanos de Quaracchi, perto de Florença, na Italia. Consultando os *Acta Sanctorum*, no volume referente ao mês de junho, achei, entre as varias narrativas respeitantes a Santo Antonio, uma que se dizia extraída das antigas cronicas da ordem, e cotejando-a com a que se encontra no códice de que trato, reconheci logo que esta era tradução de aquela; a unica diferença estava em que na versão portuguesa figurava como primeiro capitulo, ou seja *Como santo Antonio pregasse* etc., o que no original latino, em harmonia com o sentido, era o segundo.

Para mais me certificar, fiz aquisição do volume publicado pelos referidos franciscanos, que se intitula *Analecta Franciscana sive Chronica aliaque varia documenta ad historiam fratrum minorum spectantia*, e, após acurado exame, reconheci que o códice todo, e portanto a presente narrativa, era efectivamente, como pretendia o critico bolandista, tradução da cronica latina nele inserta, divergindo dela apenas em que, enquanto esta trata dos primeiros vinte e quatro geraes da ordem, aquele ocupa-se só dos dez primeiros, como aliás declara, na primeira pagina do manuscrito português, uma nota ali posta por mão diferente da que escreveu o resto, abrangendo o seu conteudo tudo quanto vai naquella publicação até paginas 381, isto é, alem da vida de S. Francisco, com os respectivos milagres e os de S. Antonio, tambem as biografias de fr. Bernardo de Quintaval, frei Rufino, frei Junipero, fr. Leom ou Liom, frei Gil, frei Manseu, frei

Simão, frei Christovão, santa Inés, santa Clara, frei João, frei Elias, frei Alberto, frei Aymon, frei Crecencio, frei João de Parma, frei Boaventura, frei Jeronimo e finalmente frei Boa Graça, o decimo geral da Ordem, ou antes os factos passados nésta desde a sua fundação até ao ano de 1285. Mas porque se não teria traduzido todo o texto latino, quando este se julga estar já composto na sua maior parte antes de 1369, embora as cronicas fossem continuadas até 1375, e o codice português, segundo duas notas que no mesmo se encontrão, só foi escrito quasi um seculo depois, isto é, em 1470? A esta pergunta só poderá responder-se por conjecturas. Das formas exclusivas em *-des* na segunda pessoa do plural e raridade dos participios em *-udo* concluo que a tradução é mais antiga do que a data nela indicada e que portanto foi feita ainda no seculo XIV, em tempo em que a redacção latina da Cronica ainda não estava completa, mas da qual já existia uma bôa parte disseminada pelos conventos que a ordem possuia, pois não é crivel que, se o tradutor tivesse diante dos olhos todo o texto latino, deixasse de o traduzir por completo; isso poderia ter-se dado por falta de vida, não faltaria, porem, de certo quem neste caso o substituisse. Se assim aconteceu, o texto que possuimos já não é o primitivo, mas uma copia doutro mais antigo. E quem seria o tradutor? De certo que nem Estevo Eanes, filho de João Estevenz, que na nota final do codice se diz te-lo escrito, nem frei Antonio da Ribeira, gallego, que o mandou escrever, segundo nos informão uma nota no fim do volume e outra que vem na parte inferior da folha 297, o foram, no caso da tradução, como parece, provir do seculo anterior. Talvez que o primitivo exemplar, pelo muito uso, estivesse bastante estragado e que o primeiro destes individuos apenas executasse a ordem do segundo de tirar delle copia. Mas, se frei Antonio da Ribeira não fez a tradução, teria elle por qualquer forma influido nela? A sua qualidade de galego explicaria os galeguismos que ali se notão, como, por vezes, a desinencia em *-o* da 3.ª pessoa do singular do preterito dos verbos, *fazer, satisfazer, poer, impoer, compoer,* e *querer,* a forma *consentin,* que na 1.ª pessoa do preterito se lê uma vez, e bastantes vocabulos castelhanos taes como: *peligro, peligroso, color, pereza, pereçoso, golondrina, marfil, novicio, estudiar, alabamça, ayre, sonar, envidia, asnilho, canonico, color, livor,* e outros. Ou seria o copista, que parece não era frade, da mesma nacionalidade que o vigario de Santo Antonio de Villa Franca?

Sobre quem fosse o autor da Cronica latina de que o codice português é em parte tradução opinão os modernos editores que foi francês, da ordem dos menores e da provincia de Aquitania, talvez fr. Arnaldo de Sarano ou Seranno. Parece, porém, depreender-se do

contexto que ele não fez mais que resumir ou compilar escritos que sobre o assunto já existião, taes como as duas *Legendae* de fr. Thomás de Celano, a *Legenda trium sociorum* e a de S. Boaventura, chegando a copiar quasi todo o opusculo de fr. Bernardo de Bessa, intitulado *Liber de laudibus B. Francisci*; tambem lhe não foi desconhecida a *Chronica* de fr. Salimbene, o livro de fr. Thomás de Eccleston, *De adventu fratrum minorum in Angliam*, o opusculo intitulado *Dialogus Crescentii*, afóra uma colecção de devotas narrativas. Em muitos pontos a Cronica concorda com o *Speculum vitae B. Francisci et sociorum ejus*, como o proprio autor confessa; serviu-se ele tambem das *Cronicas* de fr. Peregrino de Bolonha de cujo prologo, que começa por estas palavras *Quoniam praeteritorum narratio*, etc., ele se aproveita no seu trabalho; tambem por vezes apela para relações oraes que lhe forão feitas por frades que lhe confessavão ter ouvido os factos narrados ás pessoas que deles havião sido objecto ou a outras com elas relacionadas; cita igualmente os *Ditos* de fr. Leão que, com fr. Rufino e fr. Angelo, no anno de 1246, escreveu, alem da mencionada *Legenda trium sociorum*, outros escritos acerca de S. Francisco aos quaes o autor faz referencias e donde extrae algumas cousas [1].

Principía o manuscrito por estas palavras: Em nome de deos começam sse as caronicas dos ministros geraees da ordem dos fraires menores. O prollego do qual he este que sse adiamte segue. Porquamto ho recomtamento das cousas pasadas he proveitosso pera emsinamemto dos presemtes e cautella dos que som por vĩir. de aquy he que as coussas notavees booas e maas que em desvairados tempos sob diversos ministros jeraaes em alguũas leituras trautados [2] e processos e coronicas achey derramadas que em na samta hordem dos fraires menores avia acomtecido E ainda da vida dos samtos fraires buscadas em quanto pude em verdade em no seguinte livro ajumtey.»; em seguida entra o autor no assunto da sua narrativa, começando, no «capitulo primeiro, em como primeiro ministro geeral. foy ho glorioso padre Sam Francisco.»

Embora ele não o diga expressamente, suspeito que o historiador da Ordem franciscana, fr. Marcos de Lisboa, se refere a este códice, quando, entre os livros que o auxiliaram no seu labor literario, em

[1] Esta resumida noticia colhi-a no breve prologo que antecede a actual edição e vi-a confirmada na versão portuguesa.

[2] *Trautadas* foi o que primeiro se escreveu, de certo por atracção com a palavra antecedente, depois a mesma mão, ao que parece, emendou o *a* para *o*; o latim tem efectivamente *tractatibus*.

cujo numero entra a mór parte dos citados, menciona as *Cronicas antigas da ordem*. A avigorar a minha suspeita está o emprego da palavra *cativello*, que o *Dic. de Moraes* diz «dificultosamente se encontrará em outro classico» referida ao mesmo personagem a que no manuscrito em questão é aplicada, isto é, a fr. Rufino.

Aos feitos milagrosos do santo português dedica a *Cronica* uma parte importante a qual no codice ocupa o que vai de folhas 89 recto, segunda coluna, até folhas 114, igualmente recto e segunda coluna, ao todo 25 folhas, mas, afóra isto, fazem-se nela bastas referencias ao mesmo, como do presente extracto se vê [1]. Entre a narrativa portuguesa e a latina ha perfeita similhança; se alguma divergencia se encontra, não falando nos titulos dos capitulos que não são iguaes, é numa ou noutra palavra, o que aliás não se estranhará, sabendo-se que ainda hoje existem nada menos de 13 codices, copias da primitiva redacção, todos provenientes do seculo XIV e XV.

Passarei agora ao estudo da lingua do codice; tomando por base as palavras e frases do presente extracto, farei umas breves considerações glotologicas debaixo do seu aspecto grammatical, começando pela

A) FONETICA

1.º Persistem em geral as vogaes dobradas resultantes da queda de consoante intermedia, mas nota-se já tendencia para a contracção; assim, ao lado de *poboo*, *diaboo*, *seer*, *veer*, *algũu*, *bõo*, *jejũus*, etc., aparece *pregasse*, *pregaçom*, *ser*, etc. Palavras ocorrem até em que a vogal se acha duplicada, sem que tenha havido sincope de consoante, taes são: *mañõs*, *cheeo*, *moodo*, *meea*, *aprazeriia*, *quaaes*, *maao*, *maar*, *ceeo*, *ouviia*, *sermoões*, *vaão*, *meedo*, *aveer*, *booa*, etc. [2] É que, tendo-se perdido a noção da queda da consoante intervocalica, porque isso se

[1] Não está completamente inédito o que nele figura; o erudito Gabriel Pereira, ha pouco falecido, que foi quem primeiro, segundo creio, revelou a existencia do codice n.º 94, no tomo VII da 3.ª serie do *Boletim da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes*, n.ºs 3 e 4 a pag. 48, fazendo dele uma breve descrição e atribuindo, erradamente como vimos, a Estevo Eanes a sua composição, de certo em comemoração do centenario de Santo Antonio, aí publicou os trechos que aqui têm os n.ºs I — XXXI — XXXV — XLIV — XLV — LXII e LXIV.

[2] Mas tambem *cheo*, *feo*, *cea*, *candea* etc., assim como *ja*. A duplicação de vogaes encontra-se por vezes em casos em que era completamente desnecessaria, como no plural do artigo definido feminino, por isso um dos *aa* aparece aqui e ali apagado por alguem que leu o codice depois de escrito ou quiçá pelo proprio copista. Neste extracto ponho entre paréntese a vogal que julgo estar a mais.

dava de preferencia na tonica, mais tarde para a indicar recorreu-se a este artificio da duplicação. De aqui parece concluir-se que, na epoca em que foi executado o manuscrito, se a duplicação ainda se fazia sentir na pronuncia, propendia-se todavia já para a contracção [1].

2.º Enquanto as vogaes tonicas persistem, nas atonas dão-se freqüentes oscilações; assim *e* e *i*, *o* e *u* alternão entre si, como se vê dos seguintes exemplos: *dizia* e *deziam*, *demoneos* e *demonios*, *emfirmidade*, que é a forma mais freqüente, e *emfermidade*, *vertude* e *virtude*, *solinidade* e *solenidade*, *devinal* e *divinal*, *menistro* e *ministro*, *vezinha* e *vizinhança*, *feuza* e *fiuza*, *misegeiro* e *mesegeiro*, *sopitamente* e *supitamente*, *ocupado* e *acopou-se*, *costume* e *costume*, *sopricar* e *supricar*, *capitollo* e *capitulo*, *poinha* e *puinha*, etc. Note-se, porem, que a tendencia é para mudar em *e* e *o* os *i* e *u* originaes, como mostrão *fegura*, *deluvio*, *lecemça*, *desputar*, *despostos*, *deversidade*, *atrebuir*, *descorrer*, *Felipo*, *martere*, *martereзados*, *titollo*, *sobido*, *sospiros*, *sospeita*, *sospenso*, *indolgencia*, etc.; os casos em que se dá o fenomeno contrario, isto é, a troca por *i* e *u* dos *e* e *o* de origem poderão talvez explicar-se por influencia ou da consoante com que se achão em contacto (assimilação incompleta) ou da vogal seguinte (assimilação completa); é o que se vê em *milhor*, *minimo*, *nigrigencia*, *concibimento*, *emfirmidade*, *solinidade*, *firmimente*, *necisidade*, *sinificar*, *misquinho*, *Grigorio*, *misegeiro*, *Purtugal*, *purtugues*, *mintir*, *sintir*, *julgar*, *sopultura*, *sopulcro*, a par de *sepultura* e *sepulcro*, *somana*, *sobir*, etc. Como hoje na lingua popular, ha já *piadoso*.

3.º Alternão igualmente *im* e *em* e *om* e *um*: *emfengido* e *infingido*, *encrinar* e *inclinar*, *emfermidade* e *infirmidade*, *confondidos* e *confundidos*, mas, como aconteceu na formação da lingua, aos *im* e *um* latinos correspondem *em* e *om* portugueses; assim *enduzir*, *enteiro*, *encorrer*, *entemçam*, *entento*, *fondido*, *comprir*, todavia *compunçom* e *compungidos*, ao lado de *compongidos*, *pongidos*.

4.º A vogal final, que cae regularmente depois de *r* ou *z*, aparece contudo em *martere*, *requere*, *feze* e *praze*, ao lado de *praz*.

5.º Embora as vogaes *e* e *o* alternem com *i* e *u*, todavia na 3.ª pessoa do singular do preterito perfeito do indicativo dos verbos da 2.ª conjugação a grafia é sempre *-eo*. Na 3.ª pessoa do plural do mesmo tempo a unica desinencia é *-rom*, em harmonia com a latina *-runt*.

[1] Nota-se a contracção ou crase nestes §§ XXII *(aquela* por *aaquela)*, XXVII (idem), XXIX *(aquelle* por *aaquelle)* XXXIII *(a terra* por *aa terra)*, L *(aquela molher* por *aaquela molher)*, LXI *(a igreja* por *aa igreja)*. LXVIII *(as quaes, a ordem*, por *aas quaes, aa ordem)* LXX *a oraçom* por *aa oraçom)*, etc.

6.º Continuão a persistir as terminações *-om*, *-am* e *-õe* (tambem escrita *-oem)*, conformes com a sua proveniencia *-one*, *-ane* e *-udine;* parece, todavia, notar-se já uma tal ou qual tendencia para a redução, que mais tarde se deu, de todos aquelles sons a um unico *-am*, porquanto, ao lado de *sermom*, *beençom*, *razom* e *multidõe*, embora com muito menos freqùencia, ocorrem tambem as grafias *sermam*, *beençam* e *razam*.

7.º O *e* inicial atono, não protegido por consoante, aparece por vezes nasalado, como ainda hoje se observa na lingua popular; vê-se isso em *enxemplo*, *enleger*, *enliçam* e *ẽmendar*.

8.º Nos verbos, quando á vogal final se segue outra identica, esta aparece ás vezes absorvida por aquela; é o que se observa em: *colheos*, *meteos*, *recebeos*, *confirmandos*, *ouvindos*, em vez de *colheo-os*, *meteo-os*, *recebeo-os*, *confirmando-os*, *ouvindo-os*. Igual absorpção pela vogal antecedente se dava na 3.ª pessoa do singular dos preteritos dos verbos em *-er* e *-ir*, ainda quando o pronome enclitico não começava pela mesma letra, como se vê em *partisse*, *entrestecesse*, *defendelhe*, *desaparece-lhe*, por *partio-sse*, *entrestecco-sse*, *defendeo-lhe*, *desapareceo-lhe*. Estas absorpções persistem ainda, pois, a não ser por afectação, a maioria das pessoas pronuncia *ouvindos* e não *ouvindo-os;* a redução dos digrafos *-eu* e *-ou* a *-ê* e *-ô* é que é peculiar á gente do sul [1].

9.º Subsistem os digrafos tonicos *-ea*, *-eo*, que mais tarde intercalaram um *i* para evitar o hiato, assim: *candea*, *cea*, *cheo*, *feo*, *teeas*, etc.; mas nota-se já equivalencia de *ou* a *oi*, porquanto, a par de *oitavo* e *oitavario*, ha *outava* e *outavairo*.

10.º É freqùente a troca de *l* por *r* e vice-versa: assim *resprandor*, *resprandecente* e *resplandor*, *encrinar* e *inclinar*, *floxedades*, *supricar*, *pubricamente*, *secletamente*, *enframado*, *igleja*, *ingrês*, etc. Tambem por vezes permutão entre si *b* e *v;* é o que mostrão as seguintes formas *arrevatar*, *arrevatamento*, *bever* (a par de *beber*), *delivraçam*, etc. De *z* (ou *s* brando) por *g* e vice-versa são exemplos apenas *trazer*, ao lado de *tragia*, e *registir*.

11.º Deve ser devida a influencia da liquida a troca do *e* por *a* em *çarrada*, *camara*, *aspara*, *derrador* e *elamento*.

12.º *S* dobrado em contacto com *i* tende já a converter-se em *x;* assim, ao lado de *compaisom*, aparece *compaixom*.

---

[1] No presente texto ocorrem as grafias *troxesse* e *ovindo*, mas que são devidas a lapso do copista vê-se de outros lugares nos quaes estas palavras se achão escritas *trouxesse* e *ouvindo*.

13.º *S* impuro é representado geralmente por *es*, mas tambem ás vezes por *s*: assim *esprito* e *sprito*.

14.º Alem da assimilação, de que dei exemplos, ocorrem outros fenomenos foneticos, taes como: prótese em *alimpar*, *achegar*; síncope (motivada pela formação de grupos consonanticos) em *delivraçam*, *martrilogo*; metátese em *abretura*, *detriminar*, *fremosura*, *pormeter*, *crelizia*, *creligo*; aférese em *pistola*, *moestar*, *maginhaçom*: dissimilação consonantica em *martilogo*, *conhece-nos* (por *conheces-nos*), *apropiar*.

Obs. Ao lado de *fremosura* ha *fermoso*, *afermosentar*, *fermosamente* (confusão entre *fre*- e *fer*-, proveniente da quasi impossibilidade de distinguir os dois sons). Conservão ainda a forma primitiva sem *a* protésico *presentar*, *podrece*, *parece*o.

B) MORFOLOGIA

15.º ***Nomes.*** O plural dos nomes que no singular terminão em *-el* é feito pela adjunção de *-es* e queda do *l*: assim: *notavees*, *infiees*, *semelhavees*, *fiees*, *perduravees*, etc. *Dom* faz no mesmo número *doões*.

16.º Continuão ainda invariaveis os nomes de agente em *-dor*: é o que mostrão as palavras *servidor* (IX) e *pecador* (XLVIII) aplicadas a mulheres; nota-se, porem, que essa invariabilidade deixara de persistir em *senhor*, por quanto o presente texto apresenta-nos já a forma *senhora* (IX) [1].

17.º Na formação do superlativo é exclusivamente empregado o processo seguido pelo povo, de juntar ao adjectivo no grau positivo o adverbio *muito*; a unica diferença está em que, em vez desta, se usa em todo o codice a forma *mui*, resultante de próclise: assim lê-se: *mui santo*, *mui pequena*, *mui espantoso*, etc.; um unico exemplo ocorre do emprêgo de *muito* neste caso, mas colocado depois do adjectivo: *trevoso muito*. Similhantemente o superlativo de *muito*, quer adjectivo, quer adverbio, é *mui muito* [2].

18.º O adjectivo *comum* tinha já perdido o som nasal no feminino, segundo se depreende da grafia *comua* que ocorre no § LXVIII; é sabido que esta forma, na lingua moderna, deixou de ser usada por, na qualidade de substantivo, ter tomado sentido especial; hoje *comum* aplica-se a ambos os generos.

---

[1] Apenas uma vez, se me não enganei, ocorre a forma actual *servidora*.

[2] Usa-se a expressão *moy moito* ainda em galego, como se vê na *Tecedeira de Bonaval*, de Lopez Ferreiro, pag. 17.

19.º **Numeraes.** Como no antigo espanhol [1], nota-se o emprêgo dos distributivos *onzeno* e *dozeno* em vez dos ordinais. Estes distributivos passaram mais tarde, na forma feminina, á classe de substantivos, sendo hoje os mais usados *novena, dezena, trezena, quinzena, vintena,* etc. Dos cardinais usava-se ainda *dous,* que, pela equivalencia posterior entre os ditongos *ou* e *oi,* se tornou em *dois* na lingua literaria de hoje; tambem persiste a forma *sassenta,* a qual supõe as anteriores *sasseenta* e *sessaenta.*

20.º **Pronomes** e **artigos**. Dos *demonstrativos* ocorrem no presente texto os seguintes: *aqueste, aquesta* (a par de *este, esta*), *mesmo, outro* e *aquele, aquela,* tambem escritos *aquelle, aquella* e *aquel* (cf. *aquelle dia* e *aquel dia* no § XXXIV), com as respectivas formas neutras, *esto, aquello* e tambem *ello.* Embora raramente, aparece já o actual *isso* [2], mas ainda não *aquillo.* Entre os *pessoaes* notarei, na 3.ª pessoa do singular masculino, *el,* que aparece, ainda que com menos freqüencia, ao lado de *elle; lhe,* referido ao plural, como noutros textos e ainda na linguagem popular, e na 1.ª pessoa, caso complemento indirecto, a forma já nasalada *mim,* a qual se converte em *migo* quando acompanhada da preposição *com,* que, como em muitas falas populares de hoje, conserva a nasalidade, estando até, neste texto, escrita separadamente do pronome. Nos *possessivos* havião já desaparecido as antigas formas. Entre os *indefinidos* citarei: *alguũ* ou *alguum* (com o feminino *algũa*), *nehuũ* ou *nehuum* em que a nasal inicial ainda não tinha influido na vogal seguinte, pelo menos assim o mostra a falta do respectivo sinal indicador desse som, e ainda *all.* Os *artigos definidos o* (raro *ho,* no plural sempre *os*), *a* tomão as formas *lo, la, no, na,* conforme se achão precedidos de palavra terminada por *r* ou *s,* letras que, na maioria dos casos, persistem na grafia depois de assimiladas (ex: *pollo, pola, tragelloey, atormentaloey, mataloedes, todollos,* mas tambem, ainda que menos freqüentemente, *por o, por a, porla, tragerlos, ouvirla, todas as, etc*)., ou pela preposição *em* ou forma verbal terminada em vogal nasal (ex: *em no* ou *ẽno,* mas tambem *em o, leixarom-na, amoestarom-no, non no,* etc). Os *artigos indefinidos* são: *huum* e *hũa.*

21.º **Verbos.** A segunda pessoa do plural termina invariavelmente em *-des* em todos os tempos, com excepção do imperativo, em que perde o *s,* em harmonia com a sua origem (ex: *andedes, avedes, fujades, tenhades, vejades, temades, veriades,* etc., *leixade, tornade,*

[1] Menéndez Pidal, *Gram. Hist. Espanhola*, pag. 163.

[2] Só tomei nota dum lugar, no § L.

sabede, ouvide, etc.); apenas um unico exemplo de sincope do *-d-* encontrei em todo o codice. Na 2.ª pessoa do singular do preterito encontra-se ainda a antiga terminação *-iste* nos verbos em *-er;* na 3.ª do mesmo numero dos em *-er* ou *-ir* dá-se, por vezes, como notei atrás, absorpção do *-o* ou *-u;* na 3.ª do plural do mesmo tempo a terminação é sempre *-rom;* a mesma pessoa, nos demais tempos, acaba, como hoje, em *-am* ou *ão* e *-em,* apenas o preterito mais que perfeito, no § XLIX *dormirom,* aparece sob a forma do preterito, talvez por lapso (ex: *convidarom, poserom, pensarom, conceberom, amoestarom, estavam, tinham, hiam, vaão, davam, abriam, encrinavvm, dam, ouvem, partiam, podesem, beberem, achegariam, julgariam etc.*). No participio do preterito ou adjectivo verbal dos verbos da 2.ª conjugação só por excepção aparece a antiga terminação *-udo.* Os tempos compostos são formados exclusivamente pelo verbo *aver;* a lingua hodierna usa de preferencia, como se sabe, o verbo *ter.* Nos incoativos persiste a desinencia *-cer* que, na lingua moderna, passou para *-scer* em alguns, que deste modo foram aproximados do latim.

22.º ***Verbos avulsos.***

estar: Na 2.ª do preterito e tempos de aí derivados aparece, como na linguagem popular, *e* em vez de *i* (*esteveste, esteverom, estevesse* etc.).

aver. No imperativo *ave* (tambem escrito *avee*).

destruir. No indicativo *destruii.*

escrever. No imperativo: *escrivy.*

escolher. No imperativo: *esculhe.*

fazer. Na 2.ª pessoa do singular do preterito e tempos de aí derivados dá-se, como em *estar,* a troca de *i* por *e* (*fezeste, fezera, fezesse* etc.); na 3.ª ocorrem as formas *fez, feze* e *fezo.*

ir. A 2.ª pessoa do singular do indicativo é *vas* [1].

---

[1] Esta forma, que ainda persiste no povo, ocorre frequentemente tambem em Gil Vicente.

prazer. Neste verbo e no composto *aprazer* a 3.ª pessoa do singular do indicativo presente ora conserva, ora perde o *-e* final; no preterito e derivados perdura ainda a antiga forma *prougue, prouguesse*, etc.; *aprouguer*, etc.

ser. Na 1.ª pessoa do indicativo presente ocorrem as formas *soom* ou *som* e *sam;* a 2.ª do plural do mesmo tempo é *sodes*. A 1.ª do preterito perfeito faz ainda *foy*, como noutros textos mais antigos. Do imperativo ocorre apenas *sey*. Do mesmo verbo aparece freqùentemente a forma *eras* [1] para traduzir a 2.ª pessoa do singular do presente do indicativo, isto é, *es;* quer-me parecer que o tradutor transportou para português o *eres* espanhol, que, como é sabido, designa nesta lingua a 2.ª pessoa, mas em lugar de a conservar intacta, aproximou-a da mesma pessoa no imperfeito do mesmo modo.

ter. Como *estar* e *fazer*, admite no preterito e derivados, a troca de *i* por *e (tevesse*, etc.).

poer. No imperfeito do indicativo aparecem as formas *poinha* ou *puinha* e no preterito perfeito, alem de *pos* e *pose* (3.ª pessoa do singular), tambem *poso*, que, como *fezo*, é peculiar ao galego.

vir. No preterito (3.ª pessoa) faz *veo* e no futuro, a par da forma arcaica *verrá*, aparece tambem *veera*.

23.º ***Particulas.*** Nas *preposições*, ao lado de *depois, ataa, per, pera* e *ante*, aparecem *despois, atee, por, para* e *antes*. Na mesma classe citarei ainda as formas arcaicas *antre* e *des* (hoje *desde*). Nas *conjunções* nota-se o emprêgo exclusivo de *mais*, que posteriormente evolucionou em *mas*. Registarei tambem as seguintes conjunções e locuções conjuncionais: *empero* e *por ende* (adversativas), *empero que* (concessiva), *ca* (causal), *por tal que* (final), *segundo que* (comparativa) e *mentre, de mentre* ou *em mentre que* (temporal). Nos *adverbios* e lo-

[1] Ocorre esta forma nos seguintes lugares deste texto, XL, XLIV, XLVII, L, LXVI.

cuções adverbiais tomei nota de: *entonce, alla* ou *alá, hi, atam* (a par de *tam*), *assy, esso meesmo* e *outro ssy* (= igualmente), *solamente, por aventura* (ao lado de *por ventura*), *derrador, dentro em* (hoje *dentro de*) e *de consuum* ou *em huum, logo aquella ora* e *por* ou *per sempre* (hoje *para sempre*), que persiste ainda no actual galego.

SINTAXE

24.º É muito freqùente o emprêgo do verbo *ser*, na acepção de *haver*, formando assim oração impessoal: ex: *era um barom... o qual avia nome; foy em huum lugar de Purtugal... hũa dona; em no reino de Purtugall... era hũa molher*, etc. Ainda hoje o povo serve-se do mesmo verbo, quando se trata de contos, começando a narrativa por: *era uma vez*, etc. Como actualmente, o verbo acha-se empregado sem sujeito determinado nestas frases: *a um chamavam Francisco; cousas que de ti dizem por toda o mundo; rio que chamam Tejo*, etc. Poderá igualmente ter-sepor oração de sujeito indeterminado esta: *e empero non sabiam a causa desta tal alegria*, se não preferirmos que o verbo se refere ao substantivo colectivo *poboo* que fica atrás.

25.º ***Particularidades de concordancia.*** Quando o sujeito do singular é constituido por um substantivo colectivo, unido pela preposição *de* a outro do plural que designa o todo, o predicado, como ainda hoje, ou toma o numero do sujeito ou vai para o plural: ex: *morava grande copia de hereges; crecia a multidom dos pexes; se ajuntarom... tamanha multidom de pexes*, etc. Se o sujeito do singular vem acompanhado de complemento de companhia no plural, o predicado concorda com este: ex: *o dito moço com outros sete nom se poderom achar; ella hindo a vella com duas donas acharom-na sãa; o hũu com outro se apacentavam*, etc.

26.º O participio preterito dos verbos transitivos e ainda dalguns intransitivos concorda em genero e numero com o substantivo a que se refere, quer este esteja antes, quer venha depois dele: ex: *vertude que avia feita; hũua molher avia padecida dez anos hũua emfirmidade; a cidade se ouvesse dada; algum angeo ouve levada a carta; avia cometidos tantos pecados; avia sofrida tentaçom; avia morta sua mulher; por onde auiam saidos; lhe avia restituidos os olhos*, etc. Todavia, se bem que com menos freqùencia, ocorre já o participio na forma masculina, embora referido a um substantivo feminino, como se vê destes exemplos: *huum barom... avia ferido... a sua madre; cousas maravilhosas que deus avia a elle feito; agoas que avia bebido; o qual me* (referido a feminino) *á feito sãa; cousas que elle avia ouvido; prega-*

com que avia começado, etc. É escusado advertir que a concordancia do participio nos tempos compostos não é prática exclusiva da nossa lingua e era já observada no latim.

Obs. Na frase *segundo que a visom lhe avia demostrada* a concordancia deve ser atribuida a atracção.

27.º **Emprêgo de preposições.** Nota-se já o emprêgo da preposição *a* no complemento directo, quando este se refere a pessoas: ex: *vyo a samto Antonio; a huum chamavam Framcisco e a outro Amtonio; e ella... começou de chamar aa madre dando vozes; aos quaes (santos) tu recebeste; rogava... ao bemaventurado samto Amtonio; a outros bem dizer ho fezeste; o senhor papa louvou a samto Amtonio; sempre a deus bemdisseste; convindarom a samto Antonyo;* etc [1]. Observa-se a mesma prática ainda em casos não referidos a pessoas, como se vê destes exemplos: *começou... de chamar aos peixes; o servo do senhor fogia aas* [2] *taes homrras* etc. A mesma preposição *a* é usada com o verbo *consentir* no sentido de *concordar:* ex: *consentirom aas palavras de samto Amtonio*, etc. Os verbos *esperar*, *soer*, *prazer*, *ousar*, *ordenar* são acompanhados da preposição *de:* ex: *esperar de ganhar; soia de ter; prougue a deus de o livrar; ousar de falar; ordenar de trasladar*, etc. Com o verbo *começar* usa-se *de* de preferencia a *a*; por vezes mesmo omite-se a preposição: ex: *começarom-sse de fazer infimdos milagres: começou de chamar; começou logo de cospir e de ffolegar; começarom de dizer; começou a demandar; tu rey começaste pensar*, etc. Ainda com o verbo *crer* se emprega a preposição *a:* ex: *elles nom podiam creer aos que lho diziam*, etc. O verbo *encontrar* acha-se construido com a preposição *com:* ex: *servidores do moesteiro com que emcomtrava; o padre da moça... emcomtrou com samto Antonio*, todavia observa-se já o emprêgo de *a* neste exemplo: *emcomtrou aly a santo Amtonio. Trespassar* vem regido das preposições *em* e *a* na designação do lugar: ex: *deus... quis trespasar ao seu samto doutor... em nas obsequias; lecença que se podesse trespasar ao outro lugar idonio* [3]. Com *catar* usa-se *em*: ex: *catou aquella molher... demtro no poço.* O adjectivo *semelhavel* aparece construido com a preposição *de* neste exemplo: *se lee aver-lhe acomtecido semelhavell cousa de aquesta.* As presposições *diante* e *atrás* podem deixar

---

[1] Mas: *emtam preguntou ella aquele mancebo.*

[2] Aqui poderá ter havido lapso, tendo-se escrito *aas* em vez de *as*, o que não é sem exemplo neste texto.

[3] Tambem o simples ex: *que podesse pasar-sse... aaqaele lugar que demandava.*

de vir acompanhadas de *de*: ex: *deamte todos; deamte o papa; deamte a face; atrás os outros*; ao lado de *diamte de todo o poboo.*

28.º **Complementos.** Em alguns complementos circunstanciais dá-se, como ainda hoje se pratica, omissão de preposição; ex.: *e o dia asinado ajumtou-sse todo o poboo; veeo a Padua o dia de Samto Antonio; detriminasem... de lhe dar sopultura o dia seguinte; o padre... foy o dia de samto Amtonio; e os fraires emtrando a camara, foi cantado alta voz o Te-Deum*, etc. Igual omissão dá-se tambem noutras linguas.

29.º **Pronomes.** Antes de substantivo usa-se *cada um*, caso em que a lingua hodierna só emprega *cada*: ex. *a festa do qual se celebra hy de cada huum anno; elle visitaria em cada hum ano a sua sepultura.* É prática esta muito freqüente na lingua antiga. Em vez de *cujo* encontra-se por vezes *do qual*, como *a qual cousa* equivalente ao *quod* latino: ex. *a festa do qual omrravam*, etc. Depois do pronome indefinido *todo* omite-se geralmente o artigo antes do nome do substantivo: ex.: *toda heregia; toda creatura; por todas partes; com todo coraçom; com toda reverencia;* mas tambem *por todo o mundo; toda a terra; todollos seos pecados; todos os fraires; todo o poboo.* Em frases negativas ocorre *nehuum* com a significação de *ninguem* e *alguum* em casos em que hoje empregariamos de preferencia *nenhum*: ex. *non dissesse esta cousa, a nehuum; nom danará a nehum; sem ajuda de nehuum; nom ousavam... comfesar em alguũa maneira; nom se molhou em algũa parte de seu corpo; as campas de aquela cidade nom as tangendo nehunm; nom tragia comsigo chave de alguuns tesouros; o quall pecado nom sabia outro alguum senom deus; non lhe fazendo alguum dano;* mas tambem: *non caia nehũa gota dagoa.*

30.º **Artigo definido.** Aparece por vezes o artigo definido em circunstancias em que a lingua actual o omite, como nos seguintes exemplos: *era ho nosso senhor Jesu Christo; o samto Amtonio por espiraçom de deus; e o meestre Pedro alegrou-sse*, etc. O pronome *um*, quando acompanhado de *outro*, vem freqüentemente, na lingua arcaica, como na francesa de hoje ainda, acompanhado do artigo: ex.: *o hũu com outro se apacentavam.*

31.º **Adverbios.** Ao contrario da prática hodierna, quando dois adverbios formados pela adjunção da palavra *mente* se achão seguidos, tomão ambos esta terminação: ex.: *fielmente e omildosamente; omildosamente e devotamente; jeeralmente e omrradamente*, etc.

32.º **Tempos.** Ocorre freqüentemente o chamado preterito anterior em francês: ex.: *despois que ouve dito; quando ouve ouvido; quando ouve feito fim; des que ouverom achado misegeiro; depois que ouve andado; angeo ouve levada a carta*, etc. Tambem o preterito mais que

perfeito aparece empregado com o valor de condicional e imperfeito do conjuntivo: ex.: *esta noite se ouvera de emforcar, se nós nom foramos a sua pousada; como se nom dormiram; dias em que podera seer tornado o mesegeiro... se alá fora emviado; como sse em aquella ora o muy samto padre ouvera falecido*, etc. Em orações condicionais o futuro, como o faz a lingua de hoje, é expresso pelo modo conjuntivo, mas aparece tambem o indicativo presente em igual sentido: ex.: *sse te nom partes da tua maa carreira e leixares as mancebas e non te achegares*, etc. cf. igual pratica em francês. O infinitivo, quando exercendo as funcções de sujeito, vem geralmente precedido da preposição *de*: ex.: *prougue a deos de o livrar; praze-nos de consentir; se era proveito de sua alma de ir com aquelle principe*, etc. [1]

33.º **Verbos.** Como em francês, certos verbos intransitivos achão-se construidos com o verbo *ser* em tempos compostos, sendo neste caso o participio variavel: ex.: *enfermos que eram aly vindos*. Semelhante prática é de uso freqüente na lingua antiga. Nas orações de gerundio ou de participio preterito, o respectivo sujeito, contra o uso actual, precede por vezes o verbo: ex.: *a madre nom comprindo; os fraires entrando a camara*, etc. (mas tambem: *ouvindo esto huum de aquelles); a qual cousa feita; estas cousas ditas desapareceram ambos* (tambem *despostas as partes diamte o papa*). Encontra-se tambem o gerundio com preposição em lugar do infinitivo: ex.: *sempre ey trabalhado e cansaço em te servindo; em vendo eu penssey*, etc. Semelhante prática ocorre noutros textos antigos e, como se sabe, é de uso freqùente em inglês.

34.º Como em latim, a oração integrante é por vezes introduzida por um pronome demonstrativo na forma neutra: ex.: *veer aquello... se era verdade; esto será sinall... que... ouvirás; por ysso eras tu ca trazida... por que te abstenhas*, etc. Quando a oração integrante começa por um adverbio de lugar (*onde, donde*), aparece geralmente a particula *que* introduzindo aquela oração: ex.: *pregumtarom-lhe... que adomde leixara ela o filho; o borges... pensava... que donde averia; pregumtou aos servidores do moesteiro... que adomde estava frey Amtonio* (mas *pregumtou ella aquele mancebo... que lugar era aquelle*). Do mesmo modo que em latim, a oração integrante pedida pelo verbo *defender*, na acepção de *proibir*, vem acompanhada do adverbio de negação: ex.: *defendê-lhe que nom descobrisse aquella visom; o marido... defemdeo-lhe que nom fosse allá*. Depois dos verbos chamados

---

[1] Tambem: *a* (=ha) *de costume de comprir; tenhas por bem de me revelar; tevesse por bem de bemdizer a seu filho; tenhas por bem de me revelar*, etc.

sensitivos e declarativos, a oração infinitiva por eles pedida em latim, na tradução presente, conserva por vezes essa forma: ex.: *conheço-vos seer fraires; os fraires... diziam elles seer departidores da ordem; declarou serem vãas e nehuuas as ditas sentenças; elle meesmo abade... se dizia seer emsinado*, etc. Ao envês, encontra-se por vezes uma oração integrante conjuncional em lugar de simples infinitivo: ex.: *acordarom que fezessem; ganhey lecemça... por que tall pecunia podese tomar; lecemça que se podesse trespasar a outro lugar*, etc. Tambem aparecem os dois processos, isto é, infinitivo e conjunção: ex.: *se samto Amtonio fezesse nacer destas vides huvas e que sse emchesse* e ainda substantivo e infinitivo: *virom toda a terra... cheea de agoa e o lugar... estar seco*. Depois do verbo *acontecer* e das frases *nom he dovida, era custume* encontra-se uma oração introduzida por *que* (em latim *ut*): ex.: *aconteceo quee o barom de deus... dizia; aconteceo que esta molher hia a moer trigo em na festa de samto Amtonio*, etc. Como em francês, quando o sentido da oração comparativa é negativo, emprega-se o adverbio *não* que a lingua actual omite: ex.: *mais homrra dam a deus os pexes das agoas que nom os homẽes hereges; milhor ouvem as bestas... a pregaçom que nom os infiees em na fee; antes poderiamos com elle perder que nom ganhar*, etc.

35.º Emprega-se por vezes o infinito acompanhado da preposição *de* com o valor de adjectivo: ex.: *o que he cousa muy muito de maravilhar; e nom parecia coussa nom de creer; o que era de maravilhar*, etc. Igual pratica perdura ainda.

36.º Dá-se por vezes omissão da particula *que* em orações integrantes, como ainda hoje, e falta tambem a particula correspondente ao *que* consecutivo: ex.: *aprendi... podese edificar aquela igreja; era trabalhado de hũua quebradura avorrecivel que [por] a rompedura se lhe sayam...; o senhor papa esteve casy por meea ora que nom fallou nehũua coussa; todos (pecados) foram destroidos e raidos da cedula que nom apareceo hi nehuum*, etc. Tambem, como em latim, se omitte por vezes o gerundio antes da oração integrante: ex.: *fez oraçom com fervor que sse o dito caminho nom era proveitosso a sua alma que... lho destorvasse*.

37.º Inversamente é muito freqùente a repetição de *que*, sobretudo quando depois desta conjunção se intercala uma ou mais orações: ex.: *prometendo que se seu filho resuçitasse que ella o daria aa ordem; dizia aquelle velho que alguns daquelles que tornaram aos males que aviam acostumado que acabaram; fez voto... que sse elle restetuisse... que; denociar-te que se te nom partes... que; porque sse... alguuns fossem chagados que os curasse; acordou-sse que o oficio que no comvento lhe aviam dado que...* etc. É tambem expletivo o *que* nas se-

guintes frases nas quais, embora atraído pelo verbo que o precede, não é exigido pelo sentido: ex.: *e segundo diziam os ditos fraires pintores que alguuns... morrerom; e maravilhosa coussa de dizer que supitamente aquelas vides enverdecerom; e ainda o que era coussa mais de maravilhar que as campas... se tangiam; e ainda o que he coussa muy muito de maravilhar que vio*, etc.

38.º O agente da passiva é freqùentemente indicado pela preposição *de*: ex.: *elle meesmo abade... se dizia seer emsinado dos nom emsinados; somos enviados de deus a ti; e os usurciros eram cevados dos demonyos; e o mancebo foy preguntado de aquella molher; forom lamçados de alto de hũua persoa espamtavell*, etc.

39.º É freqùente na antigua lingua o emprêgo do adverbio *não* em frases que já têm antes outra palavra de sentido negativo: ex.: [1] *disse-lhes... que em nehũua maneira nom tornassem a fazer os males*, etc.

40.º Quando se seguem dois adjectivos no grau superlativo, o adverbio costuma acompanhar ambos, precedendo-os, em regra: ex.: *o muy famoso e muy emsinado... abade*, etc.

41.º ***Colocação.*** O português arcaico aproximava-se mais da lingua latina pelo que respeita á liberdade de que gozava na disposição dos vocabulos, intercalando outros nos que dependião entre si, ou invertendo o lugar da sua colocação, como se vê dos seguintes exemplos: *outro tanto quanto pesasse o moço de trigo; sofrer decaimento tanto da regra; como o elle fezesse; quamto samto Amtonio pregava mais tamto mais crecia a multidom dos pexes; nom legitimo seu irmaão; segundo que vos elle mandou; como os elle reprendesse; que lhe aly afogara o mar; por tuas culpas satisfazer; dera saão da infirmidade que tinha maravilhosamente; por ocasiom delles ey tamto estado que; com gloria sobindo; que quiria aa ordem logo tornar; ainda non avia elle acabado bem de dizer; quamtas (angustias) lhe o marido fazia; tamta lhe foy emprimida a pureza; que eram asy aquelas cousas verdadeiras; mui espantoso e trevoso muito*, etc.

42.º Quando dois adjectivos qualificão o mesmo substantivo, a lingoa antiga coloca por vezes este entre aqueles: ex.: *gramde cavadura e fumda.*

43.º Observão-se neste texto alguns casos de emprêgo ou repetição escusada de palavra *(pleonasmo)*, tais são estes: *avia hido lá a Roma; ali ẽ no convento; esperavam que o mandasse logo matar a samto Amtonio; parece[o]-lhe a ella; a samto Amtonino... rogou-lhe*, etc.

---

[1] Na actual lingua casos ha em que se empregão ainda duas negativas: ex.: *não vi ninguem.*

44.º Por vezes as palavras pelas quais começa a oração não se ligão ás que vêm depois *(anacolutia)*, como se vê nos seguintes ex.: *o custodio samto Amtonio estava hordenado em no oficio das matinas dos fraires pera que leesse hũa liçom; estamdo este abade soo... em aquela ora em que o servo do senhor Amtonio finou emtrou soo aaquele abade... e saudarom-sse; a rainha de Liam... teemdo hũua filha de onze anos finou-lhe*, etc.

45.º A concordancia faz-se ás vezes não com a palavra expressa mas com a ideia nella contida *(silépse)*: ex.: *tamto lhe torceo a encabeladura de hũa parte e da outra que lhos arrancou todos*, etc.

ORTOGRAFIA

46.º Em geral as vogais tonicas, quer orais, quer nasais, são indicadas pela duplicação: *quaaes, ataa, rapiinas, maar, ceeo, sermoões, maãos*, etc., todavia *pregasse, pregaçom, ja, ata* (prep.) etc.: cf. § 1.º.

47.º A nasalidade da vogal é indiferentemente indicada por *m* ou *n* e tambem pelo til nos ditongos, predominando, porem, a primeira daquellas consoantes: *emtrava, dizemdo, ajumtarom, emcima, aformosemtado, amte, samto, estamdo, Amtonio, defendedor, segundo, ajumtou, homde, framceses, ingreses, sospensos, vaão, irmaãos, hũa, sermoões, maãos*, etc. [1]

48.º A vogal *i* em geral é assim representada, excepto quando no fim de palavra, caso em que é substituida por *y*, quer seja simples vogal, quer subjunctiva de ditongo: *mais, fraires, muitas* (tambem *muytos*), *companheiros, perfeitos*, etc., mas *sy, aly, aquy, asy, muy, foy, frey, hy, achey, vy*, etc. Só por excepção se encontra *y* e *i* fóra daquele caso, como em *ymagem, ytalia, yndo-sse, ydropico, yndinaçom*, etc.

49.º O som *j* acha-se por vezes representado tambem por *g*, como noutros textos: ex.: *fugades, mangares, aleigom, mangar* (a par de *manjar*), *Tarega* (ao lado de *Tareija*); por excepção *oye* e *ya* por *oje* e *ja*.

50.º O som gutural de *c* antes de *a* e *o*, alem de ser indicado, como hoje, por *ca* e *co*, é-o tambem por *qua, quo* em *sequas, barquazinha, Framcisquo, saquo, cinquo, sequo*.

51.º O *l* final de silaba ou *l* gutural é freqùentemente representado, como noutros textos, por *ll*: *perduravell, quall, saudavell*,

[1] Ás vezes, em lugar de til sobre a vogal, aparece *m* adiante, como em *saaom, mansidoem*, em vez de *saão, mansidõe* (XXXIX e XL).

fiell, sinall, cruell, sallvo, allma, etc., mas tambem aparecem grafias iguais ás de hoje (*divinal, qual, crueldade, baldoões*), etc.

52.º O *s* brando é por vezes indicado por *ss*, como tambem o forte por *s*, excepto quando inicial, caso em que só por excepção deixa de ser representado por *ss*: ex: 1) *cassa, sisso, usso, vissom, vasso, coussas, cassada, amargosso, generosso, maravilhosso*, etc.; 2) *vosa, necesarias, asentarom, presa, dese, misa*, etc.; 3) *sse, sso*, etc.

53.º Tambem por vezes se encontra *r* simples em vez de dobrado, como em *recorer, descorer*, etc.

54.º Igualmente ocorre *f* dobrado, em lugar de simples, no principio de palavras, como em *ffolegar, ffeita, ffé* (a par de *fé*), etc., assim tambem *h* no principio de palavras que originariamente o não têm, faltando noutras nas quais o latim o empregava: *huũ, hũa, honde, hedificaçom, hordenado, huvas, hordem, ho, ha* (ao lado de *o, a*, que no plural se escrevem sempre *os, as*), *omildoso, aver, oje, erejes* (tambem *hereges*), etc.

55.º Mantem-se a diferença entre *s-c* e *ſ-z*, no entanto ocorrem grafias, como estas que talvez se possam atribuir a lapso do copista: *solirgiom, misquimho* (a par de *celurgiaão* e *mizquinho*), *çeçar, confiçom, presiçom*, etc. No § XXXIV está excepcionalmente *ç* representado por *z* em *canonizazom*.

56.º Nalgumas palavras aparece um *p* que na origem se não encontra e de certo se não fazia ouvir na fala, tais são *dapno* (ao lado de *dano*), *colupnas, entepto, solepnemente* (a par de *solenemente* e *solenidade*), *sprevco, esprito* (tambem *escprito*) nas quaes parece estar a substituir *m* ou *n* e *c* [1]. Esta pratica observa-se igualmente noutros textos.

57.º Na transcrição do texto segui a ortografia do codice, apenas desfiz as abreviaturas e representei quasi sempre por *m* o til final e sempre por *v* o *u*, quando tinha o valor de consoante. Como, porem, tive em mira torna-lo acessivel ao maior numero de leitores, pús acentos nos casos em que poderia haver confusão (assim *dê, poderá*, etc.); meti entre colchetes as palavras que, a meu ver, escaparam ao copista e entre parêntese as letras que ele escreveu a mais; finalmente corrigi outros erros indicando no entanto em nota o que se encontra no original e separei as encliticas que ali vêm sempre juntas aos verbos [2].

---

[1] Em *esprito, esprever*, por *escrito, escrever*, o *p* deve ser reminiscencia do que entra no preterito e participio latinos.

[2] No desejo de me cingir o mais possivel ao original, só do § XVII em diante é que separei as encliticas dos verbos, por me parecer que, com aquele rigor, poderia induzir em erro o leitor menos familiarizado com textos antigos.

É escusado advertir que dos sinaes ortograficos é nelle usado apenas o ponto final que, se nalguns casos indica fim de periodo, na maioria equivale á actual virgula. O apóstrofe é tambem neste, como noutros textos, desconhecido; quando ha elisão de *e* final (em *de* por exemplo), a consoante que o precede liga-se á palavra seguinte (assim *dagoa* e não *d'agoa*) [1].

ESTILO

58.º Embora a versão se aproxime bastante do original latino, a ponto tal que nalguns lugares é apenas literal, o tradutor comunicou-lhe um tom verdadeiramente popular que se evidencia já nos vocabulos de que usa, já na maneira de exprirmir-se. Assim o costume seguido pela gente rude de, a cada momento, intercalar a conjunção copulativa *e* nas suas narrativas, observa-se freqùentemente; notam-se tambem, como na fala do povo, palavras sinonimas, taes são: *falava e dizia; contou e disse; catou e vio; linhagem e parentesco; são e salvo; faças e dês reverença*, etc., e outras, ao envês, de significação oposta: *piadoso... cruel; estranho... irmão; coussas por viir* e *presentes*, etc. Não é raro tambem passar o povo do tratamento de *tu* para o de *vós* e vice-versa; quem dele tem colhido romances e contos, por mais de uma vez o terá notado; observa-se isso igualmente nesta frase: *Madre deus* **te** *perdoe ca*... **vossos** *rogos* (§ XXXVII) [2]. É tambem genuinamente popular o emprêgo do pronome pessoal em lugar do relativo *cujo* nesta frase: *huum moço... que avia nome Thomasim o padre e a madre delle moravam em Padua* (§ LV). É ainda propria da linguagem do povo a passagem do estilo indirecto para o directo sem expressão que a indique; vê-se isso nos §§ LXI e LXVIII onde se lê:... *leixassem estar a imagem de aquelle samto como a elle prazia. Ca segundo vemos claramente antes poderiamos com elle perder que nom ganhar se lha quitassemos: as quaaes cousas sem dinheiro nom podem seer avidas. Por a qual cousa me convem teer pecunia*, etc.

59.º Comparando a linguagem do presente texto com a dos extraídos do codice alcobacense n.º 266 por mim aqui publicados, no-

[1] Letras maiusculas conservei todas que se encontram no texto e pús a mais nos nomes proprios, que ali, excepto no começo dos periodos, aparecem escritas sempre com minusculas.

[2] *Esopo*, pag. 17: compre-*te* de mym algũu serviço? Eu prestes som pera *vosso* mandado.

tar-se ha que não existe entre elas diferença sensivel: vocabulario, gramatica e estilo são identicos. Mas pertencendo estes ao seculo XIV e provindo aquele da ultima metade do seculo XV, como o atesta a data nele exarada, quando já certos fenómenos linguisticos, a terminação *-des*, nas segundas pessoas do plural dos verbos, por exemplo, tinhão desaparecido, devemos concluir, segundo notei, que o codice illuminado n.º 94 é copia de outro feito no seculo anterior, na qual se transcreveram muitas formas que de certo já então erão consideradas arcaicas. Tanto muitas dessas formas se tinham tornado já obsoletas que mão revisora, quiçá não muito posterior á que fez a copia hoje conservada na Biblioteca Nacional de Lisboa, de certo, para mais facil compreensão dos leitores de então, as raspou, substituindo-as por outras mais modernas e portanto mais inteligiveis. Pelas razões expostas sou levado a crer que a tradução que hoje possuimos de parte da antiga cronica latina dos factos da ordem franciscana sob o governo dos vinte e quatro primeiros geraes foi feita em Portugal ainda no decorrer do seculo XIV, provavelmente na sua segunda metade.

Anotações

I. Antes de *consentirom* o sentido exige o adverbio *nom*, o qual se poderia efectivamente omitir, se o tradutor, cingindo-se ao original latino que diz: non solum aequiescere sed ipsa audire totaliter contempserunt, em vez do preterito, tivesse empregado o infinitivo.

idem. Entre as palavras *deus* e *mandamento* mão posterior escreveu por cima a particula *e*, por falsa interpretação do sentido, pois o complemento directo de *ouvestes* é *mandamento* e não *de seer* etc., como mostra o original latino que diz: vos in creatione mundi pro benedictione a deo multiplicationis praeceptum habuistis.

idem. *destes aver* é tradução de censum obtulistis. Sobre o facto veja-se o Evangelho de S. Marcos, cap. IX.

IV. ***A quall coussa.. revelado.*** Na concordancia o tradutor regulou-se não pelo substantivo *cousa*, mas pelo genero de *quod*, como se vertesse *o que*.

idem. ***eu farey.. evangelho.*** O texto latino diz: hoc faciam non ut Dei tentator sed ut salutis vestrae et fidei evangelicae constans et intrepidus aemulator.

V. Ao *Lenomcio* do tradutor corresponde o adjectivo lemovicensis de Lemovicis ou *Limoges* (França). No original latino dá-se á igreja o nome de S. Petri de quadrivio e falta a designação *de Alemanha* que, na versão portuguesa, qualifica o substantivo *poboos*.

VI. Aqui o tradutor verteu por *Lemosnes* o Lemovicinio do texto latino: cf. § V.

idem: **curasse de dizer mais de aquellas.** Este *de* deve entender-se no sentido de: *acerca, a respeito de*, como se se dissesse: *que não falasse mais* (ou *deixasse de falar*) *naquellas cousas* etc.

VII. A abadia de que aqui se trata é a bem conhecida da ordem de S. Bento chamada de *Solesmes* (em latim Solemniaco), lugar que fica perto de Sablé, no departamento de Sarthe (França).

idem. Por descuido o tradutor verteu por *restringido* o latim repressus, tendo talvez em mente, se é que o exemplar de que se serviu não tinha restinctus, levado sem duvida pela semelhança com o participio do verbo *tingere*.

VIII. Aos *nastros* da tradução portuguesa, que parece não ser a primitiva palavra do tradutor, corresponde o latim auriculare, isto é, travesseiro ou cabeçal, como dizia a antiga lingua e ainda hoje usa o povo.

IX. O *Verna* do codice português, que tambem se encontra noutros latinos onde se encontra a Cronica de que faz parte o presente extracto, deve corrigir-se em *Briva*. Sobre *Lemosenes* cf. o que disse atrás.

idem: **pera cozinha:** deve entender-se *pera a cozinha*.

idem. Corrija-se em *Pedro de Briva, canonico de Nobilasco* (hoje Saint Léonard le Noblet) o *Pedro de Brina* da tradução portuguesa.

X. O original latino tem: qui campum videbantur totaliter dissipare et spicas radicitus evellere; que se omitiu o verbo *pareciam* mostra o infinitivo *arrancar*.

idem. *E obedecendo* etc. Talvez tenha havido aqui lapso do tradutor ou do copista, em vez de: *obedecem* ou *obedecerom* etc., em harmonia com o original latino que diz: obediunt fratres monitis sancti Patris usque mane rei exitum praestolantes.

XI. Segundo o texto latino publicado pelos padres franciscanos de Quaracchi deve corrigir-se o sanctum Johannem que, parece, se lia no codice por onde se fez a tradução portuguesa em sanctum Junianum (hoje *Saint Junien*, na margem do rio Vienne, a cinco leguas de Limoges).

idem: *que o imigo vos fara aginha torvaçom* talvez seja lapso por: *que o imigo nos fará* etc., pois o original latino tem: quod cito inimicus insultationem **nobis** faciet.

XII. O original latino fala em archiepiscopus. Segundo os editores da Cronica latina, trata-se do arcebispo Simão de Sully que reuniu o sinodo diocesano no qual provavelmente pregou o santo, no anno de 1228.

XIII. Em harmonia com o texto primitivo deverá ler-se Fovea de Arenis e não *Rova de Arenes*, como tem o codice português. É possivel que o copista por descuido tenha escrito *Rova* em vez de *Cova*.

idem: *E o povoo consintio aas palavras* etc. Neste passo afastou-se o tradutor um pouco do original que diz: acquievit populus verbis viri Dei et qui ligat aquas in nubibus [1] ipse Deus sic pluviam super eos retinuit ut etc.

XIV: *e olhando todos... santo.* Em vez de *lançarom-se*, que o copista por descuido fez concordar com *todos* que o precede, deverá ler-se *lançou-se* ou melhor *tendo-se lançado*, em harmonia com o original que diz: et cunctis mirantibus coram sancto prostratus, pro sua curatione gracias agens, ad Deum glorificandum in servo suo totum populum excitavit.

XVI. *Samto Antonio... Vercelhas.* Nota-se aqui uma tal ou qual confusão. Diz assim o texto latino: Beatus Antonius de beneplacito B. Francisci fuit primus studens in theologia cum fratre Adam de Marisco anglico in ordine per generale capitulum ordinatus et accesserunt ad abatem S. Andreae de Vercellis.

idem: *e os avia hordenados muy fremosamente* é tradução do latim: pulcherrime commentavit.

idem. Porque a versão portuguesa não corresponde fielmente ao original, aqui transcrevo este que diz assim: abbas vero eos benigne recepit et tantum in eis mentis elevatione profecit ut idem doctor abbas diceret se doctum ab indoctis et celestes hierarchias in eorum animis realiter depinxisse.

idem: *em tall maneira... esforce.* Aqui diz o latim dummodo propter hujusmodi studium sanctae orationis et devotionis spiritum non extinguant sicut in regula continetur. Vale. Parece, pois, ter havido lapso e que a tradução teria sido esta: *em tall maneira que por este tal estudo non afoguem o esprito da santa oraçom e devaçom segundo que em na regra se contem. E nosso senhor te esforce.*

---

1 Estas palavras são tiradas de Job, cap. XXVI, 8.

idem: *companheiro de sam Domingos.* Observão os editores do texto latino que é falso não só ter santo Antonio sido conego com S. Domingos, mas tambem que o mesmo santo fôra enviado a Vercelli a estudar com fr. Adão de Marisco e que o estudo geral havia sido transferido desta cidade para Milão.

XVII: *e pose-sse loguo... dizemdo-lhe com grande espamto* não corresponde perfeitamente ao original: et tunc orationi se dedit ut divina virtute procurante diabolus cum securi novitio per quendam pontem fugienti et jam transeunti obviaret terribiliter dicens ei etc.

XX. *vio escomdidamente... abraçava,* o que corresponde ao original: vidit per fenestram complectentem latenter quendam puerum in brachiis B. Antonii pulcherrimum et jucundum quem sanctus amplexabatur. Daqui se vê que as palavras «*em figura de Christo*» foram introduzidas posteriormente.

idem. A regularmo-nos pelo original que diz: intra se cogitabat unde venisset ille tam gratus parvulus devemos ter por descuido do tradutor ou do copista o *averia* do codice português e corrigi-lo em *viria.*

XXII. O original tem a mais: et statim ille velut fumus evanuit.

XXV. ***e hua molher... seu filho.*** Neste passo diz o texto primitivo: mulier quaedam et ipsa per compendium ambulans ac sanctum per devia quaeque nimium requirendo laborans, filiolum [portans] proprium. A palavra *trobando* que ocorre na versão portuguesa parece-me devida a descuido do copista; estará talvez por *trotando*: cf.: *troteiro* no § XXII por que se traduziu o cursor latino.

XXVI. ***paduana avia ja quatro anos.*** Não corresponde bem ao original esta tradução, pois aquele tem: paduana cum jam quatuor esset annorum.

idem: *e tinha... em terra.* No latim lê-se: ac morbo caduco laborans volutabatur frequenter spumans et ad terram se miserabiliter collidebat, donde depreendo que o *revocava-se* da tradução estará por descuido em lugar de *rebolava-se.*

XXVIII. *e ela quedou em casa anojada de tristeza. A qual estava... pregava.* Aqui o tradutor afastou-se um tanto do original que diz: remansit domi tristitia tabefacta. Quae deambulans in solario domus suae per fenestram quae competens videbatur versus plagam illam devote cepit inspicere in qua eadem hora S. Antonius praedicabat.

XXX: *e como o baram samto... dizemdo-lhes.* Diz aqui o texto

latino: cum vero vir sanctus frequenter contra dicti tyranni crudelitates audacter praedicaret, ille volens viri dei rectitudinem et justitiam inflexibilem callide experiri exenium solemne per manus servorum suorum etc., pelo que em vez de *provam* entendo se deverá ler: *ele querendo provar*.

XXXIII. *desamparando o meu asnilho... terra,* assim verteu o tradutor desconhecido o latim: relicto asello meo Paduae vado ad patriam festinanter, esquecendo-se de traduzir o locativo Paduae, se é que não faltava no exemplar de que se serviu. Note-se a expressão *ir á terra* que ainda se usa frequentemente.

idem: *entemdendo certamente* etc. Talvez por descuido o copista escreveu *entendendo* em vez de *entendeo,* pois o original diz: certissime intellexit beatum patrem per mortis excessum ad patriae caelestis convivium feliciter perrexisse. Deve, pois, da tradução portuguesa ou eliminar-se a particula *que* depois de *certamente* ou emendar *seer* para *tinha* ou *era;* é provavel que o *que* tivesse sido posto a mais, a não ser que o tradutor, depois de pensar em verter por uma conjuncional a infinitiva latina, desse por fim preferencia a esta.

XXXV. Provavelmente o milagre aqui narrado é o mesmo que vem mais adiante sob o n.º XLIV. Porque *Parusio* não é nome português, parece que, em vez dele, se deve ler *Apariçio* ou *Apariço,* conforme se acha noutras partes.

XL: *nós nom nos partiremos de aqui. E elles disserom-lhe quem eras tu.* Faltam aqui palavras para completar o sentido, as quaes, por lapso do tradutor ou do copista, se não encontram na versão portuguesa; achão-se no original latino que se exprime assim: minime recedemus. Et cum sanctus diceret nec ego hinc recedam dixerunt ei Quis es tu etc.?

XLVII: *mais torvou sse em sy meesmo.* Como o original diz: (armiger vero totus territus) ad se ipsum reductus, parece-me que se deverá corrigir *torvou-sse* em *tornou-sse.*

XLVIII. *em no reino... matasse.* Diverge esta tradução um pouco do original que diz: In eodum regno Portugaliae, in villa Sanctarene, erat tempore regis Dionysii mulier quaedam peccatrix quae magna devotione ferebatur ad sanctum Antonium. Haec a diabolo obsessa est ut se ipsam interficere tentabatur.

idem: *assim como da cedula principal.* Entenda-se que o treslado operara nela, como o fizera o original ou cedula principal.

XLIX: *chegarom com grande clamor dous frades aa porta de sua casa:* A lição dada pelo texto latino ad ostium domus fuit pulsa-

tum fortiter cum clamore parece-me mais expressiva; nela não entram como sujeito os *dous frades* que mão posterior intercalou no codice português; pode ser que por descuido se tivesse escrito *chegarom* em vez de *ferirom* ou verbo sinonimo.

LI. O texto latino traz a data de 1292.

idem: *aviia sido ladram e roubador.* Aqui diz o texto latino: raptor fuisset et esset de numero XII latronum, donde se vê que o numero dos ladrões era de doze e não de vinte e dois, como diz a versão portuguesa, divergencia que se explica facilmente pela supressão ou acrescentamento de um x.

idem. Emquanto o português diz *espreitar*, tem o texto latino spoliare.

idem; *moradas dos apostollicos* é tradução incorrecta de apostolorum limina. *Apostolico*, na antiga lingua, era o mesmo que *papa*.

idem: *esperando de ganhar... Antonio.* Aqui diz o texto original: spectans juxta sancti promissum aeternae vitae gaudia post hujus cursum miserae adipisci, não correspondendo portanto á versão portuguesa *por o curso deste tal caminho* o latim post hujus cursum miserae.

LII. Antes de: quidam conversus etc. tem o texto latino a seguinte nota: Sequentia miracula sunt per testes coram episcopo Paduae confirmata.

idem: *e tinha huum pouco... enverrugada.* A Cronica exprime-se assim neste passo: cujus lingua erat modicum prominens extra guttur et brevissima ad modum vitis torcularis retorta sic quod videbatur intuentibus arida et rugosa; no texto português falta, pois, a tradução de torcularis.

LV. *veemdo os pees do menino alguum tamto que se parecia.* Porque o original diz: videns pedes pueri supra vas aliquantulum prominentes afigura-se-me que se deve corrigir *se pareciã* ou *parecim* o *se parecia* de manuscrito.

idem: *outro tanto quanto pesasse o moço de trigo* é construção que, por vezes, se nota na linguagem popular em lugar de: *tanto trigo quanto o moço pesasse:* cf. o francês *autant de.*

idem: *e ella... Antonio:* falta na Cronica o latim correspondente á estas palavras, o que parece indicar que o acrescentamento é do tradutor.

LVI: nacta (que o tradutor verteu por *lumbenilho*) é, segundo os editores do texto latino, *um tumor que aparece na parte exterior do corpo e contem uma materia gorda similhante a sebo.*

LVII. Como o texto latino diz Cambius, inclino-me a que, em vez de *Canibo*, se deverá ler *Cambo*, porquanto sobre a ultima perna

do *m* é que está um pequeno traço que parece ter sido feito por mão posterior á que escreveu o codice.

idem: *era trabalhado... Antonio.* No original latino lê-se: horribili ruptura intestinorum inferius cadentium pondere, non obstante circulo ferreo apposito, irremediabiliter aggravatus, venit in die sancti Antonii Paduam. Em vista disto conjecturo que a palavra *companhões* substituiu *stemtivos* (por *stemtinos*) que se encontra mais abaixo.

LVIII. Segundo os editores da Cronica o Pedro de Castella de que aqui se fala é Pedro o Cruel (1333-1369).

idem: medico chirurgico qui vocabatur Petrus in civitate Burdegalae commoranti. Na tradução portuguesa faltam as palavras correspondentes a: in civitate Burdegalae.

idem: *pola grande... cabeça,* no latim: ex vehementi imaginatione et phantasiae fumo.

idem: *aguou o acatamento* está talvez por *aguçou o acatamento* ou por outras palavras: *aplicou mais a vista:* aqui diz o texto latino aspectum acuit.

idem: Em *estades aparelhado vos pera hir* houve provavelmente descuido do copista que escreveu o pronome *vós* depois de *aparelhado,* devendo pô-lo antes, pois o texto latino diz: estis vos paratus.

LX: *como... finado:* Ao copista escaparam aqui algumas palavras, o que se nota não só do sentido que está incompleto, mas tambem do texto latino que diz: cum in octava resurrectionis dominicae ipsum (scilicet corpus) quod diu sub terra latuerat, effodissent, inventa est lingua ejus adeo recens, rubicunda et pulchra quae per viginti septem annos et amplius sub terra latuerat quasi eadem hora Pater sanctissimus decessisset. Vide a descrição do mesmo facto no § LXXI.

LXI: *e pera pintar de obrar mosica, a qual tribuna forom deputados dous fraires menores muyto sabedores e provados em aquella arte* é tradução de: cui depingendae opere mosaico deputati sunt duo fratres minores in illa arte periti nom modicum et experti. De aqui se vê que se deve corrigir, a meu ver, o *de obrar mosica* em *de obra em mosaico.*

idem: *e assy tornados foram estorvados.* Parece que depois de *tornados* escaparam algumas palavras, pois o latim diz: et quasi in furiam versi a concepto fuerunt impediti, a não ser que o copista escrevesse *tornados* em lugar de *torvados,* palavra que poderá aproximar-se no sentido ao in furiam versi do latim.

LXIV: *e viveo... escritos.* O texto latino tem: et decem an-

nos in Ordine plenus sanctitate et praeclarus doctrina et miraculis in Ordine consummavit de quibus aliqua quae in legenda ejus majori non ponuntur inferius annotantur. E efectivamente são estas mesmas palavras as que mais adiante precedem a vida ou tratado do nosso santo, isto é: Incipiunt aliqua de vita et miraculis sancti Antonio de Padua quae in ejus majori Legenda in toto vel in parte non ponuntur. Do que parece inferir-se a existencia de uma *Vida de Santo Antonio* de maior extensão mas na qual todavia se não mencionavão no todo ou em parte os factos aqui narrados.

LXVI: *filha por a minha vontade* etc. O latim é mais expressivo, pois diz: utinam filia, etc.

idem: *por que eu sempre ey trabalhado e cansaço* etc. Como á copulativa se devem seguir palavras da mesma natureza, entendo que *trabalhado* se deverá corrigir em *trabalho* ou *cansaço* em *cansado.*

idem: *e como tangessem as matinas a campa dos fraires menores.* Ou *tangessem* está por lapso em lugar de *tangesse* ou o tradutor tivera ideia de verter por uma oração de sujeito indeterminado o latim: cum vero pro matutino fratrum minorum campana pulsaretur.

idem: *e aas novas deste*... *aas* tanto pode ser devido a descuido do um *a* a mais, descuido de que o codice português oferece bastos exemplos, sendo portanto um simples artigo, como realmente compreender a preposição e artigo; neste caso está o verbo empregado sem sujeito determinado. O latim diz: rumor statim hujus miraculi totam commovit civitatem.

LXVIII: *aparelhados a se meterem a tormentos... regra* é tradução do latim pro regula pugiles.

idem: *procurava caymento da regra.* Que a acusação de Santo Antonio dirigida a fr. Elias está incompleta na tradução portuguesa mostra-nos o original latino que diz: ruinam regulae procurabat, nam pecunias contra regulam extorquebat, equitabat et famulos quasi domicellos tenebat et privilegia contra regulam procurabat. Quibus frater Helias respondit.

idem: *Por a qual cousa* etc. Em latim é indicada a passagem do estilo indirecto para o directo, pois diz: Quare, inquit, oportet.

idem: *apostolical por que tal pecunia podesse tomar. Porque segundo a entençam de sam Francisco aprendi delle* etc. As palavras: *por que tal pecunia podesse tomar* completam a ideia de *licença.* Antes de *porque segundo* deve intercalar-se um *e,* como antes de *aprendy* o relativo *que* em harmonia com o texto original.

LXXI. O texto latino fala em trinta e dois annos, pois diz: Et lingua ejus quae per XXXII annos sub terra fuerat reperta est ita recens et rubicunda quasi si etc. Ainda hoje a lingua do santo é exposta á veneração dos fieis na igreja do seu nome em Padua, por ocasião da sua festividade (13 de junho).

idem: *regando com lagrimas.* Nesta expressão parece ter-se omitido o pronome *a,* referido a lingua, a não ser que sirva de complemento directo do verbo o relativo *a qual* que fica atrás; neste passo diz o latim: irrigatus profluvio lacrimarum, pelo que se poderá tambem ter o vocabulo *regando* por lapso em vez de *regado* (= banhado).

Abril de 1912.

JOSÉ JOAQUIM NUNES.

As candeias na religião, nas tradições populares e na industria

I

A victoria da lei de Christo sobre o polytheismo, nos seus principios fundamentaes, sobretudo na parte moral, foi definitiva, embora as doutrinas de Seneca fossem recebidas quasi como orthodoxas a par dos textos mais auctorisados dos santos Padres e dos Doutores da Igreja. É que o philosopho romano, adivinhando o movimento que se operaria no mundo semitico, fôra uma especie de precursor, o Baptista, para assim dizer, do mundo pagão. Já não succedeu o mesmo na exteriorisação do sentimento religioso. As crenças, as superstições, as cerimonias do antigo culto, estavam tão enraizadas na alma popular, que fôra impossivel destruil-as completamente. Tornou-se necessario tergiversar e transigir com ellas, d'outro modo a muralha dos preconceitos opporia uma resistencia inabalavel á corrente da ideia nova. A maior parte das festas e solemnidades, que se celebravam nos templos e recintos consagrados ás divindades gentilicas foram trasladadas quasi litteralmente para o calendario christão, como se as illuminuras d'um ritual mythologico fossem recortadas cuidadosamente e colladas depois com o mesmo carimbo sobre as paginas evangelicas de um *Missal* ou de um *Livro de Horas*. Debalde os concilios ecumenicos e os concilios provinciaes, os papas e os bispos tentaram cortar pela base as tradições seculares, mas nada alcançaram e o mais que puderam conseguir foi transformar essas praticas e adaptal-as convenientemente ás doutrinas do christianismo. O elemento clerical, impotente na sua cruzada, reduzido ao papel de transigente e conciliador, foi por vezes secundado pelo elemento civil, mas os resultados, tanto n'um como n'outro caso, foram identicos. Do anno de 1385 é uma carta de João I approvando as ordenações promulgadas pela Camara de Lisboa contra certas usanças e superstições populares, que ella considerava como costumes diabolicos e crimes de idolatria. Entre os preconceitos e abusões condemnados contam-se as *Janeiras* e as *Maias*, que ainda hoje são communs em certas provincias. No Porto, na minha infancia, raras eram as janellas e portas, que, no primeiro de maio, não appareciam enfeitadas com os amarellos ramos de giesta. As providencias adoptadas pelo municipio de Lisboa tinham um caracter

de sanidade moral; traduziam o desejo de desarmar a sanha de Deus e de grangear a protecção divina no momento em que o rei de Castella invadia e occupava Portugal e se esperava batalha decisiva entre elle e o Mestre de Aviz. A victoria de Aljubarrota confirmando brilhantemente os direitos do povo portuguez á sua autonomia, justificou por outro lado os escrupulos religiosos e puritanos dos municipes de Lisboa, que tanto se antecipavam á maneira de pensar dos sectarios de Luthero [1].

Não era só no coração do povo que as tradições gentilicas se acolheram como em gruta mysteriosa e impenetravel. A opulenta litteratura greco-latina conquistára os espiritos dos eruditos e exercera a mais extraordinaria fascinação em pleno seculo XVI, no mais vigoroso periodo do *Renascimento*, quando a *Reforma* se levantava contra a dissolução e demazias de Roma. Na poesia e em todas as artes, ainda mesmo n'aquellas que mais genuinamente synthetisam a pureza da crença evangelica, como as cathedraes gothicas, ahi se vêem hybridamente enlaçadas as scenas e figuras do Olympo com os symbolismos da ideia christã.

Renovando as correntes da nossa litteratura, introduzindo em Portugal o romantismo, Garrett invocava novas divindades tutelares para a poesia portugueza, abjurava as crenças e ficções risonhas que tanto floresceram na Grecia, adoptando em seu logar o maravilhoso do nosso povo, sem se lembrar talvez que essas lendas encantadoras, consideradas nacionaes, não eram, na sua maioria, senão a metempsycose das tradições antigas, o transformismo ethnographico.

A 2 de fevereiro, quarenta dias depois do nascimento de Christo, celebra a Igreja a apresentação do Menino-Deus no templo, decorrido o periodo da purificação da Virgem, segundo o rito judaico.

Frei Domingos do Rosario, no seu *Flos Sanctorum*, sob a rubrica do respectivo dia, descreve por esta fórma o notavel acontecimento:

«Celebramos nesta tam esclarecida y illumiada festa aquele glorioso dia quãdo a verdadeira luz do mũdo Deos minino, por amor d'nos nacido, foy presentado no tẽplo a corẽta dias de pois de sua nacẽça, y nele por mãos da virgẽ sagrada offerecido a seu eterno padre, y juntamẽte tomado nos braços do sancto velho Simeon o qual cheo de espirito sancto conhecendo quem tinha nas mãos começou logo a cantar y pregoar que aquele era o verdadeiro lume do mundo. Pelo qual ajuntandonos cõ o sancto velho, y com o propheta David começamos a missa do presente dia, cõfessando y dizendo Oje senhor recebemos

[1] *Vide* E. F. de Oliveira, *Elementos para a historia do Municipio de Lisboa*, tomo 1.º pag. 264 e seg.

vossa misericordia no meo do vosso templo. E cõ candeas acesas na mão rẽpresentamos, y confessamos que esta luz foy oje por nos no templo presentada. As quaes candeas bẽzemos, para significar que toda las benções y sanctificação procedem desta luz» [1].

D'este trecho poder-se-hia deduzir que a origem immediata da festa da Candelaria estava na apresentação do Menino-Deus no templo. O que todavia é menos verdadeiro, pois que esta festividade não passa de uma reminiscencia ou nova edição de uma solemnidade gentilica. A igreja escolheu Nossa Senhora para mais facilmente se esquecer de Proserpina. Assim o afiança, baseado em boas auctoridades, um auctor insuspeito, Frei Agostinho de Santa Maria, no seu *Sanctuario Marianno*, um dos mais vastos e interessantes repositorios de noticias concernentes ás crenças e devoções populares portuguezas, no seu fervoroso culto pela Virgem. Eis o que elle escreve, ao tratar da imagem de *Nossa Senhora das Candeias*, que se venerava na igreja de S. João de Lisboa;

...«E todos os annos, pelo tempo em que havia sido o roubo (de *Proserpina por Plutão*), se lhe celebrava sua festa, andando as mulheres, & os homens de noite com candeas acesas, gritando pelos montes, & repetindo seu nome em tom muito lastimoso, & sentido, como o repetia sua mãy Ceres. E tão arreigada estava esta superstição nos gentios, & particularmente nos Romanos, que ainda depois de se converterem á Fé de Christo, não deixavam de renovar esta cerimonia; nem os Summos Pontifices a podião desterrar de Roma. Pelo que ordenarão (como refere Fr. Bernardino de Bustos) naquella propria noite, que parece cahia em dous de Fevereiro, huma procissão solemnissima em louvor da gloriosa Virgem Maria, a que todos acudião com cirios, & luzes, cantando hymnos em seu louvor, mudando a superstição diabolica em santo, & louvavel costume, & devoto obsequio á Senhora. E por causa das luzes, & candeas com que todos hião a esta procissão, se chamou a festa das Candeas, que até hoje usa a Igreja Catholica. Ainda que para evitar algumas indecencias, que havia em se celebrar de noite, a mudárão os mesmos Summos Pontifices, & mandarão que se celebrasse de dia. Esta he a origem da procissão das Candeas, & festa da Purificação da Senhora [2]».

---

[1] *Istoria das vidas & feitos heroicos & vidas insignes dos sanctos*... Revistas & cotejadas cõ os os seos originaes autenticos, pelo padre frey Diogo do Rosairo da ordem de São Domingos... Impresso em Braga em casa de Antonio de Mariz... Anno 1567 — Tomo I, fl. 120.

[2] Fr. Agostinho de Santa Maria. *Sanctuario Marianno*. Tomo primeyro. pag. 364—365. Titulo XXXIII.

A imagem de Nossa Senhora das Candeias, que se venerava na igreja de S. Julião de Lisboa, tinha no braço esquerdo o Menino e sustentava na mão direita um cirio. Era adorada n'uma formosa capella, *fechada com umas grandes grades de ferro, mas excellentemente obradas e lavradas.*

O padre Raphael Bluteau, no seu excellente *Vocabulario*, precisa, sob a palavra *Candelaria*, quem foi o papa que instituiu esta festividade em substituição das antigas usanças mythologicas. Eis o que elle escreve:

«A festa ou procissão, que vulgarmente se chama das *Candeias*, se celebra na Egreja Catholica em 2 de Fevereiro, no dia de Nossa Senhora da Purificação, com cirios accezos nas mãos; cerimonia com que o papa Gelasio quiz simbolisar a pureza da Virgem, e juntamente extinguir umas festas gentilicas, que se celebravam no principio de Fevereiro, com velas accezas toda a noite, em honra de Febrea, mãe de Marta; como tambem as luminarias, que as mulheres punham em memoria do sacrificio que os Romanos faziam com velas accezas no tempo de Plutão, com o nome de Febrea, crendo que n'este mez furtara elle a Proserpina, e que Ceres, sua mãe, a andava buscando com tochas...»

Ovidio, o inflammavel e imaginoso poeta, o mais pittoresco e vivo pintor da sociedade e da civilisação romana, descreve-nos em duas das suas obras, nas *Metamorphoses* e nos *Fastos*, mais desenvolvidamente na segunda, o rapto de Proserpina. Escusado será consultar o texto latino, quando temos aqui á mão, em puro e delicioso vernaculo, aquelles dois quadros, tão admiravelmente interpretados por Antonio Feliciano de Castilho. Fiquem dependurados aqui n'esta galeriasinha, illuminados, posto que profános, pelas bentas candeias da *Purificação*:

AS METARMOPHOSES

RAPTO DE PROSÉRPINA

Jaz, não distante de Henna, um lago fundo;
Pergo é seu nome; a gorgear-lhe as margens
não tem mais cisnes lucido Caystro.
C'rôa as aguas selvatica espessura,
que debruça, que allonga, que entretece,
vasto frondoso veo, que os soes não rompem.
Entornam doce fresco as ramas verdes;
pulam do humido chão variadas flores;
reina, odóra e contínua, a primavera.
Lá se andava Prosérpina folgando,

colhendo aqui um lyrio, além violetas,
co'as socias apostada a qual mais breve
(doces cuidados de innocentes annos!)
cesto e regaço os encherá de flores.

Eis... (rapidez de amor excede a todas)
a vê, a adora, a rouba, o Rei do Averno.
Toda medos e assombro, a semventura
por sua mãe, por suas socias grita,
porem mais pela mãe, que pelas socias.
Nas ancias da afflicção lacéra as vestes;
as boninas no gremio enthesoiradas
caem-lhe aos pés, desparzem-se na terra.
Vêde agora a infantil simplicidade!
o perder flores taes lhe ha dado pena.

O roubador, afervorando a fuga,
brada a cada frisão pelo seu nome,
co'as rédeas negras lhes açoita os collos.
Atravessam, trotando, os fundos lagos,
os Palícios marneis, que estão, ferventes,
sulfurea exalação mandando aos ares,
e o sitio onde seus muros erigiram
entre dois portos deseguaes, os Bácchios,
oriunda gente de bimar Corintho.

Mette o mar, entre Cyane e Arethusa,
uma abra pela terra, onde vivia
das Nymphas de Sicilia a mais famosa,
Cyane, a propria que deu nome ao lago.
Essa, á passagem do troante coche,
meia surge do pégo; e conhecendo
roubada e roubador, — «Detém-te! — exclama;
«ávante não ireis; mau grado a Céres
«não serás genro seu. Para pedida,
«que não para roubada, era essa virgem.
«Se cabe exemplo humilde em grandes coisas,
«citar-vos posso o meu, que fui de Anápis
«o enlevo, o encanto, o ídolo, a cegueira;
«sim, veio a me alcançar por sua esposa,
«mas a poder de supplicas, de votos;
«não como essa, atterrada, espavorida».

Diz, e os braços abrindo, oppõe-se aos brutos.
Já não tem mão na cólera o Saturnio;
incitando os terriveis corredores,
prompto arremeça co'o possante braço
ás entranhas do pégo o sceptro augusto.
Rasgada a terra ao golpe, abre ampla estrada
ás regiões da Morte, e sorve o coche
pelo atro boqueirão redemoinhado.

. . . .

Não cessava no emtanto a afflicta Ceres
de correr terra e mar buscando a filha [1].

. . . .

OS FASTOS

RAPTO DE PROSÉRPINA

Agora, pois que o lanço o vem pedindo,
da Sícula donzella o memorando,
o indigno rapto a relatar me apresto.
Por entre coisas mil que sabem todos,
algo não dito aventarão meus versos.

Com promontorios tres boja ao mar largo
a que lhes deve o nome: a gran Trinácria.
Ali folga habitar, e ali tem Ceres
de cidades sem conto o senhorio,
como Henna, em pingue solo regalada.

Convidára as celícolas matronas
a mui fresca Arethusa a bodo lauto.
Co'a flava Idêa mãe viera a filha.
Esta, co'as moças comitiva sua,
andava pelos prados seus amores
descalça a retoiçar.

[1] *As Metamorphoses* de Publio Ovidio Nasão — Traducção de Castilho. Livro I.

Jaz perto um valle,
fundo, umbroso, orvalhado de cascatas;
juncam-n'o flores mil; quantos matizes
a Natureza sabe, ali tremulam.
Mal deu com tal jardim, — «Correi, ó socias,
«vinde! — exclama — encheremos os regaços.»
Confluem todas; trêfegas se afanam
(ditosa edade!) no apanhar boninas;
a lida lhes é festa. Uma assobérba
de ramilhetes o vimíneo cesto,
outra o seio, essa o gremio; qual dá cresta
aos violaes, qual aos aureos bem-me-queres;
qual as hasteas somníferas destouca
das fogosas papoilas; vão jacinthos
n'estas mãos; vão n'aquellas amaranthos;
cá prefere-se o thimo; as alfazemas
se amam além; mais longe as regias c'rôas.
As rosas sobre tudo, as paphias rosas,
vão voando em cardume; e que de flores
sem nome conhecido!... Ella entretanto
quer subtís assafrões, quer lyrios alvos.

Accezas no fervor da flórea caça,
para aqui, para ali, se vão, se allongam;
e eis sosinha Prosérpina. Seu tio,
que tão a ponto a vê, a toma, a furta,
lança-a no coche, e a rapido galope
dos frisões negros lá se vão rodando,
via do Averno.

— «Ai mãe! — clamava a triste —
«roubada vou! defende-me! soccorro!...»
E entre o inutil clamor, co'as mãos de neve
seus vestidos frenetica rasgava.

No emtanto, o boqueirão que leva ao Orco
se escancarou em frente; os igneos brutos,
que o diurno clarão deslumbra, vexa,
dentro se precipitam. Desparecem.
Terminada a colheita, os açafates
cogulados de flor, o côro ingenuo
entra a bradar: — «Prosérpina! Prosérpina!

«vem! onde és tu? vem ver nossos regalos!»
Logo que a tão chamada não responde,
rompem alto alarido, estrugem echos,
alvorotam a serra, e delirantes
ferem os peitos nus co'as mãos convulsas.

Ceres, que n'esse lance entrára em Henna,
escutado o motim, — «Ai triste! ó filha!
«filha! oh ceos! onde estás?» — pasmada exclama.
Gira sem tino; vai quaes se nos pintam
de coma sôlta as Ménades da Thracia.
Como a novilha mãe, se o bezerrinho
lhe arrancaram da teta, anda aos mugidos
de canto em canto a procurar no sôito,
assim a deusa em ais se desentranha,
corre á tôa.

Mal sai das hortas de Henna,
da tão querida planta acha os vestigios!
na pisada campina estão recentes!
segue-os; vai ser feliz. Mas... oh! desdita!
suinas trombas revolvendo o solo
as pègádas que segue aniquilaram!

Tem que peregrinar! Já Leontinos,
já ribas do Amenano, e as que tu vestes
de alma verdura, ó Ace, agil a viram
transpôr dominios seus; àquem já deixa
Cyane, a fonte do sereno Anápo,
e o remoinhoso, o inhospedeiro Gela;
pretére Ortygia, Mégare, Pantágie,
a barra do Simélho, as requeimadas
penedias dos Cyclopes ferreiros,
o sitio a que deu nome a curva foice,
Himéra, Dídyme, Acraganta; passa
o Taurómene, o Méla, d'onde ás aras
refeitas rezes veem; d'ahi demanda
e Camerina, e Thapso, e Helórios valles,
e Erix, mansão do zephyro querida;
lustrou Pelóro, Silybeu, Pachyno,
da ilha sua as tres formosas pontas.
Por onde quer que passa, ares e povos

vai com flebil querella alvorotando,
qual ave que pranteia a morte de Itys.
Umas vezes, — «Prosérpina! Prosérpina!» —
voseia; outras exclama: — «O' filha! ó filha!» —
Pára... escuta... e ninguem, ninguem responde.
Prosérpina infeliz não ouve a Ceres;
á desditosa filha a mãe não ouve;
no echo ao longe o clamar se esvai perdido.
Se avista um lavrador, um pegureiro,
logo a pergunta lhe revôa d'alma:
«Não passou n'este sitio uma donzella?» —

Mas do mundo o matiz sumiu-se em trevas.
Nem já latir de cães rompe o silencio
sobre a cabeça de Typheu sepulto,
d'esse que lá em baixo abraza a terra
co'o igneo resfol'gar. A aquellas chammas
dois pinheiros por lampadas accende.
Por isso é que ainda agora accendem tedas
nos ritos cereaes.

Abrira o tempo,
em congérie de pomes escabrosas,
caverna a humanos pés inacessivel,
té ás feras defeza. Ali chegada,
seus bridados dragões ao coche adjunge;
arremessa-se ao mar; intacta o corre;
vara por longe as Syrtes; salva as fauces
da Zancleia Carybdis, e a fronteira
canina Sylla, espumea, naufragosa.
Transpõe o largo Adriatico; não pára
em Corintho, a bimar; até que poja
na tua costa, ó Attica; ali poisa
pela primeira vez em fria penha;
tão triste, que inda agora a aquelle poiso
a *pedra da tristeza* por memoria
soe o povo chamar. Dias e dias
curtiu no mesmo pasmo as intemperies,
os lentores da lua, o vento, as chuvas [1].

. . . .

[1] *Os Fastos* de Publio Ovidio Nasão. — Traducção de Castilho. Livro IV.

II

A festa da Purificação era uma das que mais solemnemente se celebravam na capella dos nossos monarchas. Eis como a descreve João Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal*, com referencia á época de D. João IV:

«Em dia de Nossa Senhora das Candeas hião primeiro tomar as vélas os Prelados, e Capella, e depois El Rey. Dava as vélas quem fazia o Officio, e depois que El Rey vinha do Altar, a entregava ao Capellão mór, e este a dava a hum Moço Fidalgo; e quando queria sahir a Procissão, tornava este a dalla acceza ao Capellão mór, o qual a entregava a El Rey. A véla, que se dava a Sua Magestade, era de huma vara, e duas terças de comprido, e tinha cinco arrates de pezo: a da Rainha era quasi, ou pouco menos, da mesma grandeza, e pezo: a dos Infantes de vara e meya, e de tres arrates e meyo de pezo: a dos Embaixadores, e Duques de vara e terça, e de tres arrates: a dos Arcebispos, e Marquezes de vara e sesma, e dous arrates e meyo: a dos Bispos, e Condes de huma vara, e de dous arrates: a dos do Conselho de huma vara menos huma sesma, e de arratel e meyo, e assim á proporção a das outras pessoas [1].»

No reinado de D. Duarte, o tempo que se gastava, na capella real, na festa da Purificação, era de quatro horas. Assim o indica elle no seu *Leal Conselheiro*, no capitulo intitulado *Do tempo que se deteem nos oficios da Capella*. Diz assim, laconicamente, o regio escriptor philosopho: «Item, o oficio da purificaçom com terça cantada, prégaçom, benzer de cirios, e procissom: *Quatro oras* [2].»

Em S. João de Lumiar, termo de Lisboa, a *Candelaria* coincide com a festa a Santa Brigida, de que se conserva ali, em bella urna de prata, uma reliquia muito devota, um osso do craneo. A festa tem uma feição profundamente naturalista, resto de algum culto de divindade pastoril. Os lavradores das immediações dão voltas em roda da capella com os seus rebanhos. Dentro da igreja vende-se pavio de cêra amarella que se enrola nas hastes dos bois e ahi se deixa ficar até se consumir ou estragar. A crença popular vê n'isto um preservativo contra as molestias dos animaes, de que a santa é para assim dizer a deusa tutelar. Não sei se em mais alguma localidade ou provincia existe este

---

[1] J. B. de Castro, obra citada, tomo 3.º, pag. 179 e seg.

[2] Obra citada, pag. 455.

costume, tão profundamente original, em que se revela a fusão intima de duas tradições pantheistas.

O meu amigo Gabriel Pereira no seu interessante opusculo *Noticias de Carnide* (pag. 20) descreve-nos, em phrase ingenuamente pittoresca, a festa e feira de Santa Brigida, que elle teve occasião de presencear n'um dos seus passeios campestres.

A crença e superstição do povo promettem não se extinguir e ainda em fevereiro de 1902 se repetiam todas estas cerimonias, tão dignas de terem por scenario os bosques da Arcadia, ao som das tibias, dos pastores de Theocrito e de Virgilio. Uma correspondencia dirigida, n'aquella data e d'aquelle logar, ao *Diario de Noticias* descreve-nos assim os episodios da festa:

«*A festa e feira de Santa Brigida* — Realisaram-se hontem no Lumiar a festa de Santa Brigida e a feira annual de gado, que apezar do mau tempo esteve regularmente concorrida.

«Ás 10 horas fez-se a benção da cera, e em seguida missa cantada a grande instrumental. Officiou o padre coadjuctor José Custodio de Lima, acolytado pelos padres João da Silva Gouvêa, Francisco e João da Costa, prégando o rev. prior Francisco de Paula da Fonseca Neves.

«Durante o dia houve grande romaria á capella de Santa Brigida, a quem foram offerecidas muitas promessas de cera, dinheiro, trigo e milho.

«Foram vendidos muitos registos e metros de pavio de cera que eram enrolados com muita devoção ao pescoço do gado.

«A feira esteve muito concorrida de gado, mas não se fizeram transacções de valor.

«O gado antes de entrar na feira, como de costume, deu tres voltas á roda da igreja, chamando a attenção do publico, 500 ovelhas e carneiros pertencentes ao snr. Conde da Guarda, e 860 do snr. Carlos Costa Sanches, da Serra do Monsanto».

III

Se as *candeias* se empregavam com mais especialidade na festa de Nossa Senhora da Purificação, não deixava comtudo o seu uso de se generalisar ás demais festas e romarias do anno, como ainda hoje se pratica com as velas e votos de cêra, que se vão depôr nos altares dos santos queridos. Na antiga poesia portugueza, no Cancioneiro trovadoresco dos tempos de D. Diniz, lá vem commemorado o facto nas amorosas cantigas, misturado ingenuamente o profano com o religioso.

Pero de Viviães foi um dos mais inspirados interpretes d'esta costumeira do seu tempo, pondo umas lindas estrophes na bôca das moças formosas que vão á festa de S. Simão de Val de Prados. Emquanto as mães se entreteem a queimar candeias por ellas e pelas filhas, estas dançam deante dos seus amigos, seduzidos pela graça com que bailam e saracoteam as suas apaixonadas. A cantiga, que tem o quer que seja do rythmo e da cadencia coreographica, vem inscripta sob o n.º 336 do Cancioneiro da Vaticana. O seu texto conforme o dá a pag. 112, 113 do *Cancioneirinho* de Varnhagen (Vianna de Austria 1872) é do teor seguinte:

Pois nossas madres van a San Simon,
De Val de Prados candéas queimar,
Nós as meninas punhemos d'andar
Con nossas madres, e elas enton
    Queimen candeas, per nós e per si,
    E nós meninas bailaremos y.

Nossos amigos todos lá irán
Por nos veer; e andaremos nós
Bailando ant'eles, fermosas, sós;
E nossas madres, pois que alá van,
    Queimem candeas per nós e per si
    E nós meninas bailaremos y.

Nossos amigos irán per cousir
Como bailamos, e poden veer
Bailar moças de bon parecer,
E nossas madres, pois lá queren ir,
    Queimem candeas, per nós e per si.
    E nós meninas bailaremos y.

O snr. Dr. Theophilo Braga adduz ainda outra cantiga, a 265, em que uma rapariga fala em ir á romaria de Santiago, para queimar as suas candeias e vêr o seu amigo. Diz a ultima estrophe:

Quer'eu ora mui cedo provar se poderey
hir queymar mhas candeas con grã coita qu'ey;
    e por veer meu amigo logu' i.

Com esta festividade de Santa Brigida tem muitos pontos de contacto, sendo talvez uma variante d'ella ou procedendo ambas da mesma

origem, outra festa que se celebra no dia 25 de abril, em honra de S. Marcos, em diversas terras do paiz, sobretudo no sul, em Alter do Chão e no termo de Serpa. A solemnidade não é verdadeiramente em honra de S. Marcos, mas sim em honra do touro e da raça bovina. Ora sendo o leão o emblema symbolico d'aquelle Evangelista, não sei explicar o motivo porque é que n'este dia a crença popular divinisa para assim dizer o touro, que é o symbolo de S. Matheus. Como quer que seja, o que é certo é que o touro, attrahido, como se pretende, pelo sacerdote, entra mansamente na igreja e ali assiste á funcção, servindo as suas hastes de estante ao missal, onde se canta a missa [1].

Não sei se esta sagração bovina ainda se solemnisa ou se já se extinguiu de todo. O boi é dos animaes mais gratos á devoção christã. No presepio apparece elle bafejando e acalentando o Menino Jesus. Os lavradores do norte do paiz, nas suas doenças graves e transes afflictivos, costumam offerecer juntas de bois, que levam enramilhetadas aos sanctuarios mais afamados como os do Bom Jesus, Nossa Senhora do Sameiro e S. Torquato, sendo esta uma das boas fontes de rendimento. Nas povoações das aldeias o calendario christão serve de referencia e de ponto de apoio ao calendario meteorologico. Assim como no dia da Purificação se tiram horoscopos atmosphericos, assim succede o mesmo em dia de S. Marcos. Na Candelaria rezam os proverbios:

Se a Senhora da Luz chorar,
Está o inverno a acabar.

Se a Senhora da Luz rir,
Está o inverno para vir.

Quando a Candelaria chora, o inverno já está fóra; quando a Candelaria ri, o inverno ainda está por vir.

Em portuguez, não vejo apontado nenhum proverbio d'esta natureza relativo a S. Marcos, mas em italiano e hespanhol ha os seguintes, que o sr. Theophilo Braga traz no seu *Povo Portuguez:*

S. Marcu é lu lupu de la campagna.

---

1 Veja-se a este proposito o interessante artigo do meu amigo Pedro A. d'Azevedo, a pag. 117 do 1.º volume da *Tradição,* revista ethnographica, que se começou a publicar em Lisboa em 1899, mas cuja redacção é em Serpa, sendo seus directores os srs. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes.

São Marcos.
Llena los charcos.

Em Guimarães, no Museu da benemerita Sociedade Martins Sarmento, guarda-se o *Andor das candeias*, que figurava n'uma procissão, denominada das *marafonas* ou dos *pães bentos*, que sahia antigamente, no dia 10 de junho, da igreja de Santa Clara e recolhia na Collegiada. Assistiam a esta cerimonia, commemorativa de uma promessa feita em occasião de grande calamidade, o cabido e a Camara. O andor, diz o sr. Albano Bellino, de quem tomo esta noticia, ia adornado de velas de cera, que prefaziam o pezo do rôlo com que se devia cercar a muralha da cidade [1].

IV

Das festas de igreja e romarias, passemos a observar agora o uso das candeias em solemnidades mais intimas. Ellas são na estrada da vida, as duas balisas luminosas dos seus extremos — nascimento e a morte. Effectivamente que é a vida senão a lampada que se accende um dia e se extingue depois á falta d'oleo?

Se a vela accesa, ao despertar da existencia, tem a alegria de uma alvorada, já não succede o mesmo, quando illumina o rosto macillento de um moribundo. A despedida do mundo, segundo o *Ritual romano*, toma um caracter sinistro, que impressiona os assistentes devendo apavorar o espirito do principal auctor d'esta scena dramatica. O enfermo, reclinado na cabeceira do leito, se ainda tem força para isso, segura nas mãos trémulas uma vela, emquanto o sacerdote resa o officio da agonia, a ladainha dos moribundos, cujos versiculos monotonos parecem outras tantas pancadas funebres na tampa do sepulchro que se vae abrir [2].

Hoje em dia, no declinar do fervor religioso, a *encommenda da alma*, já não se faz com tanta frequencia, mas antigamente nem os proprios reis escapavam á terrivel imposição da igreja, que assim julgava levar o ultimo consôlo aos moribundos, quando talvez não fizesse mais do que augmentar-lhes a inquietação com a lembrança dos peccados, que pediam arrependimento sincero. D. João II não enfraqueceu na hora derradeira mostrando o homem forte que sempre fôra até exhalar o ultimo suspiro. Garcia de Rezende, no capitulo CCXXII da sua *Chronica*, pinta-nos admiravelmente o quadro da agonia. Os bispos e os fi-

---

[1] Albano Bellino, *Archeologia Christã*, pag. 150.

[2] Esta cerimonia é cumprimento do que dispõe o *Ritual romano* no titulo *De visitatione et cura infermorum — Ordo commendationis animæ*.

dalgos alternam as orações com os pedidos e o rei, de candeia na mão, reza e despacha ao mesmo tempo, satisfazendo a cubiça de uns, ouvindo os consolos de outros, admirando talvez a hypocrísia de todos.

Gil Vicente, em cujos *Autos* se encontram os mais preciosos vestigios ácerca das tradições populares, fornece-nos elementos interessantissimos no tocante ao emprego das *candeias*, não só na hora da morte, mas ainda em outros actos da vida intima. Eis aqui uma passagem do *Auto da Lusitania*, referente ao primeiro caso:

> Não somente quem o crea
> Nem sentem as creaturas
> Que ha de morrer sem candea
> E espirar ás escuras,
> Como triste em terra alhea.

Dois seculos depois de Gil Vicente, outro poeta comico, herdeiro do seu genio dramatico, o malaventurado *Judeu* (Antonio José da Silva) allude ao costume, n'uma das suas mais populares *operas*, *Guerras do alecrim e mangerona*. Semicupio, o gracioso creado, diz figuradamente:

«Não ha huma candeia nesta casa que se meta na mão, que estou morrendo por te ver?»

Na mesma obra nota-se a seguinte expressão: *candeia de garavato*, como quem diz candeia de leito ou cama.

Em muitas casas conserva-se a *vela benta*, que serve n'estas occasiões solemnes e em outras ainda, como nas trovoadas, quando se invoca Santa Barbara.

Camões principia assim a sua segunda *Carta*:

«Esta vay com a candea na mão morrer nas de v. m.»

Voltemos a Gil Vicente e extraiamos do velho mas immorredoiro poeta as restantes crystallisações da supersticiosa costumeira. No *Auto da Mofina Mendes*, referindo-se ao nascimento do Menino, diz:

> Vereis em palhas nascido,
> *Sem candeia* e sem luar,
> Suspirando.
> E porque a noite he quasi meia,
> E são horas que esperemos
> Seu nascer,
> Ide, Fé, por essa aldeia
> Accender *esta candeia*,
> Pois outras tochas não temos
> Que accender.

A Fé volta com a *vela sem lume* e diz S. José:

Não vos anojeis, Senhora,
Pois estais em terra alheia,
Ser o parto *sem candeia,*
Porque as gentes d'agora
São de mui perversa veia.
Todos dormem a prazer,
Sem lhes vir pela memoria
Que por força hão de morrer;
E não querem accender
A sancta vela da gloria.

Mais adeante exclama ainda a Fé:

Sem memoria nem cuidado
Dormem em cama de flores,
Feita de prazer sonhado:
Seu fogo tão apagado
Como em choça de pastores;
E a vossa divina vela,
Vossa *eterna candeia,*
Feita de cera mais bella,
Em cidade nem aldeia
Não ha hi lume para ella.

Diz ainda S. José:

Mandae-lhe accender *candeias,*
Que chamem ouro e fazenda,
E vereis bailar baleias;
Porque irão tirar das veias
O lume com que se accenda.
E á gente religiosa
Manda-lhes velas bispaes;
A cera, de renda grossa;
Os pavios, de casaes;
E logo não porão grosa.

V

Fernão Lopes, o Gil Vicente da historia, sabendo imprimir nas suas narrativas o colorido e o interesse dramatico, offerece, na sua *Chronica de D. João I* algumas passagens curiosas relativamente a candeias.

Tinha o povo de Lisboa proclamado o Mestre d'Avis regedor e defensor da patria, mas a sua victoria, dentro do proprio recinto da cidade, não era completa, pois restava ainda o castello, que tinha voz pela rainha, e que era, por conseguinte, uma vigia incommoda e um obstaculo perigoso. Julgando indispensavel a sua posse, trataram de o atacar, ameaçando os defensores de exporem aos seus primeiros tiros as mulheres e os filhos, que tinham deixado na cidade. Deante d'estas ameaças e dos preparativos do assalto, o alcaide decidiu-se a preitejar, obrigando-se a dar a fortaleza, se dentro de 48 horas não recebesse ordem ou soccorro da rainha, que estava em Alemquer. Mandado ali um mensageiro com este recado, o povo de Lisboa, alvoroçou-se, e tanto na povoação como no seu termo, esteve toda a noite de vigia, de luzes accesas, com temor que viesse algum auxilio, preparando-se para o receber condignamente. Esta anciedade acha-se reflectida no capitulo XLII da alludida chronica, da seguinte fórma:

«Os da cidade como souberam que o castello era preitejado corriam todos pelas comarcas, e toda aquella noite foi posta grande guarda em toda Lisboa, *dormindo d'arredor do monte com muitas candeias accesas,* velando com grande cuidado pera embargar qualquer ajuda, se acontecesse de vir ao alcaide.»

O rei de Castella está já em volta dos muros de Lisboa, investindo-a por mar e por terra e começam as amarguras do cêrco. Os viveres vão escasseando de dia para dia e os horrores da fome quebrantam os animos mais valorosos, que procuram retemperar-se, para reagir, no fanatismo religioso e no fanatismo da patria. As imaginações incandescidas viam nos mais simples phenomenos atmosphericos intervenção sobrenatural, e n'essas visões maravilhosas sorria-lhes a esperança de melhor futuro. Uma noite, os defensores do muro, proximo de S. Vicente, ficaram assombrados com a apparição mysteriosa de uns vinte homens, envoltos em brancas roupas sacerdotaes e trazendo nas mãos, quatro d'elles, cirios accesos. Formavam uma especie de procissão e entravam n'uma igreja, falando baixinho como se estivessem resando. Christãos e mouros presencearam este espectaculo e chamando por seus companheiros, quando estes chegaram, já os phantasmas tinham desapparecido. Se um deslumbramento se desvanecera outro o subs-

tituira. Os fogos fatuos continuavam nos seus exercicios de physica recreativa. Estando os soldados conversando attonitos sobre o caso *viram nas pontas das lanças que estavam nas torres, senhas candeias accesas de claro lume, que durou acerca de uma hora* [1].

Occorrencia similhante, mais estupenda ainda, succedera oito dias antes em Montemór-o-Velho, patria do abbade João, de lendaria memoria. N'uma segunda-feira, 11 de abril, *chuvera cera n'aquelle logar, tal como põem ás candeas,* e um morador da terra, para que não ficasse duvida a ninguem, trouxe a Lisboa uma amostra d'ella, e juntamente um auto comprovativo feito pelo tabellião Lourenço Affonso.

Sem duvida esta chuva deve attribuir-se a artes magicas do abbade João [2].

Quando se recebeu em Lisboa a noticia de ter chegado a Cascaes a frota de soccorro que vinha do Porto, houve grande borborinho e agitação na cidade, gerando-se em uns a esperança de que ella venceria a frota de Castella e assim ficariam com a barra desembaraçada, temerosos outros de um resultado funesto pela desegualdade das forças. E n'este rumorejar de opiniões oppostas, n'este embate de ideias e de sentimentos, o povo accorria ás *egrejas e mosteiros com candeias accesas nas mãos fazendo dizer missas e outras devoções, com grandes preces e muitas lagrimas* [3].

A peste invadira o arraial do rei de Castella, e este, por tal motivo, viu-se obrigado a levantar o cêrco de Lisboa. A cidade, sentindo-se livre, soltára um grito de expansão jubilosa e procurára rehaver os logares do termo, que tinham voz pelo monarcha intruso. Um d'esses logares era Cintra, cujo castello, pelo penhascoso do sitio, era difficil de conquistar. O Mestre d'Aviz imaginou que o poderia colher de surpreza e n'este intuito sahiu de Lisboa, cautelosamente, sem revelar o seu designio. O tempo não lhe permittiu, porém, levar por deante o seu ardiloso plano. Uma tempestade medonha lhe interrompeu a marcha. A chuva era um diluvio e a cerração tão intensa, tão carregadas as nuvens, que nem os raios allumiavam aquellas trevas. A escuridão era tanta que não se viam uns aos outros e ninguem sabia onde estava. No meio d'esta calligem, apenas a electricidade ousava brincar com a prestidigitação dos seus jogos luminosos. Diz o chronista que em esta *danosa noite appareciam taes candeias nas pontas das lanças d'alguns de que eram acerca do mestre* [4].

---

1 Fernão Lopes, *Chronica de D. João I*, cap. CXI.

2 Idem, idem.

3 Idem, idem, cap. CXXXII.

4 Idem, idem, cap. CLXIV.

Em Lisboa a tempestade não se fizera sentir com menos violencia e em alguns sitios as inundações produziram consideraveis estragos. Os guerreiros, que voltaram da mallograda expedição, por muito que exagerassem as suas narrativas, podiam ser facilmente cridos, porque as scenas que se presencearam na cidade, e de que estavam patentes os vestigios, não foram menos assombrosas e damninhas.

Como fecho a estas citações do velho chronista darei agora um traço, que caracterisa a physionomia moral de Nuno Alvares Pereira, mixto de guerreiro e de asceta, alma de Joanna d'Arc ou de Santa Thereza de Jesus, n'um arcabouço masculino. A intensidade do seu mysticismo era tal que, até no mais rijo dos combates, abandonava a direcção d'elles, para se ir entreter expiritualmente com Deus, evocando o seu auxilio e a sua inspiração bellica. Esta confiança extrema, esta allucinação religiosa, esta crença que tocava as raias da loucura, era a mola impulsiva dos seus actos, o segredo dos seus triumphos. No seu arraial, as praticas devotas, combinadas com os mais rigorosos preceitos da ordenança militar, davam ao soldado a firmeza do espirito e a firmeza do corpo, a confiança em Deus e a confiança no seu capitão.

Narra a este proposito o chronista:

«Nas festas principaes do anno em que a egreja costuma que se faça procissão, ordenava elle de a fazer pelo arraial com candeias nas mãos, segundo o dia em que era, ouvindo sua pregação e officio o mais honesto que se em taes logares fazer podia» [1].

VI

Na minha infancia o candeeiro de latão tão propicio ao estudo e vigilias escolares, a candeia, e a vela de cebo, espetada em castiçal, eram os elementos essenciaes e indispensaveis da illuminação caseira. Então o grosseiro phosphoro de pau ainda não tinha banido completamente a mecha sulfurosa, que se vendia aos mólhos em lojas da Praça Nova ou de D. Pedro, lojas onde hoje estadeiam elegantes estabelecimentos de modas. O gaz, o petroleo, a estearina, fazendo uma profunda revolução no systema illuminatorio, puzeram em debandada aquelles agentes, que se podem considerar reliquias archeologicas. A candeia quasi que só se usa nas povoações sertanejas. Era construida geralmente de ferro ou de folha de Flandres, e consistia numa haste, na extremidade inferior da qual estava o recipiente, de fórma arredondada, onde se deitava a materia inflammavel — o azeite de oliveira ou de

[1] Fernão Lopes, *Chronica de D. João I*, cap. CLXXXXIII.

peixe. A extremidade superior era em fórma de gancho para se ter suspensa da mão, da cabeceira do leito, da parede ou de qualquer movel.

Antigamente, como se vê dos textos já apontados e de outros que ainda reproduzirei, tinha uma significação muito differente e era synonimo de vela. O candeeiro não era o feitor de candeeiros, mas sim o fabricante de candeias ou velas. Numa carta de fr. João Claro, doutor pela Universidade de Paris, monge e prior de Alcobaça, dirigida a D. Manuel, diz elle, referindo-se a obras a fazer na igreja e á maneira como os objectos de culto estavam dispostos em um armario junto de cada altar: «... e o sacerdote que a hade dizer (a missa) vae á sacristia por o seu cales, hostia e *candea.*»

Entre as candeias havia algumas de designação especial, ou por causa da sua procedencia, ou por causa do seu fabrico ou ainda talvez por causa do seu feitio. As candeias de Paris e Aragão mereceram a honra de serem mencionadas pelos poetas. Transcrevi ja do *Cancioneiro da Vaticana* algumas cantigas em que se fazia referencia ao costume de levar e queimar candeias em homenagem aos santos nas romarias mais populares. Da mesma collecção, pois, se colhem mais subsidios sobre o assumpto, especialmente a respeito das candeias de Paris.

As donzellas enamoradas iam a S. Clemenço, ou S. Clemente, queimar *candeas de Paris*. O santo era uma especie de confidente dos segredos do seu coração. Era o seu nome que ellas invocavam no seu desespero quando se viam trahidas pelos seus amantes.

Sam Clemente, senhor,
se vingada nom for,
nom dormirey!
Se vingada nom for
do falso e traedor,
nom dormirey!

A cantiga 807 é a prova documental da proveniencia das candeias francezas. Transcrevo-a na integra, porque é uma pagina curiosa, para a historia da *Luminaria*. Por as palavras sublinhadas se vê que ahi se allude tambem a *estendaes e bogias*. Reza assim:

Nom vou eu a Sam Clemenço
orar e faço gram razom,
ca el non mi tolhe a coyta
que trago no meu coraçom;
  nem m'aduz o meu amigo
  pero lh'o roguo e lh'o digo.

Nom vou eu a Sam Clemenço
nem el non se nembra de mi,
nem m'aduz o meu amigo
que sempr' amey des que o vy;
    nem m'aduz o meu amigo
    pero lh'o roguo e lh'o digo.

Ca se elle m'adussesse
o que me faz penando andar
nunca tantos *estandaes*
arderam ante o seu altar;
    nem m'aduz o meu amigo
    pero lh'o roguo e lh'o digo.

Ca se el m'adussesse
o por que eu moyro d'amor,
nunca tantos *estandaes*
arderam ante o meu senhor;
    nem m'aduz o meu amigo
    pero lh'o roguo e lh'o digo.

Poys eu e mha voontade
de o nom veer sõ bem fis,
que porrey par caridade
ante el *candeas de Paris;*
    nem m'aduz o meu amigo
    pero lh'o roguo e lh'o digo.

Em mi tolher meu amigo
filhou comigo perfia,
por end'arderá, vos digo,
ante el *lume de bogia;*
    nem m'aduz o meu amigo
    pero lh'o roguo e lh'o digo.

Na cantiga seguinte (808) ainda a mesma apaixonada fazia oração a S. Clemenço na esperança de ver o seu amado:

Estava em Sam Clemenço
e fôra candeas queimar,
e disse-m'o mandadeiro,
fremosa de bom semelhar:
    agora verrá aqui o vosso amigo.

Emquanto ás *candeas de rezar de Aragão* seja o *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rezende, quem venha prestar primeiramente o seu testimunho. N'uma carta em verso de João Gomes de Abreu, em que dá novas de Lisboa a D. Duarte de Menezes, que estava com el-rei em Aragão, ha a seguinte comparação:

> O Noronha de Rruam
> he da Silua namorado,
> a *candea d'Aragão*
> foi por ella apodado.

Agora falam os documentos officiaes. D. Affonso V, em carta de 24 de agosto de 1456, concedeu a sua prima D. Filippa a dizima de diversos objectos importados pela alfandega do Porto, entre os quaes se mencionam as *Candeas d'aragam pera rezar*. A mesma concessão foi feita por D. João II a sua mulher D. Leonor, com a differença de ser extensiva a todas as alfandegas do reino. Na respectiva carta passada a 20 de janeiro de 1492, e confirmada por D. Manuel a 24 de março de 1496 declara D. João II que fizera esta mercê a pedido de sua esposa, que lhe representára não ter recebido até então a renda da dizima das joias que lhe pertencia haver por bem da doação que os reis antepassados deram e confirmaram ás rainhas [1].

A nomenclatura dos objectos mencionados n'estas duas cartas é muito interessante, não só sob o ponto de vista linguistico, mas tambem sob o ponto de vista industrial e economico. Dou aqui a sua lista formulada alphabeticamente:

Açafates
Aguilhoos
Alambres
Alfreses
Aljofar
Almeizares
Almiscar
Alvaiade
Annees (anneis)
Arcas
Azeviche
Boetas grandes e pequenas

[1] Vidè *Documentos* I e II.

Bolsas
Botões d'azeviche
Cabelleiras
Camicassas ou camicares?
Candeias d'Aragão para rezar
Canudos de ouro e prata
Cardas para cardar algodão
Cendaes
Chaperetas tecidas
Chapilleres
Chapins
Contas
Coraes
Cordões
Crespinas de ouro e seda
Enxaravias de seda e linho
Escaninhos
Esmolleiras de ouro e seda
Espelhos
Fita de ouro e de seda
Folha de ouro e de prata
Forcaduras
Froxam
Luvas
Manilhas de ouro, prata e azeviche
Matalotes
Ouro fiado
Pandeiros
Pentes
Prata fiada
Retroz
Rocas
Seda
Sedeiros de seda e linho
Trenas
Veos

VII

Occupar-me-hei agora do fabrico das velas durante os seculos XIV e XV, verificando-se assim, ainda que muito por alto, qual fosse o movimento que tinha esta industria no nosso paiz, sobretudo em Lisboa e Santarem.

Cabe o logar de honra a um candeeiro d'el-rei D. Diniz, cuja brilhante côrte, apezar das luctas intestinas, legou á posteridade o mais importante monumento poetico da nossa litteratura. Como já houve occasião de vêr, os collaboradores do Cancioneiro diniziano por mais de uma vez alludiram, na pintura das romagens, ao uso das candeias. Em 12 de agosto da era de 1365 (1327), emprazava Elvira Silvestre, prioreza das donas do mosteiro de S. Vicente de Fóra (Santa Clara), a Lourenço Anes, *candeeiro que fôra d'el-rei D. Diniz,* pelo preço de 8 libras, umas casas situadas no sitio da Cruz, as quaes haviam sido de Martim Paes Ribeira, e que Silvestre Garcia, pae da dita Elvira Silvestre, deixára a ella por alma de Martim Curvo [1].

Em 4 de outubro da era de 1377 (anno de Christo de 1339) aforou Clara Gonçalves, prioreza de Chellas, em nome do seu convento, umas casas situadas na villa de Santarem (hoje cidade) na freguezia de Santa Maria de Marvilla, a par do açougue, a Pero Fernandes, candeeiro. Estas casas que haviam ficado ao mosteiro, por morte de dona Stevainha Assarada, dona professa no mesmo mosteiro, foram emprazadas em tres vidas pelo fôro annual de nove libras *de portugueses,* sendo a primeira vida o dito Pero Fernandes, a segunda, sua mulher dona Antona, e a terceira, sua filha Isabel Fernandes. Entre as testemunhas do contracto assignaram *João Sanches* e *Diogo Ponço, candeeiros* [2].

Dez annos depois, a 4 de março de 1387 (anno de 1349), sendo prioreza dona Catelina Domingues de Cintra, emprazava o mesmo convento, em tres vidas, a *Martim Domingues, candeeiro, morador em Santarem,* dois portaes de casas na mesma villa, a par do açougue e do alcaide mouro. O preço do fôro era de 21 libras em dinheiro portuguez. A segunda pessoa, depois de Martim Domingues, era sua mulher, Margarida Anes, e a terceira quem elles nomeassem [3].

Em carta de 13 de dezembro da era de 1416 (anno 1378) aforou D. Fernando, em tres vidas, por 47 libras annuaes, a João Esteves, umas casas sitas na rua dos *candeeiros da cera.* Por este documento se vê que os candeeiros tinham o seu arruamento em Lisboa. A rua dos candeeiros da cera era por certo a mesma que nos seculos XVI e XVII tinha a denominação de rua dos cereeiros [4].

A 20 dias d'agosto da era de 1417 (anno de 1375) emprazou o

---

[1] Vidè *Documento* III.
[2] Vidè *Documento* IV.
[3] Vidè *Documento* V.
[4] Vidè *Documento* VI.

Convento de Chellas, em tres vidas, sendo a primeira *João Affonso. candeeiro,* e a segunda sua mulher Thereza Gomes, uma vinha sita em Lisboa em Alvalade-o-Grande, confinante com terras do mosteiro de S. Vicente. Para este contracto concedeu licença o bispo de Lisboa, Agapito Colona, por intermedio do seu vigario Guilherme Carbonel [1].

Não deixa de ser curiosa a frequencia de emprazamentos feitos pelo Mosteiro de Chellas a diversos candeeiros. No seu cartorio encontra-se ainda outro documento, em que se fala de candeias. É uma carta de 14 de fevereiro da era de 1453 (anno de 1415), passada por Gil Vasques da Torre, escudeiro-vassallo d'el-rei, em favor de D. Aldonsa Pereira, prioreza do Mosteiro de Chellas, em que lhe dá quitação de *todallas camdeas e obradas e dynheiros d'ofertas* que ella e seu convento receberam na igreja de S. Braz de Lisboa, durante todo o tempo em que elle foi rendeiro da Bailia da mesma igreja [2].

No reinado de D. Affonso V o poder real teve de intervir numa contenda travada pela concorrencia, que entre si faziam diversos cereeiros.

Eis o caso:

Gonçalo Pires, cereeiro, morador na Azambuja, protegido por fr. Vasco Martins, prior do mosteiro das Virtudes, alcançára de D. Duarte (carta de 30 de dezembro de 1434) privilegio para só elle vender candeias aos romeiros devotos que concorressem ás festividades celebradas no convento das Virtudes.

Os cereeiros de Santarem, João Coelho, Luiz Martins, Gil Fernandes e Manuel Gil, aggravaram-se com este privilegio e dirigiram-se ao mesmo monarcha, queixando-se de que todo o anno vendiam candeias no dito convento antes d'elle ser mosteiro, e que depois d'isso lhes não era permittido fazel-o por causa do privilegio concedido a Gonçalo Pires, favorecido do prior. El-rei attendeu em parte ao seu requerimento e mandou que elles podessem vender tambem as suas candeias na festa e nas oitavas de Nossa Senhora de Setembro, isto é, quatro dias antes e quatro dias depois. D. Affonso V confirmou a carta de seu pae a 26 de maio de 1446 [3].

Na primeira metade do seculo XVI, fabricavam-se em Lamego *candeias de cebo,* conforme se vê da seguinte passagem da *Descripção* da mesma cidade, de Ruy Fernandes, publicada no tomo V dos *Inéditos da Historia Portugueza.* No *Trelado da taxa, que aprovarom o*

[1] Vidè *Documento* VII.
[2] Vidè *Documento* VIII.
[3] Vidè *Documentos* IX e X.

juiz e oficiaes este anno de mil e quinhentos trinta, vem a seguinte verba:

«Titollo dos candeeiros

«Item. Toda pessoa que vender candeas de sevo, farám candeas, des o primeiro dia de maio atée natal, pesará o arratel das ditas candeas lavradas 20 candeas por arratel, que sam dez reis (reaes). E desde natal até maio pesará o arratel das candeas lavradas 24 candeas, que sam a doze reis por arratel. As quaes candeas teróm os pavios bem cosidos, e de seis fios» [1].

Nos fins do seculo XVI, na primeira metade do seculo XVII, a industria do cereeiro attingiu a méta da perfeição, convertendo-se em verdadeira arte. Tanto nas pomposas festas de igreja, como nas entradas de reis e outras solemnidades similhantes, os cereeiros esmeravam-se em apresentar as mais elegantes e apparatosas invenções. João Baptista Lavanha perpetuou pela estampa os primores dos cereeiros de Lisboa, quando esta cidade recebeu triumphalmente a D. Filippe II, terceiro do seu nome em Hespanha. O arco dos cereeiros vem reproduzido na obra d'aquelle escriptor, impressa em Madrid no anno de 1622, sob o titulo de *Viagem da Catholica Real Magestade d'el-rei D. Filippe II*, etc. No meu livro *Artes e artistas em Portugal* dediquei um capitulo ao assumpto e n'elle se vê a descripção de alguns dos mais notaveis artefactos dos engenhosos cereeiros d'aquellas épocas.

A lampada electrica veio lançar na escuridade todos estes explendores até que um dia alguma coisa de mais maravilhoso a venha desthronar tambem.

VIII

No adagiario portuguez encontram-se algumas referencias ás candeias.

Andar de candeias ás avessas, equivale a dizer que um individuo está mal-humorado ou que anda de ponta com outro.

Candeia que vae na frente allumia duas vezes.

Este adagio corresponde ao francez:

La chandelle qui va devant éclaire mieux que celle qui va derrière.

O sr. visconde de Castilho, no volume VII da *Lisboa antiga*, a pag. 427, traz o seguinte adagio:

---

[1] Obra citada, pag. 607.

A mulher e a seda, de noite á candeia.

Ouvi, porém, outra versão, que me parece mais exacta e acceitavel, por causa da rima:

A mulher e a teia,
Á luz da candeia.

Mulher feia quer-se sem candeia.

Este adagio corresponde talvez ao francez:

Il ne faut prendre ni femme ni étoffe à la chandelle.

Gil Vicente, na *Exhortação da Guerra*, allude a este proverbio;

Farei por meo vintem
Que uma dama muito feia
Que de noite sem candeia
Não pareça mal nem bem.

Na collecção de adagios da *Bibliotheca do Povo* encontrei o seguinte:

De noite á candeia, a burra parece donzella.

Na *Farça dos Almocreves*, de Gil Vicente, vêem diversos annexins, entre elles o seguinte:

A candeia morta, gaita á porta.

Nem pelos antecedentes nem pelos consequentes se póde colher o sentido d'esta phrase, que parece um pouco enygmatica.

No *Cancioneiro popular* colhem-se as seguintes quadras:

Candeia que não dá luz
Não s'espeta na parede;
O amor que não é firme
Não se faz cabedal d'elle.

Alumia-me ó candeia
Que me quero ir deitar;
Se tu não és o meu bem
Como te hei-de alumiar?

João de Barros, na *Ropica pnefma* diz:

Que obra faz a candea?
Queimar a si mesmo e alumiar a outrem.

DOCUMENTOS

I

Carta de D. Affonso V, de 24 de agosto de 1456, concedendo a sua prima D. Filippa o dizimo dos direitos de certos objectos importados pela Alfandega do Porto.

«Dom Afonso & a quantos esta carta virem fazemos saber que nos querendo fazer graça e mercee a dona Philipa, minha muyto presada e amada prima, Teemos por bem e queremos e mandamos que ella aja de nos, da feitura desta nossa carta en diante, em quanto nossa mercee for, das coussas que veem aa nossa alfandega do Porto, a dizema que a nos perteence de todo o aljofar e cendaaes, ouro fiado, prata fiada, anees, arcas, izquinynos, espelhos, pentees, folhas douro e prata e dalfreses e trenas, seda, retros, aguilhoos, contas, alanbres, botoões dazeuiche, camicassas, veeos, enxarauias de seda e linho, cabeleiras, chaperetas tecidos, chapyns, manilhas douro e prata e azeuiche, cordoões, forcaduras, almeizares, crespina douro e seda, *candeas d'Aragam pera rezar*, açafates, rocas, buetas grandes e pequenas, sedeiros de seda, linho, cardas pera cardar algodã luuas, bonecas, pandeiros. E porem mandamos a Luis Aluarez de Souza, do nosso Comselho e veedor da nossa fazemda em a dita cidade, e ao almoxarife e espriuaeẽs da dita alfandega e a quaeesquer outros nossos oficiaees e pessoas a que esto pertencer que façaaes entregar e entreguees a certo recado da dita minha prima todallas ditas coussas nomeadas sem falecer coussa alguua e asy como as nos averiamos se se pera nos as ditas coussas e cada huua dellas recadassem e mandamos aos ditos escpriuaaes que registem esta carta em alguu liuro da dita alfandega honde pertencer pera se saber como lhe teemos a dita mercee feita e ella teenhaa pera sua guarda. Dada em Sintra XXIIIj dias do mes dagosto — Afonso Pirez a fez — ano do nacimento de nosso Senhor Ihu x.º de mill iiij^{c} lbj. Johã Vogado a fez escpreuer».

(Torre do Tombo, *Chancellaria de D. Affonso V*, L.º 13, fl. 21 v.).

II

Carta de D. Manuel, de 24 de março de 1496, confirmando outra de D. João II, de 20 de janeiro de 1492, em que este monarcha faz mercê a sua esposa do dizimo dos direitos de certos objectos importados pelas alfandegas do reino.

«Dom Manuell per graça de Deus etc. Aquantos esta nossa carta de confirmaçam virem ffazemos saber que a senhora raynha dona Lianor mynha muyto amada e prezada irmaã nos enuyou mostrar hua carta que per elRey dom Joham meu senhor e primo cuja alma Deus aja na sua santa gloria Tynha asynaada da quall ho theor tal he como sse ao djante ssegue:

«Dom Joham per Graça de Deus Rey de Portuguall e dos Algarues daaquem e dalem mar em Afriqua, Senhor de Guynee. Aquantos esta nossa carta virem fazemos saber que a rraynha dona Lianor mynha sobre todas muyto amada e prezada molher nos disse como depois que he rraynha ateé ora ella nom ouuera a venda da dizima das joyas afundo declaradas que lhe pertencia auer de todallas alfandegas de nossos regnos per bem da doaçam que os reix passados ante nos derom e confirmarom aas raynhas dos ditos nossos regnos de Purtuguall a saber: aljoffar çendaees ouro fiado e prata fiada anees arquas escanjnhos spelhos pentees folha douro e de prata, alfressees trenas toda sseda e rretros e froxam aguylhoos anbres contas botoões aziuiches camjcares veeos fita douro e de sseda canudos douro e de prata coraees redondos outras contas e veeos e enxaraujas de sseda e de linho chapines e cabeleiras chapilleres aluayade tissidos manjlhas douro e de prata e azeuiche cordõoes e forcadura e almizquere crespinas douro e de sseda esmoleiras douro e de sseda e bolsas candeas daragam pera rrezar aceffates rrocas e buetas grandes ssedeiros de sseda e linho cardas de cardar algodom luuas matalotes e asy doutras muytas coussas desta calidade pedindonos que por quanto ella nom podja asy auer as ditas coussas sem teer dello nossa carta lha mandamos dar pera per ella as mandar requerer e arrecadar e veendo nos seu dizer e pedir e como sempre folgamos muyto auer as suas cousas ante nos por nossas meesmas e porque ella mjlhor podesse nysto seer seruida e mais certa com seu prazer quissemos e nos praz que ella desde janeiro que ora foy do ano presente de myl iiij^{c} lr ij em djante tenha e aja de nos pellas ditas joyas e coussas sobre ditas quatrocentos cruzados douro em ouro em cada huu

ano despachados em nossa fazenda per carta que lhe delles seera dada per nossas rrendas homde lhe sejam muy bem pagos aos quartees de cada hun ano e por firmeza dello lhe mandamos dar esta nossa carta asynaada da nossa mãoo e seellada do nosso seello pendente pella quall mandamos aos veedores da nossa fazenda que lhos mandem asseentar nos nossos liuros della e dar carta em cada hun ano dos ditos quatrocentos cruzados douro pera as ditas nossas rendas em que sua alteza possa dellas seer muy bem paga na maneira que dito he. Dada em a nossa cidade de Lixboa a xx djas do mes de janeiro, Joham Fealho ano de myl iiij[c] lrij anos.

«E pedindonos a dita Senhora que por quanto ella per nos queria a dita carta confirmada que lha mandassemos asy confirmar e dar sob nosso sinall e seello como do dito senhor Rey meu primo tynha. E por que de nos suas coussas nom som menos istimadas que as nossas propeas pollo muyto amor que lhe teemos e desejo de lhe senpre fazer graça e merçee teemos por bem e lha confirmamos e auemos por confirmada a dita carta asy e pella meesma guissa e maneira que lha o dito senhor Rey meu primo tynha dada e outorgada pella dita sua carta. E queremos e mandamos que asy como nella he contheudo se compra e guarde todo muy inteiramente ssem duujda nem enbargo alguu que lhe seja posto por que asy he nossa merçee. Dada em Satuuell a xx iiij djas do mes de março Joham do Porto a ffez anno do Nascimento de Nosso Senhor Jhesu Christo de myll iiij[c] lrbj»

(Torre do Tombo, *Chancellaria de D. Manoel*, L.º 43, fl. 60 v.).

III

Carta de Emprazamento feito pelas freiras de Santa Clara de Lisboa, a Lourenço Annes, candeeiro de D. Diniz. — 12 de agosto da era de 1365 (anno de 1327).

«Sabham todos que eu Elvira Silvestre Prioresa das donas nobres do Moesteiro de San Viçente de Fora e nos sobreditas donas desse méésmo damos e enprazamos a uos Lourence Anes candééiro que foy del Rey Don Denis, hũas casas sotom e sobrado que nos auemos na Crux as quaes forõ de Martim Pááez Ribeira as quaes a nos leixou Silvestre Garcia padre de mjn Eluira Sil-

vestre pola alma de Martin Curuo. Damos e enprazamos a uos as ditas casas com sas entradas e saidas e com todos seus dereitos e perteenças que uos as aiades e logredes e possuades em dias de uossa uida por tal preito e so tal condiçõ que nos dedes a nos en cada hũu ano oyto libras por dia de San Miguel de Setenbro. E uos deuedes a adubar e a mantêer as ditas casas de todalas cousas que lhys conprir de guisa que séiã melhoradas e nõ peioradas. E a uossa morte ficaren a nos as ditas com toda sa benfeitoria sen contenda nẽhũa. E obrigamonos por todos nossos bẽes guaanhados e por guáánhar a deffender e enparar a uos as ditas casas de quen quer que uolas demande ou enbargue assy comé huso e costume da terra. E eu Lourence Anes louuo e outorgo todolas ditas cousas e cada hũa dellas. E obrigome por todos meus bẽes guaanhados e por guáánhar a conprilas en todo e a pagar a uos as ditas oyto libras en cada hũu ano como dito he. En testemũho desto nos sobreditas partes mandamos a Dominge Anes tabelliõ de Lixboa que fezesse ende dous stromentos dũu tẽor partido por abc. dos quaes ende téémos senhos. Feitos foron na Cidade de Lixbõa hu chaman a Crux doze dias dagosto era de mil e trezentos e saseenta e cinque anos. Testemunhas Johã Migueez e Affomse Anes irmãas de Lourence Anes, Steuã Martinz. Steuã Fernandez pedreiros, Pero Anes Couuica e Johã Fernandez e Pero Affonso, Francisco Diaz, Johã Vicente e outros. E eu Domingue Anes Tabelliõ pubrico da dita cidade a rrogo e per outorgamento das ditas partes dous stromentos semelhauijs dũu têor partidos por. abc. cõ mha maão escreuy e en cada hũu delles meu sinal pugi que tal + he».

(Caixa 112 da *Collecção Especial*, na Torre do Tombo).

IV

Carta de emprazamento pelo convento de Chellas, de umas casas em Santarem, a Pero Fernandes, candeeiro. — 4 d'outubro da era de 1377 (anno de 1339).

«Em nome de Deos amen. Sabham todos quantos esta carta virem como eu Crara Gonçaluez prioresa do moesteiro da Chellas que he edifficado a par da cidade de Lixboa e nos convento do dicto moesteiro estando todas juntamente com a dicta prioresa ẽ no coro per canpãa taniuda comé de noso custume pera passar-

mos esto que sse adeante segue: Veendo e cõssyrando proveito do dicto nosso moesteiro damos e emprazamos e outorgamos a uos Pero Fernandiz Candeeiro en todos os dias de uossa vida e de vossa molher dona Antona e de uossa ffilha Isabela Fernandiz hũas cassas que nos auemos ẽ na vila de Santarem ẽ na ffrẽeguisia de Santa Maria de Marvila a par do açouguy aa entrada da rramada das quaes cassas estes ssom os termhos como partem com casas do dicto nosso moesteiro nas en que ora mora Maria Fonsso Oleira e com casas outro ssi do dicto noso moesteiro nas em que ora mora Maria Annes molher que ffoy de Pero Gomez e com rrua publica as quaes casas ssottam e ssobrado ficarom ao dicto nosso moesteiro per morte de dona Steuainha assarada dona profesa do dicto noso moesteiro nas quaes cassas vos ora morades. Damos e *emprazos* (sic) e outorgamos a vos as dictas casas sotaam e sobrado con entradas e saidas e com todos seos dereitos e perteenças per tal preito e so tal condiçõ que vos e a dicta vosa molher e a dicta vosa ffilha a que as dictas cassas fficarem depos vosa morte adubedes e mantenhades as dictas cassas tambem de paredes como de madeira grosa como de todalas outras coussas que ouverem mester de guisa que ssenpre sseiam melhoradas e nõ peioradas e dardes a nos ẽ cada huũ ano de pençom polas dictas cassas nove libras *de portugueses* (sic) por dia de pascoa da rresureçõ em Santarem em paz e ẽ salvo ssem contenda e sem enbargo nẽ huũ e aa vossa morte e da dicta vossa molher e da dicta vosa ffilha as ditas casas devẽ afficar ao dicto nosso moesteiro com toda sa bemfeitoria sem contenda e sem embargo nẽ huũ. E obrigamos os beẽs do dicto noso mosteiro mouys e rraiz gaanhados e por gaãnhar a uos deffendermos e a empararmos as dictas casas de quem quer que uolas demande ou embarge assi como he huso e custume da terra e eu ssobre dicto Pero Fernandiz por mỹ e pola dicta minha molher e pola dicta minha ffilha a que as dictas cassas fficarom depos nosa morte louvo e outorgo todalas ssobre dictas coussas e cada hũa dellas e obrigome per todos meos beẽs mouys e rraiz gaanhados e por gaanhar a comprilas e aaguardalas que todo como de suso dicto he e a pagar em cada hũu ano a dicta pençom polo dicto dia de pascoa da rressureição e nõ comprindo as ssobre dictas coussas e cada hũa d'ellas nẽ pagando a dicta pençõ ao dito dia como dicto he que nos ssobre dicta prioresa e convento per nos ou per noso procurador posades me ffilhar e cobrar e auer pera nos as dictas casas ssem poder e sem outoridade da justiça com toda ssa bemfeitoria ffeita ffoy esta carta e outra tal partidas per a. b. c. ẽ no ssobre

dicto moesteiro quatro dias do mes doitubro. Era de mil e trezentos e Sateenta e sete anos testemunhas que a esto presentes chamadas e rrogadas fforam Joham Sanchiz, Diogo Ponço candeeiros Lopo Dominguez criado de dom Francisco e Gonçalo Vaasquez procurador da dicta prioresa e convento e outros e eu Gil Figueira tabelliom publico da ssobre dicta cidade que a todas estas coussas ssobre dictas presente ffue com as testemunhas aquy conteudas e a rrogo e outorgamento das dictas partes esta carta e outra tal partidas per a. b. c. screuy meu synal aquy ffiz e ẽ outras que tal e esta carta tenha a dicta prioresa e o convento do dicto moesteiro (a) Gil».

(Torre do Tombo, *Mosteiro de Chellas* — Pergaminho n.º 346).

V

Carta de emprazamento, pelo convento de Chellas, de umas casas em Santarem, a Martim Domingues, candeeiro. — 4 de março de 1387 (anno de 1349).

«En nome de Deos amen. Sabham quantos esta carta vyren que eu Martin Belastro procurador da prioressa e convento do moesteyro da Chelas da par da cidade de Lixboa per poder dhũa procuraçam ffeta per mão de Joham Lourenço taballiom de Lixboa da qual o theor adeante he scprito emprazo a vos Martim Dominguez Candeeyro morador em Santarem e a uosa molher Margarida Annes esta que ora auedes e a hũa pesoa qual nomear o prostumeyro que de vos ficar aa sa morte dous portaais de casas que o dito moesteyro ha na vila de Santarem a par do açougue as quaes stam a par do alcayde mouro e soyaas a teer Maria Afomso e partem cõ casas d'Alcobaça e rrua publica e cõ casas do dito moesteyro da Chelas as quaes casas vos e a dita pesoa a que depois ficarem avedes aadubar de todalas cousas que lhes comprir e ffezer mester aa vossa propia custa salvo de paredes e de padeaães e de traves que o dito moesteyro ade poer quando comprir e vos e a dita pessoa devedes a dar ao dito moesteyro vynte e hũa libras de dinheiros portugueses em cada huũ ano por dia de pascoa da resureiçom e vos nẽ a dita pesoa a que depois ficarem nõ aiades poder de as vender nẽ dar nẽ doar nẽ alhear nẽ obligar nẽ em outras pessoas trasmudar mais acabado o tempo

de uos todos tres as ditas casas deuem ficar ao dito moesteyro liuremente e sem contenda nẽ hũa. E nõ pagando uos e a dita pesoa os ditos dinheiros ao dito dia como dito he que o procurador do dito moesteyro que pelo tempo for possa filhar as ditas casas per sa outoridade propria e sem coomha nẽ hũa de justiça da terra e de mais coregerdes ao dito moesteyro todalas custas perdas danos que pela dita razom receber e cõm vynte ssoldos cada dia de pea em nome de dano e de jntresse E eu dito procurador per poder da dita procuraçam obligo os beẽs do dito moesteyro a uos defender e enparar as ditas casas de quem quer que uolas demande e enbargue no dito tempo. E eu dito Martim Dominguez por mj̃ e pela dita minha molher e pesoa a quem depois ficarem as ditas casas louvo e outorgo todalas clausulas e cõdições suso ditas e cada hũa delas e obligo todos meus beẽs asi moues como raiz gaanhados e por gaanhar aas comprir e guardar e pagar em cada huũ ano os ditos dinheiros pelo dito dia como dito he so a dita pea en testemunho desto nas partes suso ditas mandamos desto seer feitas duas cartas de huũ teor e cõ teor da dita procuraçom feita foy esta carta na cidade de Lixboa quarto dias de março era de mill trezentos oyteenta e sete anos testemunha Grauiel Annes procurador no cõcelho de Lixboa Fernam Bolhõ, Joham Lourenço de Sacavem e outros e o theor da procuraçom de que he ssuso feita mençom tal he.

«Sabham quantos esta presente procuraçom virem como na era de mill trezentos oyteenta e sex anos convem a saber vynte quatro dias de dezembro em no moesteyro da Chelas da par da cidade de Lisboa em presença de my Joham Lourenço taballiom publico da dita cidade e das testemunhas que adeante som scpritas a esto specialmente chamadas e rogadas a honrrada e religiosa dona Cathelina Dominguez de Sintra a prioresa do moesteiro da Chelas...»

(Torre do Tombo, *Mosteiro de Chellas* — Pergaminho n.º 642).

VI

Carta de aforamento de umas casas na rua dos Candeeiros da cera, em Lisboa.

«Carta per que o dito senhor deu de foro huas casas que elle ha em Lixboa na Rua dos candeeiros da cera que partem com casas do dito senhor que trazem Joham da Madanella e Francisco

Annes e com Alfandega e com Rua Publica a Joham Steuez e a duas pessoas de pois de sua morte por Rbij libras em cada huu ano de foro etc. na Tougia Xiij dias de dezembro de mil iiij[c] x bj ãnos.»

(Torre do Tombo, *Chancellaria de D. Fernando*, L.º 2, fl. 36).

VII

Carta de emprazamento de uma vinha pelo Mosteiro de Chellas a João Affonso, candeeiro. — Era de 1417 (anno de 1375).

«Em nome de Deus amen. Sabhã todos que na era de mjll e quatroçentos e dez e sete anos vynte djas do mes dagosto na çidade de Lixboa dentro nas poussadas da morada de Joham Afomso Candeiro presente mỹ Stevã Annes tabeliom delrrey em esta meesma e pressentes as testemunhas adeante scriptas o dicto Joham Afomso que presente estaua mostrou e per mỹ dicto tabeliom leer fez hũa carta dautoridade scrita em purgaminho aberta e asinada per Gujlhelme Carbonel vigarjo do bjspo da dicta cjdade e seellada do seello da audjençia pendente em ffita uerde segundo em ella pareçia da qual o theor tal he: Guilhelme Carbonel priol de Santiago de Beia vigarjo jeeral do honrrado padre e Senhor dom Agapito de Colupna per a graça de Deos e da Santa Igreja de Roma bispo de Lixboa a quantos esta carta virem ffaço saber que Joham de Braçal procurador de dona prioressa e conuento do moesteiro de Chellas pareceo perante mỹ dizendo que o dicto moesteiro ha hũa vinha açyma d'Alualade o Grande hy honde chamam o Lagar das Couas que parte com vjnha de Joham Afomso mercador e cõ erdades e vjnhas de S. Vjçente de Fora e cõ camjnho publico e que el cõssyrando serujço de Deos e prol do dicto moesteiro per poder de hũa procuraçom que perante mỹ mostrou de parte da dicta prioressa e conuento pera esto que sse segue: disse que el queria enprazar a dicta vjnha a Joham Afomso Candeeiro e a ssua molher Tareya Gomes e a hũa pessoa qual o postumejro delles nomeasse em ssua vjda porque o dicto Joham Afomso sse queria obrigar a adubar e a proffeytar a dicta vjnha de todas aquellas cousas que lhe logo fossem conpridoiras per tal guissa que fosse melhorada e nã peiorada e dar e pagar em cada hum ano em paz e em saluo ao dicto moesteiro de rrenda e penssom da dicta vjnha sete libras de dinheiros portugueses e ffojme dicto

e pedido per o dicto Joham de Braçal que lhj desse minha autoridade ao dito enprazamento e eu dejlhe juramento aos Ssantos Euangelhos per el corporalmente tanjudos sse o dicto enprazamento que assy queria fazer era seruiço de Deus e prol do dicto moesteiro ou sse o ffaziam por conlujo ou outra coussa que fosse dapno del o qual disse per o dicto juramento que feito avja que el nõ fazia o dicto enprazamento por conlujo nem outra cousa que fosse dapno nem prejuiso del majs porque segundo Deos e sua cosciençia entendia que era sseu serujço e prol e honrra e eu veendo o que me assy deziam e pediam e o dicto juramento que assy per elle ffora ffeito como dicto he querendolhj fazer graça com direito outorgej-lhj e outorgo minha autoridade e conssentimento segundo de direito perteeçe ao dicto Senhor bispo que possa fazer e faça o dicto enprazamento da dicta vjnha ao dicto Joham Afomso e sua molher e pesoa e seia firme e estauil / dada em Lixboa sso seello da audjençia oyto dias de junho era de mjll e quatroçentos e dez e sete anos.

«A qual carta assy mostrada e per mỹ dicto tabeliom leuda, logo o dicto Joham de Braçal procurador sobre dicto que presente estaua per poder de hũa procuraçom pera o que sse adeante ssegue que eu tabeliom tenho rregistado em meu livro veendo e cõssjrando seruiço de Deus e prol e honrra do dicto moesteiro e dos beẽs del e em como lhj era dado poder que ffezesse o dicto enprazamento per o dicto vigarjo Enprazou ao dicto Joham Afomso que presente estaua e a dicta ssua molher Tereya Gomez esta que ora ha e a hũa pessoa qual o postumeiro delles nomear ao tempo da sua morte tanto e nom majs a dicta vjnha pellas cõffrontassões sobre dictas e cõ todas ssuas entradas e sajdas e direitos e perteẽças per tal prejto e sso tal condjçom que elles todos tres aiam de lograr e de pessuir em todollos djas das ssuas vjdas e a aiam dadubar e deprofeytar bem e fielmente como ssom os que bem adubados ssom deredor della aas ssas propias custas e despesas per guissa que sseia melhorado e nom peiorado e que dem e paguem em cada hum ano em paz e em saluo no dicto moesteiro per rrenda e pensom da dicta vjnha as dictas sete libras contheudas na dicta carta de dinheiros portugueses por dja de Natal primeiro que vem e assy dhj em deante em cada um ano por o dicto dja como dicto he e acabados os tempos de todos tres a dicta vjnha deue aficar ao dicto moesteiro cõ todas ssuas bemfejtorias melhoramentos sem cõtenda e embargo nẽ hum que sseia. E obrigou os beẽs do dicto moesteiro auudos e por auer a lhjs liurar e deffender enparar a dicta vjnha de qualquer pessoa ou pessoas

que lhjs sobre ella posser enbargo segundo husso e costume da terra e o dicto Joham Afomso e ssua molher Tareyia Gomez que assy presentes estauam rreceberom em ssy a dicta vjnha no dicto enprazamento que por ssy e polla pessoa que depos elles ha de vyr e obrigarom todos sseus beẽs mouijs e rraiz auudos e por auer adubarem e aproffeytarem a dicta vjnha e a pagarem a djcta rrenda em cada hum ano pollo dicto dja como dicto he e nõ adubando nẽ pagando mandarom e outorgarom que dhj em deante adubassem e pagassem a saluo cõ as custas e despessas que o dicto moesteiro por ello rreceber e cõ dez ssoldos em cada hum dja de pena em nome de dapnos e jnteresse e de majs que a dicta prioressa e conuento sse aiam de entregar no feito e elles no por fazer nõ sse chamando elles porem fforçados nẽ afforça noua e em casso que sse a ella chamarem que lhjs nõ valha as quajs coussas todas as sobre dictas partes louuarom e outorgarom e pedirom dello todo senhos stromentos e foram ffeitos no logo dia era mes sobredicto testemunhas que a esto presentes fforom Pero Vjcente ourjuez Domingos Martinz corretor moradores na dicta cjdade Vaasco Domjnguez homẽ do dicto procurador Antom Martjns vassallo do conde Alvaro Perez e outros e eu Steve Annes tabeliam ssobre dicto que este stromento pera o dicto moesteiro e outro pera o dicto Joham Afomso anbos dhum theor scpriuj e em cada huũ delles meu sjnal fiz em testemunho da verdade que tal he.»

(Torre do Tombo, Caderno 1.º — *Mosteiro de Chellas* — Pergaminho n.º 700).

VIII

Carta de quitação de Gil Vasques da Torre, rendeiro da Bailia de S. Braz, á abbadessa e convento de Chellas.

«Sabham quantos este estormento de conheçimento e quitaçom virem que eu Gil Vaasques da Torre escudeiro uassallo delRey morador na cidade de Lixboa rrendeiro que fuy certos anos ja pasados da Bailja de Sam Bras da dicta çidade dou por qujte e ljure deste dia pera todo senpre dona Aldonça Pereira prioressa do moesteiro da Chellas e conuento del de todallas camdeas e obradas e djnheiros dofertas e outras quaesquer cousas que ellas rreceberom na dita Eigreia de Sam Bras da dita çidade nos tempos que eu ffoy *(sic)* rrendeiro da dita bailja como dito he. Esto he

por quanto eu soo dellas bem pagado e entregue por dous mjl rreaes de tres libras e mea que eu dellas rreceby dos alugeres das casas da dita Eigreia e por todallas outras cousas sobre ditas e por todallas outras cousas que ellas tomarom no dito tempo que eu fuy rrendeiro que a mj̃ perteençesem e aa dita rrenda de que eu ffuy rrendeiro como dito he e porem mando e outorgo que eu nem outrem por mj̃ em nhuũ tempo nunca posa demandar a dita prioressa e conuento em jujzo nem ffora delle quanto he polla dita rrazom e se as demandar que nõ ualha e em testemunho della lhe mando dar este estormento ffeito na dita çidade no paaço dos tabaljaẽs quatorze djas de feuereiro era de mjl e quatroçentos e çinquoenta tres años testemunhas Afonso Lourenço Steuam Martinz Vasquo Martinz tabaljães e eu Vicente Añes tabeljam delRey na dita çidade que este estormento espreuy e rrespançey hu diz como dito he e porem aquy meu sjgnal fiz que tal he = pag. cõ nota bj reaes.»

(Torre do Tombo - *Mosteiro de Chellas* - Pergaminho n.º 871).

IX

Carta de D. Affonso V, de 20 de março de 1442, confirmando outra de D. Duarte, pela qual este monarcha privilegiava Gonçalo Pires, cereeiro da Azambuja, de vender candeias no Mosteiro das Virtudes.

«Dom Afonso & a quantos esta carta virem fazemos saber que G.º Pires, morador na Azãbuja, enuiou perante nos mostrar huũa carta que tijnha do muyto alto elRey meu senhor e padre &, da qual o theor tal he: «Dom Eduarte & a uos juizes da Azanbuja e a outros quaaes quer que esto ouuerem de ver, saude. Mandamos uos que nom deixees nem consentaees a molher nem a outra pessoa nenhũa que seja que uenda em Santa Maria das Vertudes quandeas, saluo a Gonçalo Pirez, morador no dito logar da Azambuja, portador desta carta, por quanto se obrigou de dar hi quandeas aa venda el e sua molher, saluo quando for pello dia de Santa Maria que entom as posam elles uender sem a ello poerdes outro ẽbargo nenhũu. Unde al nom façades. Dada em Almeyrim XXX dias de Dezembro — ElRey o mãdou — Aluaro Afonso Aranha a fez era de iiij^{c} XXXIIIj anos». E se esta carta seellada nom

for mandamos que nom valha. E pediunus o dito Gonçalo Pirez que lhe confirmasemos a dita carta &. Dada a confirmaçom em forma em Santarem XX de março per autoridade do senhor Iffante dom P.º etc. Martim Gil a fez ano de iiij^c Rij.»

(Torre do Tombo — *Chancellaria de D. Affonso V*, L.º 37 fl. 130).

X

Carta de D. Affonso V, de 26 de maio de 1446, confirmando outra de D. Duarte, relativa a diversos cereeiros de Santarem que queriam vender candeias no Mosteiro das Virtudes.

«Dom Afonso & Aquamtos esta carta uirem fazemos saber que Joham Coelho, Luis Mĩz, Gil Frz e Manoel Gil, moradores em Santarem, nos mostrarom h^{u}ua carta de el Rey meu Snor e padre, cuja alma D.s aja, da quall o theor tall he: «Dom Eduarte & a uos juizes de Santarem e Azambuja e a outros quaes quer a que o conhecimento desto perteencer per quall quer guissa a que esta carta for mostrada, saude. Sabede que Joham Coelho e Luis Mĩz e Gill Frz e Manuel Gill, cerieiros, moradores em essa villa de Santarem, nos enviarõ dizer que em tempo U^{co} Doiz (Vasco Domingues) sendo prioll do moesteiro de Santa Maria das Uertudes, que os candieiros moradores da dita villa vendiam suas candeas na dita igreja per todo ano quando queriam e por bem tynhom nom seendo ao dito tempo moesteiro como ora he e que depois que moesteiro fora G.º Pirez, morador no dito logo da Azambuja, per fauoreza dos frades do dito moesteiro ouuera hũu nosso aluara que nenhũu nom vendesse em todo o ano hi candeas saluo o dito G.º Pirez reseruando as festas que podesse vender quem quisesse e que agora mãdauamos e defendiamos que outro nenhũu as nom vendesse no dito moesteiro em algũu tempo nem festa saluo o dito G.º Pirez, no que elles dizem que som muito agrauados, pedindonos por mercee que sem embargo do dito nosso aluara mandassemos que elles podessem vender as ditas candeas pella festa de Santa Maria de Setembro e nas outras suas festas segundo ante soiam, e nos veendo o que nos asy dizer e pedir enuiarom e uisto como he serviço de D.s no dito dia venderẽsse candeas, teemos por bem e damos licença e lugar a quaees quer candieiros que as possam vender no dito dia e oitava—s—quatro dias ante da festa

e quatro depois. E porem uos mandamos que por elles venderem as candeas no dito moesteiro pello dito dia e oitauas —s— os ditos quatro dias antes e outros quatro depois lhe nom façaees nem consentaaes fazer mall nem outro algũu desaguissado e esto sem embargo do dito nosso aluara. Unde al nom façades. Dada em a cidade de Lixboa IX doutubro elRey o mandou per Afonso Giralde e Luiz Mĩz seus vassalos e do seu desembargo Fillipafonso a fez ano de nosso senhor Ihu x.º de mil iiij^{c} xxx bij anos & A quall carta asy apresentada perante nos os sobreditos Joham Coelho e Luiz Mĩz e Gil Frz e Manuell Gill nos pedirom por mercee que lhe confirmassemos a dita carta e lha mandassemos guardar asy como se em ella continha, e nos veendo o que nos asy diziam e pediam, querendolhe fazer graça e merce, temos por bem e confirmamoslhe a dita carta e mandamos que lhe seja comprida e guardada em todo e per todo asy e pella guissa que em ella he contheudo sem lhe sobrello seer posto alguu embargo em nenhua maneira que seja. Unde al nom façades. Dante em Santarem xx bj dias de mayo elRey o mandou pello douctor Ruy Gomez d'Alvarẽga e per Luis Mĩz seus vassallos e do seu desembargo e petiçoões — Afonso Anes a fez ano do Senhor de mil iiij^{c} Rbj». [1]

(Torre do Tombo — *Chancellaria de D. Affonso V*, L.º 5, fl. 52 v).

SOUSA VITERBO.

---

[1] Este artigo é refundição do que havia sido primitivamente publicado na *Portugalia*.

GRAMATICA e VOCABULARIO

DE

FR. PANTALEÃO D'AVEIRO

precedido dum breve estudo sobre o autor e a sua obra

[Os n.os denotam a pag. da 2.ª ed. (1596) e o *v*, que ás vezes se lhes segue, designa o *verso* da pagina.

Raras vezes se citam as pag. da 3.ª ed. (1600), mas nesse caso logo aí se declara que são dessa ed.]

O autor

I. Inocencio no *Dic. Bibliografico* e Pinheiro Chagas no *Dic. Popular* apresentaram tudo o que se sabe da biografia de Pantaleão d'Aveiro, que é quasi nada: que era natural de Aveiro, que foi frade franciscano da provincia do Algarve, que fez uma viagem a Jerusalem, e publicou em seguida a narração da sua viagem. Ficamos assim ignorando a data do nascimento, a da morte e as demais circumstancias da sua vida.

II. Recorreremos pois ás paginas do *Itenerario* para colher em flagrante alguns traços, tanto historicos, como dos que servem para determinar a psicologia intima do autor.

No *Prologo* da 1.ª ed. declara-nos Fr. Pantaleão o motivo porque saiu de Portugal para Italia: *antes q̃ de Roma nos partissemos* [*onde eu estava posto pela ordẽ, por companheiro do procurador da curia romana q̃ nella reside para os negocios de importancia q̃ socedẽ*], *fomos tomar a bẽção,* etc. O que vai entre ganchos foi omitido na 2.ª ed., sendo aliás importantissimo, pois doutro modo nunca saberiamos a razão que o levou a Roma.

Na mesma altura do *Prologo* nos conta como o P. Bonifacio de Araguza, guardião do Monte Sion, andando a organizar em 1563 *nova familia de frades para Terra Santa* ou nova serie de frades que deviam fazer o trienio de serviço nos logares santos, e conhecendo o ardente desejo que Fr. Pantaleão tinha de ver aqueles logares, o escolheu para seu companheiro.

Aí nos diz tambem que a sua obra não fora de principio destinada ao público, mas ao uso particular de seu autor, e que porisso desculpemos a sua *tosca linguagem* e estejamos seguros da *muyta fidelidade* com que vai escrita: eis as proprias palavras: *não por satisfazer a outrem, tal cousa me não veo ao pensamento, mas só pera minha spiritual consolação: — não atentando as toscas, & grosseyras palavras com que vay escripto: mas somente a muyta fidelidade com que o escrevi: o que vi, como de vista; e o de ouvido de pessoas dignas de fé, como tal...*

III. Entrando agora a determinar a psicologia do autor, da sua obra deduz-se que era homem de *suma piedade:* basta ler os passos em que nos fala dos logares sinalados pela paixão do Redentor; aí fica todo fora de si, todo arroubado em santa contemplação, quasi não sentindo os insultos que lhe faziam os Mouros.

Mas não é um mistico *cerrado,* como Fr. Tomé de Jesus; antes a cada passo se revela homem alegre e folgazão. Citaremos unicamente um passo em que ele, a mil leguas da patria, não se esqueceu dos divertimentos e folguedos da sua infancia: *Vespera de S. João á tarde, tomamos terra em uns desertos abaixo do Egypto, fizemos nossas fogueiras, e de madrugada nos partimos.*

Até me parece ás vezes descer no decurso da narração a minudencias e liberdades que destoam do hábito religioso.

Devia ser por coisas d'essas que, nas licenças que precedem a 2.ª ed., aparece o revisor Fr. Antonio Tarique a declarar: *do impresso já lhe risquei duas cousas.*

IV. Outro dos carateres que se deduz da obra é a *ilustração* do autor, e a sua muita *curiosidade* ou desejo de conhecer tudo.

Ponderemos todas as seguintes circunstancias: a) foi escolhido entre todos os da provincia para assistir em Roma ao procurador da curia: b) a pag. 29, para não citar outros passos, vemo-lo entrar em polemica com os judeus, e só com duas palavras ou antes com um puro gracejo deixa-los abismados: c) a pag. 26 v vemo-lo entrar de gatas pela abertura do celebre Labirinto de Creta só para verificar com seus proprios olhos se tinha alguma razão o que se dizia na historia antiga: d) nessa mesma ilha de Creta, se a memoria me não falha, foi assistir á cerimonia judaica da circumcisão duma criança: e) ás reuniões da Sinagoga costumava ele ir por varias vezes, quer para se informar de todos os ritos e costumes dos judeus, quer para ver como eles *cabeceavão* e *guayavão,* pag. 262 v.

É verdade que em mitologia greco-romana segue ainda o evheme-

rismo historico (pag. 253-254) ou a opinião de que os deuses pagãos eram herois divinizados, como o foi Augusto. Devemos porem notar que essa tinha sido em grande parte a crença do seu século.

V. Quanto a informações dignas de importancia ministradas pela sua obra, citaremos as seguintes: logo a pag. 2 nos diz que os mosaicos orientais eram desconhecidos no Ocidente: — a pag. 32 compara as bananas do Mediterraneo com as do *nosso Sã Thomé,* e a pag. 26 as mantas de Chipre com as do *nosso Alentejo:* — e a pag. 53 fala-nos dos carneiros e ovelhas de cinco quartos e explica-nos que o *quinto é o rabo.*

Aludindo ás cousas de Portugal, censura as *verdugadas* ou saias de balão (pag. 8), diz que os Portugueses andam sempre com o *vossa mercê* na boca (pag. 145), e que, ao elogiarem uma coisa sua, dizem menos do que é (pag. 66).

Ha ainda uma outra alusão que, embora não seja relativa a Portugal, se prende estreitamente com os nossos costumes. Chama *patranha* ao *buraco de Sanctiago* (pag. 164 v), isto é, á lenda popular, muito vulgarizada no norte do pais, de que ha na Sé de Compostela uma porta estreita onde só pode passar quem estiver em graça.

A sua obra

Intitula-se *Itinerario de Terra Santa.* A 1.ª ed. é de 1593, a 2.ª de 1596 e a 3.ª de 1600. A 1.ª e 2.ª são bastante nitidas na impressão e tem papel regular, sendo a 2.ª superior por causa dos muitos acrescentamentos que lhe introduziu o autor. Pode considerar-se como o texto definitivo: tem 94 cap. e 301 pag. numeradas só pela frente. Que o autor assistiu a esta 2.ª impressão, não ha duvida-lo; basta ler o que nos diz na pag. 35: «*Il dio*» *á Italiana como me poserão na primeira impressão deste Itinerario.*

A 3.ª ed. ou de 1600 é detestavel no papel e na impressão: não é natural que passasse sob as vistas do autor, provavelmente já falecido nessa data.

Fonetica

1. No *Itinerario* nota-se a cada passo grande confusão entre os tres accentos, o que nem sempre se pode atribuir a erro de imprensa:

está 40 v, 94; estâ 80 v; está 58, 59, 64, 68, 95.

vê 51.
pôr 50, 62, 72.

pós 59 v.	**pé** 78 v.
lérem 70.	**córes** 73.
tér 75.	**dóres** 70.
prêgadores 74 v.	**dór** 71.

2. A conjunção copulativa aparece sempre escrita *é* ou *ê* (cf. as pag. 20, 24, 26, 27, 29, 34, 35, 36, 38, 39, etc. da 3.ª ed.); d'aqui não se gera nenhuma confusão com o verbo *ser* (3.ª p. do ind. pres.), porque esse tem a grafia antiga *he*, mas confirma-se indubitavelmente um fato de fonetica historica já enunciado nas obras de Gonsalves Viana e Julio Moreira, isto é, que a conjunção *e* tinha no sec. XVI um som diferente do moderno e talvez aproximado do que tem modernamente o *et* em francês.

3. A letra *j*, quer maiuscula, quer minuscula, é desconhecida do nosso autor; por isso usa sempre do *i* ou *I*, ou escreve os nomes à latina com *Hi*:

Iudeus 56.	**Hieronymo** 7 v, 9.
Iorgianas (de S. Jorge) 58.	**Hierusalem** 5, 6 v.

Hieremias 55 v, 56.

Num unico caso usou do *y*: Trayano 4 (do Prologo).

4. Nalguns poucos casos o *r* e o *s* aparecem geminados indevidamente; não creio por isso que a pronúncia d'então fosse diferente da moderna, mas sim que houve influencia de grafias estranhas:

Damasso (Dámaso) 9.
Arrio (Arío) 100.
Sarra (Sara) 95.

5. O *r* cai algumas vezes por dissimilação: Fedrico 4 v, fraticidio 72 v, appropiadas 7 v; outras desloca-se simplesmente: detreminarão 7, detreminamos 27, detreminou 54, prejudicão 40.

Quanto ás palavras *rostro* (lat. *rostrum*) 14 v, e *escravavão* (cravar) 246, *almorço* e *almorçar* 271 v, o *r* é originario.

6. Cacófatons resultantes sobretudo da repetição do *r*, são frequentissimos: por razão 5, por Rey 59, por remedio 12, por resposta 196, por reliquia 211, v, por rua 279; na nao 18.

7. Casos de assimilação vocalica, sobretudo do *i*, são tambem bastante frequentes: vistigios 17 v, pidião 18 v, pidimos 22 v, pidio 36 v, impida 12 v, infirmidade 36 v, catichisassemos 37, infiriores 48, miliflua 53 v, 147, archititura 66 v, mininos 61, mintirosa 93, misquita 131 da 3.ª ed., Salamão 59, piadade 312 da 3.ª ed., piadosa 107 da 3.ª ed., piadosamente 122 da 3.ª ed.

8. Palavras em que ha a prótese do *a*: acipreste 190 v, aqueixar 114, amostrar 267 v, alembrar 54 v, abastar 51, alagoa 100.

9. Palavras em que ha a perda do *a* inicial: Natolia 9 v, labarda 281 v, pascentando 186, bóbeda 181 v, cometeo 60, labastro 208 da 3.ª ed.

Morfologia

1. Os nomes de povos ou nações tomam ás vezes formas estranhas, e raras mesmo nos antigos escritores:

Asianos 15.
Grecianos 44.
Persianos 11, 248 v.
Sirianos 102, 103 v.
Egypcianos 15 da 3.ª ed.
Ethiopianos (da Etiópia).
Ponentinos 15.

Mas aparece tambem *Levantinos* para designar os povos do Levante, fórma perfeitamente moderna.

2. Abundam os nomes em *-mento*, que formam palavras geralmente desusadas: enterramẽto 93, negamento 125, liamento 130, tocamento 139 v, 218, elevamento 185, embaymento 29 da 3.ª ed., enfadamento 24 v.

3. Abundam tambem os nomes em *-ção*, hoje em parte desusados: visitação 170 v, recreação 23 v, recompensação 26 v, frequentação 39 v, aumentação 78, encravação 78 v, assignação 105 v, reformação 104 v.

4. Para formar os deminutivos prefere o sufixo *-zinho*: colhersinha 91 v, 92, portasinha 177, fontesinha 192, partesinha 211 v, molhosinho 211 v, buziozinho 264, voltesinha 101 v.

5. Usa quasi sempre do sufixo popular *-airo* em vez de *-ario*:

contrairo 14, 18 v, sermonairo 29 v, cossairos 22 v, vigairo 40 v, campanairo 51 v.

6. Apresenta alguns superlativos reforçados com *muito* ou particula equivalente, como ás vezes se usa na linguagem popular: muy fermosissima 4, sobremaneira baratissimos 2, muyto grandissimas 223 v.

7. Tem alguns participios em *-ante* ou *-ente* que correspondem aos modernos em *-ando* e *-endo*: acabante a missa 29, tementes nosso Senhor 35 v, acabãte de o moço dizer hũ verso 102 v, acabante vesporas 107 v, acabante de ganharem a indulgencia 108.

8. No futuro do conjuntivo e no infinito pessoal (1.ª p. do pl.) faz intervalação dum *e*, usando assim duma grafia que ainda não vi nos escritores antigos, embora seja a mais vizinha da forma original latina: tomáremos (tomarmos) 26, véremos (vermos) 26, fazéremos 26 v, acháremos 12, partíremos 8 v, estáremos 12, sabéremos 33 etc; rarissimas vezes lhe escapa a forma usual, como é a pag. 30: passarmos, e na 34 v: partirmos.

9. Alguns nomes em *-ão* fazem o pl. em *-ões*, conforme o uso popular: cidadões 5, 6, 105, hortelões 42, hermitões, 210 v, maginões 244 v; outros em *-ães*, como turcimães 188 v.

10. Os substantivos *torrente*, *tribu* e *origem* são do gen. m. (cf. *Vocabulario*).

11. O adjectivo *commum* faz no feminino *commũa* (cf. commuas 8 v), como era usual nos autores quinhentistas.

12. Alguns superlativos tem perfeitamente a forma latina: superbissimo 2, 15, mansuetissimo 86, doctissimo 71 v.

13. O nosso autor, tendo demorado largos anos fora da patria, hesitava no emprego de certas formas paralelas entre si.

Se compararmos a 1.ª e 2.ª ed., que ambas foram compostas sob as suas vistas, vemos logo no *Prologo*, de pag. 6 a 8, seis ou mais vezes a particula *para* da 1.ª mudada em *pera* na 2.ª.

Ainda é mais notavel o que se dá com a palavra *devação*, que aparece invariavelmente até perto do meio da 2.ª ed., e dahi por diante é substituida por *devoção*.

No *Vocabulario* vão citados os exemplos do primeiro caso; aqui

bastará apontar os do segundo, que não são poucos: *devoção* 120 v, 121 v, 124 v, 125 v, 128 v, 131, 139, 141, 144 v, 146, 152 v, 133 v, 155 v, 158 v, 164 v, 166, 170, 173, 173 v, 174, 178, 180 v, 182 v, 184 v, 185 v, 187.

A mesma hesitação se nota no emprego de *são* e *santo*:

Sam Agostinho 68.	**Sancto Moyses** 173 v.
Sancto Augustinho 94 v.	**Sam Athanasio** 85 da 3.ª ed.
Sam Helias 172 v.	**Sancto Thomas** 95 da 3.ª ed.

14. Parecem-me nomes deturpados ou estropeados pelo autor os seguintes:

Cornerio por Cornelio 50.
Lutheyro por Luthero 281 v.
S. Gregorio Nazieno por Nazianzeno 2 v.

15. Pantaleão d'Aveiro, como franciscano que era, teve larga convivencia com o povo, o que se revela a cada página da sua obra: apresentaremos algumas d'entre as muitas formas populares usadas no *Itinerario*;

milhor 1, 2, 11, 12, 25 etc.	**chuiva** 18 v.
pior 12 v, 62 v.	**chuiveiro** 18.
pinzel 2.	**sanchristia** 41 v, 125.
almazem 3 v.	**sanchristão** 125.
immigos 3 v.	**supitamente** 55.
estromentos 4 v.	**casorio** 245.
alicesses 13 v.	**giolhos** 52 da 3.ª ed.

saluços 211 da 3.ª ed.

16. Formas latinas que denotem influencia classica encontrei as seguintes:

pulpo 17 v.	**marino** 30 v.
secreto 17.	**petitorio** 298 v.
doctrina 22.	**diversorio** 206 e 207 da 3.ª ed.
murmur 29 v.	**absencia** 295 v.

17. Formas italianas e hespanholas que denotam as terras por onde demorou:

molo 35.
anzolo 47.
basa 50.
esquadrones 9.
cogombro 156.

A palavra *surbiões*, que vai no *Vocabulario*, parece-me italiana, embora não a encontre nos dicionarios vulgares.

Sintaxe

1. O nosso autor tem em muita predileção as frases transpostas, sobretudo a colocação do participio no ultimo logar da frase. Ex.: a qual dos Godos, & Hũnos foy *destruida*, 1 v, de mĩ ate aquelle tempo *vista* 8, de todos da terra era muy *conhecido* 57, dos quaes fuy com meu companheiro summamente *agasalhado* 11, nesta conta são de todos *tidos* 17, forão delle, & dos mais da nao *recebidos* 19 v, bastões, que na mão *tinhão* 114, com a qual tinham seus vicios delles, erão *reprimidos* 158, o qual dos Fareseos foy *comprado* 162, quando da Virgem foy *visitada* 191, permitio ser do demonio *tentada* 211 v, segundo nos depois contarão 306 da 3.ª ed.

2. Nas frases passivas o participio não fica invariavel, mas concorda com o acusativo:

os tem *feitos* livres 55, que seu pay lhe tinha *postos* 59 v, não quisera deixar de ter *vistos* 75, lugares sanctos que tenha *nomeados* 116, q̃ tinha *feitos* 126.

3. As circunstancias de tempo são muitas vezes designadas pelo participio imperfeito precedido da preposição *em*:

em rompendo a alva 7 v, 152 v, em amanhecẽdo 8, em lançando anchora 19 v, em querendo anoytecer 28 v, 184, em chegando ao lugar 109 v.

4. São frequentes as frases em que ha repetição da mesma palavra ou suas derivadas:

mostra quam *antigua* seja sua *antiguidade* 49 v, averá mister muyto *poder* pera o *poder* sustentar 49 v, *sepultura* onde foy *sepultado* 67 v, com os preciosos *unguentos ungido* 71, *ceou* a ultima *cea* 115 v, *mostrão* com *mostras* exteriores 164 v, o *ensaboa* com *sabão* cheiroso 183 v, *tentada* da primeira *tentação* 211 v, *milagre* tão *milagroso* 245 da 3.ª ed., *murada* de *muros* antigos 281 da 3.ª ed.

5. Entre o adj. *todo* e o subst. que com ele concorda, ora omite o artigo, como era vulgar no sec. XVI, ora o conserva:

toda pessoa 8 v, toda Veneza 36, toda Italia 17, todo Levante 14, 16, 25, todo Reyno 41, todo trigo 51, todo Oriente 49, todo pão 91 v, toda Grecia 92 v. — Toda a cidade 2, todo o genero 3, todas as sedas 9 v, toda a costa 16 v, toda a parte 32, todos os annos 37 v, todas as naos 38, todos os frades 46 v, todos os dias 7 v.

6. Todas as repetições de palavras, como as apontadas no n.º 4, são de mau gosto, mas muito mais o é o trocadilho seguinte, que vem a pag. 41 v da 3.a ed. e que, ainda bem, julgo ser unico (não esqueçamos que o autor escrevia nos fins do sec. XVI e por tanto na aurora do seiscentismo):

faço aqui memoria desta *preta*, por ser hũa *preta* ainda que *preta* no corpo, n'alma por certo muito *branca*.

7. São muitas a frases ou construções eruditas e modeladas pelo latim classico:

a) *curar de*, ter cuidado de (lat. *curare de*): antes *curão* muyto bem *das* barbas 134 v; por esta causa me não *curo* della 30 v.

b) *conversar*, v. a., conviver, ter convivencia, frequentar (lat. *conversari*): *conversar* os filhos de Adam 71. Em Morais vem exs. mais tipicos, tirados doutros classicos: *conversar* a Corte, *conversar* a Universidade, *conversar* as ruas, *conversar* o campo.

c) *vacar a*, dar-se a, entregar-se a (lat. *vacare* com dat.): *vacarem* a Deos 90.

d) *divertir-se*, afastar-se, desviar-se (lat. *divertere*); por me não *divertir* do que vou escrevendo 95.

e) *mover a:* move a compayxão 134 v, move a lagrimas 155. Este modo de falar é muito classico e aparece reproduzido modernamente a cada passo nos romances de Camilo.

f) *aquillo* para significar *aquele passo: aquillo* do Ecclesiastico 18, *aquillo* dos actos Apostolicos 21. É a tradução ao pé da letra das frases lat. *illud Ecclesiastici, illud Actuum Apostolorum*, que são vulgares nos PP. da Igreja.

g) *alta* quatro palmos, 84. É uma imitação das construções lat. de *altus, longus* e *latus* com acc.: tres pedes *altus, longus* quinque pedes, *latus* quindecim pedes.

h) no *quinto decimo* capitulo 20 v, que em lat. seria *in quinto decimo capitulo*.

i) *mal* ferida 34, — para designar que foi *ferida gravemente*, em lat. *male mulcata*.

j) afastada da terra firme *quanto* tres tiros darco 7 v.; mais adiante: *quanto* dous tiros de pedra 171.

k) diante os olhos	34 v *(ante oculos)*.	
debayxo seu braço	34 v.	
diante esta	53	da 3.ª ed.
diante si	58	
diante todos	60	
diante ella	79 v	
diante nós	120	
diante tantas nações	125	
diante os Reys	183	
diante vós	264 v	
diante o seu capitão	264 v	
diante o calumniador	266 v	
diante a Iudea	280	
diante a porta	320	
defronte hua igreja	51 v	

8. Mas as construções que revelam sabôr popular são em maior numero:

Hum grande *alforge de paciencia*, 6.
Atacar as botas 22 v.
Cõvidei cõ ellas ao Abbade (ofereci-lhas) 14.
Fomos dar em hũas portas 28,
deu comsigo em Constantinopla 263 v.
porque se *fazião oras* 28.
Sangrar as bolsas 29.
Ir à mão (a alguem) 34.
Não se davão por achados 76 v.
Cair na conta 76 v.
No milhor da festa 80.
Levar a pior 244.
Tirar palha comigo 88.
A mais *pessima da vida* 145.
Em *querendo* anoytecer 184.
Hũa pouca da agua da cisterna 175 v.
A carga sarrada 234.
Gotas, que *querem* parecer de sangue 84 v.
Fazer na imagem *anotomia* 284.
Dar se pouco de 297.

Julgo tambem popular nestes exemplos o uso do verbo *causar* e do seu participio:

Lhe *causava* (o obrigava a) fazer aquelles estremos 205.

Causa se o valle do Josaphat de dous altos montes (é produzido por) 54.

Valle *causado* de hũs outeiros altos 54.

Valle *causado* do mesmo monte e doutro 219.

Lagoa Meothis, *causada* das muytas copiosas aguas do gram Rio Tanais 18.

Ainda me parece popular a frase: *arripiar carreira* 268, e a construção do verbo *começar*, tanto com a prep. *de* como com a prep. *a*:

começamos de navegar	30.
começar de mostrar	245.
começarão de caminhar	254 v.
começarão a cantar	34 v.
começarão a pedir	245 v.

9. Ha tambem no *Itinerario* alguns ditados populares ou alusões a eles:

fazendo orelhas de mercador 229.
fazendo, como dizem, de ladrão fiel 54.
fugio, como dizẽ, a unha de cavalo 296.
Frey Thomas, bem diz, & mal o faz 75.

VOCABULARIO

DO

ITINERARIO

A

abaixar, descer. — 66 v., 109 120, 132.

abastar, bastar.—51, 260, 298 v.

abelhudo, desembaraçado, confiado, intrometido.—235 v.

absencia, ausencia.—295 v.

abundosamente, abundantemente.—311 v. da 3.ª ed.

acabar com alguem que, resolvê-lo, convencê-lo a que. —22.

achar menos, dar pela falta. 242 v., 245.

achegas, acrescimos, acrescentamentos.—24 v.

acipreste, cipreste (planta).— 21 v., 190 v.

açacal, aguadeiro.—63.

aderencia, valia, valimento, empenho, favor.—200.

aduar, aldeia de Arabes. — 54.

affincadamente, com afinco, com insistencia.—39 v.

agasalhado, gasalhado, hospedagem carinhosa, afabilidade, bom trato.—142.
aivões, especie de andorinhas de pés rasteiros.—192.
alagoa, lagôa. — 100, 220 v., 211.
alar, erguer por meio de corda. 262 da 3.ª ed.
albarquequeiro, albricoqueiro, arvore que dá albricoques, uma especie de damascos. — 167.
alcachofrado, (adj.), bordado a ouro ou prata de modo que imita a alcachofra.—295 v.
alcaparra, arbusto cujo botão ou flor serve de condimento. —192 v.
alembrar, lembrar.—54 v.
alevantar, levantar.—74 v.
alicesse, alicerce.—61, 13 v.
alicornio, unicornio (animal)—4.
almatica, dalmatica.—154.
almorçar, almoçar.—271 v.
almorço, almoço.—271 v.
alogeado, alojado (cf. *logea*)—18 v.
amargar o atrevimento, pagar o atrevimento, ter o castigo d'elle.—244 v.
amoroso, macio, suave ao tacto.—25.
amostrar, mostrar.—267 v.
anzolo, anzol.—47.
apalear, dar com pau, bater com pau.—79 v.
apessoado (muy), de boa estatura.—255 v.
aporreado, espancado, ferido, batido.—256.
aqueixar-se, queixar-se.—154 v.
arabescas, mulheres arabes.—230.
aroeira, lentisco (arvore).—171.
arpar, levantar ferro.—8 v.
arrepicar, repicar (o sino)—295.
Arrio, Ario, n. proprio.—100.
arruido, ruido, barulho.—234.
Asianos, Asiaticos, povos da Asia.—15.
assaltear, assaltar, dar assalto. —26.
assario, especie de uva.—176 v.
assi mesmo, tambem.—10, 101 v., 298.
assignação, concessão.—115 v.
atacar as botas, aperta-las com atacas ou atacadores.—22 v.
atavernado (vinho), vendido a retalho em taberna.—176 v.
aumentação, aumento. — 78.
avelutado, que tem felpa como o veludo.—127.
avogado, advogado, patrono. —2 v.

B

barato (subst.), preço baixo, baixa de preço, rebaixe—2.
barbarismo, vida de barbaro, selvagismo.—259.
barrileta, barril pequeno.—258.
basa, base.—50, 66 v., 75 v.
baxá, dignidade suprema entre os Turcos, vice-rei ou governador de provincia.—9 v.
berlebeis, magistrados mores de justiça em terras de Turquia.—10.

bernio, pano fino escarlate procedente da Hibernia (modernamente Irlanda), capa do mesmo pano.—25.
biguinos, beguinos, certos frades mendicantes.—207 v.
bizante, besante, moeda de Bizancio (Constantinopla).—2.
blando, brando.—25.
blandura, brandura.—235.
bobeda, abóbeda.—181 v.
boleyma, bolo grosseiro.—88 v.
bonissimo, muito bom.—15.
bronzo, bronze.—49 v., 64 v., 28.
broslado, bordado.—78.
bucentorio, bucentauro, um certo galeão de Veneza, 4, 5.
butargas, ovas de peixe, sobretudo da tainha, curadas ao fumeiro (do it. *buttarga*, cf. *Dicc. Ital.-Port.* de Bordo).—12.

C

cabdis, justiças-mores das terras onde residem.—10.
cabecear, agitar ou menear a cabeça, cair com sono.—262 v.
cacis, sacerdote entre os Mouros, especie de capelão duma mesquita.—65 v.
cafarro, bributo que os christãos da Terra Santa pagam aos Turcos—54 v.
calenda, talvez calendario.—15 v.
caloyra, monja grega.—45 v.
caloyro, frade grego de S. Basilio.—11, 14, 17.
camareta, quarto pequeno.—188 v.
cambalão, estalagem gratuita na Palestina, talvez o mesmo que caravançara.—246, 249.
campa, sineta, sino pequeno.—3 v.
canapeto, uma especie de couve.—216 v., da 3.ª ed.
candia, vinho moscatel de Candia ou Creta.—20.
cão, ospedaría gratuita, o mesmo que cambelão.—273, 273 v.
caridade, favor, esmola.—260, 37 v.
carregadamente, de má vontade.—123.
carrego, cargo, encargo.—197.
casorio, casarão, casa grande.—245.
cayda, queda.—134 v.
cepo, caixa de esmolas, 162.
cerimoniaticamente, com muitas cerimonias.—57 v.
cevadeira, alforge de comida. 57.
chação, condição, natureza.—20. Ex.: o queijo.. he malissimo, seco, de má *chação*.—20.
—canalha de mà *chação*.—196 v.
chansonetas, cançonetas.—99.
chatinar, mercadejar.—289 v.
chaus, especie de juiz nas cidades da Turquia.—10, 267.
chavão, molde, marca, sinete. 91 v.
chinchas, persevejos.—274.
christianismo, o conjunto dos cristãos.—112 v.
chuiva, chuva.—18.
chuiveiro, chuveiro.—18.

cimborio, zimborio.—73.
circumciçam, circuncisão.—12.
circumcidam, idem.—11 v.
circumcisado, circuncidado.—178.
cirial, tocheiro para cirios.—210 v. da 3.ª ed.
ciseiro, homem que recebe a cisa.—57 v.
claustra, pateo fechado dos conventos.—73, 126 v.
cobtos, coptos ou coptas, cristãos do Egito e da Abissinia.—83.
colação, comida leve. — 8 v.
cogombro, pepino.—156.
colheyra, a bolsa dos testiculos.—281.
comer, fazer comichão.—29 v.
como, cerca de, aproximadamente. — 3, 13, 146 v. Ex.: desviado.. *como* doze leguas. 13. Morão na Sãcta cidade *como* seiscentos Iudeus 146 v.
compridam, comprimento. — 16 v.
compridamente, completamente, perfeitamente.—87.
conjunta, unida, pegada, 14 v.
contento, contentamento — 41 v., e 66 da 3.ª ed.
conversar, conviver, ter convivencia, residir.—15.
convidar, dar de gratificação. —6 v., 8 v.
convite, banquete (do it. *convito*).—160, 291 v.
cordeal, bebida que dá forças. —185.
corvinacho (o texto diz *corvinanho*, mas é errata apontada no fim da obra), corvina pequena.—47.
cossairos, corsarios.—14.
cravo, uma especie de piano antigo.—28 v.
curiosidade, obra de muitos lavores, esmero d'arte, rendilhado, lavor fino.—21, 26.
curioso, cheio de lavores ou rendilhados.—25.
curteza, pressa, falta de tempo. —175.
çurrão, o mesmo que cevadeira. —57.

D

Damasquino, de Damasco. — 277.
dar em, ir parar em.—270, 28, 135.
dar-se-lhe pouco, não se importar.—244.
demerito, desmerecimento. — 119 v.
descender, descer.—81.
desenvergonhado, desavergonhado.—36 v.
desgraciado, desgraçado.—163 v.
desmasiadamente, demasiadamente.—25.
despor, depor, dimitir (dum cargo).—235.
devação, devoção.—5, 19 v., 29, 37 v., 38 v., 41, 47, 52, 67, 67 v., 75, 77, 78 v., 79, 88 v., 93 v., 112 v.
divertir-se, afastar-se, desviar-se.—95.

E

efficacia, instancia, insistencia. —23.
elevamento, elevação. — 185.

elifantinos, elefantinos.—3.
embarbascar, embasbacar. — 198.
encarniçados (olhos), injectados de sangue, assanhados, raivosos.—89.
encomendas, recomendações, visitas, recados.—39 v.
enfôrros, fôrros.—223.
engulho, nôjo.—201 v.
ensenhoriar, dominar, possuir.—11 v.
enxadres, xadrês.—71.
enxalmado, coberto de enxalmo.—65.
eregias, heresias.—93.
errores, erros.—96 v.
escalado, aberto, fendido para se poder salgar (falando do peixe) —12 v.
esclavina, capa do romeiro.—25.
escravar, escavar. cavar. — 246.
escripturario, sabedor ou lido na Escritura sagrada. — 210.
esmarcar, marcar, calcular. — 258 v.
espinas, espinhos.—221 v., da 3.ª ed.
esquifado, pobre e indigente, como quem vai num esquife. —266 v.
estradistas (ladrões), de estrada.—38.
estroço, destrôço.—37 v. da 3.ª ed.
estrovo, estorvo, embaraço.—202.
exarcos, exarcas, delegados do imperio grego no Ocidente. —91.

F

falcão, peça antiga de artilharia.—49 v.
falsar, falsear, deturpar ou torcer o sentido.—147.
fanadura, circuncisão, corte, amputação.—260 v.
fartum (adj.), parece ser o mesmo que *fortúm,* forte, desagradavel (falando do cheiro). —43 v.
fazer a latina, usar o rito latino.—11.
fazer a grega, usar o rito grego.—21, 37, 41.
feita, vez, ocasião.—243 v.
feitiço (adj.), ficticio.—47.
feltrudo, feito de feltro.—25.
ferrar, marcar com ferro em brasa.—101.
ferregeal, campo de ferrã ou cevada.—62.
filaterias, exterioridades, espalhafatos, jactancias. — 160 v.
formigueiros (ladrões), que andam juntos como formigas ou roubam como formigas.—179.
foro: em foro de = na conta de.—39.
fradaço, fradalhão, grande frade.—142.
frangi, nome dos portugueses na India oriental.—52.

G

galeaça, grande galé.—3.
garrabulho, garabulha, motim, embrulhada, confusão.—47 v.
gasalhado, bom acolhimento. bom trato.—19 v.

gèral, general, capitão.—28 v., 157.

gralhada, grande barulho. — 209 v.

grangeria, lavoura, granjeio, cultura.—89 v., 90.

gremial, veste episcopal (para cobrir os joelhos).—49.

grosa, maledicencia, murmuração.—220.

grosador, murmurador.—3.

grosso, fertil, productivo.—53, 255 v.

grossura, fertilidade.—328.

guardas do norte, as duas ursas polares.—204.

guardiania, cargo de guardião. —40 v.

guayar, cantar em estilo de lamentação (diz Morais).—262 v.

H

harpar, talvez *arpoar*.—30.

humanidade, afabilidade, bom trato.—308 da 3.ª ed.

I e J

idolatrar, sacrificar aos idolos. —43 da 3.ª ed.

ilhenos, naturais das ilhas.—13.

ilhotes, pequenas ilhas.—16 v., 17.

immemoravel, de que não ha memoria.—15 v.

incantillados, alcantilados. — 192.

incomportavel, que se não pode suportar.—45 da 3.ª ed.

indevoto, que não tem devoção.—152 v.

inexpunhavel, inexpugnavel. —206 v.

infiado, desmaiado, assustado, timido.—293 v.; posto em fio, em cordão, um após outro.— 55 v. da 3.ª ed.

ingres, inglês.—97 v.

intrinsicado, interior, intrincado, obscuro.—26 v.

ir, importar, interessar, relevar. Ex.: não nos vay tanto nisso. —53 v., 64.

irreverenciar, praticar, irreverencias.—165.

junipero, zimbro (planta). — 172 v.

L

labarda, alabarda.—281 v.

lacão, presunto de porco. — 148.

lamy, turco nobre que nas cidades da Palestina desempenha o lugar de juiz.—47 v.

lentes, leitores.—21.

lentisco, aroeira (planta).—171.

levante, vento do Levante.— 48.

levantinos, os do Levante.— 15.

levemente, facilmente.—32 da 3.ª ed.

liamento, ligamento, prisão.— 130.

lilio, lirio.—293.

logea, loja.—3.

lucerna, claraboia, abertura para entrar luz.—273.

lumieiros, luminarias, luzes.— 65 v.

logarete, pequeno logar.—65.

M

machina, quantidade, multidão (de cousas).—163.
madim, moeda turca de 12 reis. —53, 55.
magnificar, elevar, exaltar, engrandecer.—34 v.
maginão, louco (entre os mouros).—88.
Mahometo, Mahomet.—9.
mais, mas, porem.—26, 193.
malissimo, muito mau.—20.
maneavel (porta), que trabalha bem, que gira bem, que não emperra.—238 v.
mão (ir á), repreender.—34, 62.
mãos (vir ás), brigar, lutar.—245 v.
marcelo, moeda de Veneza.—24 v., 199 v.
mariola, carrejão, homem de fretes—194 v.
masto, mastro.—36 v.
matamaforgios, metamorfoses (de Ovidio).—18.
matolotagem, provisão de mantimentos para os que embarcam.—298 v.
melado, doce como o mel, adocicado.—198.
mercaderias, mercadorias.—1.
meritamente, merecidamente. —46 v., 236.
Mexias, Messias.—56, 147.
mingola (frade), mendicante. —244 v.
modos d'area, medãos ou montes d'areia.—248 da 3.ª ed.
molificar, abrandar.—37.
molo, frete.—35.
montuoso, montanhoso.—238.
morado, da côr da amora.—76 v.
mosaico, embutido feito com pedrinhas de varias côres.—2 v.
mucaros, almocreves.—280.
murmur, murmurio.—29 v.
musas, especie de bananas.—32 v.

N

nacida, tumor, furunculo.—294.
nafega, anáfega, especie de maçãs.—214.
Natolia, Anatolia ou Asia menor.—9 v.
negamento, negação.—125.
negociado, atarefado.—235 v.
naturaleza, natureza.—17 v.

O

obonagês?—29 v.
opposito (em), em oposição. —172.
oras (fazem-se), aproxima-se a hora.—208.
origem, do gen. masc.—281.
outa (=ova), bolsa ou ovario dos peixes.—12 v.
outonada, estação do outono. —16 v.
Ouvidio, Ovidio, poeta latino. —18.
pagar-se de, gostar de.—295 da 3.ª ed.
palha (tirar), troçar, escarnecer. —88.
palratorio, barulho de palavras.—226 v.
papazes, clerigos gregos.—29.

pardieiro, casa arruinada. — 257 v.
pardilho, talvez uma especie de pano pardo.—8.
pargo, peixe do mar.—47.
Parte (ser muyta—para), ter muita influencia para.—249.
parte (saber), ter noticia.—143, 219.
particulariar, particularizar, pormenorizar.—145 v.
pascentar, apascentar.—186.
paysano, compatriota, da mesma patria.—69.
pedagio, tributo que se paga de passar em barco ou ponte. —54 v.
peitar, pagar.—254.
pelar, tirar a pelle, esfolar; (fig.) levar couro e cabelo.—15, 29 v.
pequeno (subst.), pedaço, bocado. Ex.: *pequeno* de mau caminho.—196 da 3.ª ed.
perfeiçoar, aperfeiçoar.—75 v.
persianos, persas.—11, 248 v.
perverter, transtornar, mudar. —115 v.
pescoçada, palmada no pescoço.—84.
petitorio, peditorio.—298 v.
picado (mar), agitado, encapelado.—221.
pinzel, pincel.—2 v.
pito, apito.—30.
plaino, planura, planicie.—97.
plantear, prantear, lamentar. Formado directamente do lat. *planctus*.—176.
plumo, prumo.—192 v.
politico (adj.), educado, polido, civilizado.—128 v.
ponente, poente.—9, 16, 21.
ponentinos, os homens do Poente.—15.
pontos: pôr-se em *pontos* com alguem = questionar, brigar, teimar com alguem.—161.
porradas, pancadas.—271 v.
portazgo, tributo que se paga á entrada das portagem.—54 v.
poyal, cercadura de pedra e cal á roda do pé duma arvore.—161 v.
pratica, conversação, coloquio. —36 v.
presentar, presentear. Ex.: lhe *presentou* hum relogio.—51.
proluxidade, prolixidade, redundancia.—102.
pulpo, polvo (peixe).—17 v.

Q

quartao, o mesmo que *quartau*, cavalo cheio e corpolento mas pouco comprido.—259 v.
quebrar, abater, diminuir.—106.
queimar o sangue a alguem, irrita-lo, exaspera-lo.—29 v., 80.
questa, peditorio (cf. *quête em* fr.).—83.

R

rabi, mestre da lei entre os judeus.—12.
raiz (de), desde os fundamentos.—38 e 49 da 3.ª ed.
recado, recato, guarda, tino, juizo.—69.

recompensação, recompensa.
recreação, recreio.—23 v.
recuperar-se, refazer-se.—62 v.
reposta, resposta.—89, 101.
repunhar, repugnar.—186 v.
resaudar, corresponder a uma saudação.—281 v.
romeiral, logar de romãs. — 189 v.
rostro, rosto face.—140.
rotolo, 1.º rôlo, 2.º peso de 4 arrateis.—278 v., 69 v.

S

sabasto, peça de pano, de cor diferente, inserida num vestido.—154.
samarrão, batina grande de padre.—22.
sambenitado, vestido de sambenito.—292 v.
Sami Iacos, governador de cidade entre os Turcos, o mesmo que *sangeaco*.—10.
sancarrão, talvez impostor.—9.
sanctão, nome que dão aos cacizes.—87 v.
sangrar as bolsas, extorquir dinheiro.—29.
saquim, sequim, moeda de ouro italiana.—69.
Sarra, Sara, n. proprio.—95.
secreto, segredo.—17.
segre, século.—84.
seguridade, segurança.—54 v. da 3.ª ed.
sereno, o ar da noite.—271.
serpentino, de serpente.—32.
sexa ou **seixa,** cobertura da cabeça entre os Turcos.—50 v.
sim, assim.—198 v.
sobrescada, especie de cobêrto. —64 da 3.ª ed.
sobresubstancial, mais que substancial, muito alimenticio. —81.
sombreiro, chapeu.—5.
somentes, somente.—8.
sopena, sob pena.—10 v. (cf. *socolor*, 202).
subbassi, oficial de justiça entre Turcos, especie de meirinho.—57. v.
suffocato (comer), comer carne de animal sufocado (o que era proibido aos Judeus).—93.
summamente, muito bem. — 11.
supitamente, subitamente. — 55.
supito (de), de subito.—262.
surbião, movimento anormal e desencontrado das aguas do mar, que acompanha as calmarias ou se segue a ellas. Esta definição deduz-se do texto, porque a palavra não vem em dicionario nenhum. Deve ser ital., mas não vem nos dicionarios vulgares desta lingua, como Bordo, etc. — 300 v.
Suria, Siria.—34 v., 274 v.

T

tal, simples. Ex.: *pedra tal*, pedra ensossa, simples, sem barro—8: *lampada tal de vidro*, lampada simples de vidro. — 89.
tampão, tampo, têsto.—239.

tarrafa, rede de pescar.—50 v. da 3.ª ed.
temorizado, atemorizado.—319 v. da 3.ª ed.
terrado, terraço, eirado feito de tijolo ou argamaça no alto das casas.—67.
terreyra (adj.), térrea. —117 v.
terreno, vento que sopra de terra.—8, 218 v.
terreno (mar), mediterranio. —218 v.
teso, outeiro pequeno.—133.
texedores, tecelões.—56 v.
titubar, titubiar, vacilar. —24.
tocar rijamente, andar a toda a pressa.—254.
tornada, volta.—6.
torrente, do gen. masc. —40.
tratos, comercios, negocios. —8 v., 4.
tredor, traidor.—155.
tresmalho, rede de pescar.—217 v.
tribu, do gen. masc.
trocho, bastão, cajado.—43.
trunfa, turbante.—29.
trusquiar, tosquiar.—86 v.
tugurio, cabana.—207.
turbão, turbante. —50 v., 292 v.
turcimão, o mesmo que *turgimão*.—50 v.
turgimão, interprete, lingua.—47 v., 45 v.

V

vacar a, dar-se a.—90.
vagamundo, vagabundo, vadio. —174.
vallada, valle.—189.
ventrapi, religioso armenio.
verdugada, circulo de varinhas ou barbatanas para arquear ou dar roda á saia das mulheres. —8.
vestiaria, conjunto de vestidos. —45.
viço, vicio (cf. terras *viçosas*, 2.ª estrofe dos *Lusiadas*).—15.
viola de arco, rebeca.—25 v., 28 v.
vileiras, freiras leigas de Santa Clara (talvez por andarem cá por fóra pela *vila* a fazer compras).—8.
visitação, visita.—170 v., 19 v.
vituperoso, insultante.—244 v.
volta (á), de envolta.—138.
voltezinha, voltazinha, acentuação ou requebro da voz. —101 v.

Barcelos, setembro de 1912.

A. Gomes Pereira.

Duas traduções portuguesas do sec. XIV

I

Tratado de S. Isidoro do ajuntamento de bons ditos e palavras

Em Portugal apenas encontramos duas bibliotecas conventuaes providas de velhos codices literarios, uma no sul e outra no centro do reino, excedendo todavia, a livraria do mosteiro de Alcobaça consideravelmente a do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra em muitos aspectos. Esta riqueza já foi explorada scientificamente nos fins do sec. XVIII, sendo em 1775, publicado o *Index Codicum Bibliothecae Alcobatiae*, etc. Com a extincção do instituto monastico, aquellas preciosidades foram distribuidas pela Bibliotheca Nacional e Arquivo da Torre do Tombo; mas este só recebeu sete codices.

Linguisticamente são valiosos entre estes sete codices os que tem os numeros 266 e 270 da marcação conventual. O primeiro destes, que eu atribuo decididamente ao meado do sec. XV, conserva só ineditas as «Meditaçoens de S. Bernardo sobre as 7 horas Canónicas» a fl. 97, e uns tratados sobre a hora da morte (fl. 137 v.), sobre a luxuria (fl. 155), sobre a castidade (fl. 158), sobre o dia de Juizo (fl. 165) e sobre o inferno (fl. 167 v.), que foram extractados pelo sr. Cornu e publicados com o titulo de *Traité de Dévotion* na *Romania*, t. XI. Os outros trabalhos receberam a luz da publicidade por intermedio de Fr. Fortunato de S. Boaventura (*Collecção de Ineditos Portugueses*, tom. I, 1829) e dos srs. Cornu, Esteves Pereira, Vasconcellos Abreu, José Joaquim Nunes, e Klob.

O outro codice, porém, tem escapado á attenção do publico, posto que o mereça, pois no meu entender pertence ao sec. XIV, tanto pela letra, como pela ortografia, não sendo obras d'aquelle periodo muito vulgares entre nós.

O referido catalogo de Alcobaça assim o descreve: «Papyreus carens 12 foliis initio, Littera communi pene delecta complectitur Lusitano sermone Librum de contemptu Mundi, qui in Bibl. Patrum tom. 6. editus est, & tribuitur Isaac Syro, Vitam Ducis Antiochi

postea Abbatis, Vitam de Mariae Egyptiacae, de qua Cod. 266. Denique quatuor Tractatus exponentes, quid sit Conscientia».

Esta descrição tem varias inexactidões e entre ellas conta-se a de dizer que elle é exclusivamente de papel, quando na verdade tem a singularidade de alternarem as folhas de pergaminho e as de papel, embora sejam estas em muito maior numero. O livro sofreu tratos tanto do tempo, como do encadernador, que o compôs alterando-lhe a ordem das folhas. Começa a fl. 14.

Na segunda pagina da ultima folha, que mostra ter estado collada a uma anterior encadernação, encontra-se o indice das peças contidas no codice, o qual, apesar da sua deterioração, consegui lêr, e que é o seguinte:

«Em este livro som os tractados que se seguem.

Primeiramente xij mãdamentos que o bispo athanasio deu ao divino anthioco en a primeira folha. (Falta).

O ij° o livro Isaac, xij folhas. (Faltam as duas primeiras folhas).

O iij° da acidia e en quantas maneyras homeen peca per ella. Cento ij folhas.

O iiij° de santo Isidro, de aiunctamente de boas palavras. Ciij.

O quinto da vjda do duque Anthioco. Cx.

O vj° da vida da santa maria egiciacha. Cxx.

O vij° de santa pelagia. Cxxxvj.

Depoys se seguem capitulos, iiij.° da conciencia outro da oraçom, outro da contemplaçom. O outro quarto he maa [cousa de] converssar com as molheres.

Da vida de huu mõie que foy grande no paaço do Enperador. Cento xbij.»

Das obras transcritas no codice 771 (assim é o seu numero no Arquivo Nacional), copiei um tratado sobre o ajuntamento dos bons ditos e palavras, publicação que é possivel que chame a atenção dos entendidos para as peças que ficam ineditas.

Incipit tractatus de sancto Ysidro. de aiunctamento de boos dictos e palauras:. — —

O ffilho muyto amado. ama as lagrimas. e non as queiras leyxar. Sey prestes e aparelhado ao planto. segundo que foste enclinado aa culpa e ao pecado. Del foy a tua (FL. 102 V.) entençom. a ffazer o pecado. tal seia a tua entençom a ffazer a pẽitencia. Assy como cayste nos auissos. assy te torna. por que segundo a chaga.

deue seer dada a meezinha e Remedio aa plaga. Per palauras manssas e blandas. non te segures do pecado. En teu coraçom continuadamente. more sperança. temor e fiuza. Assy te alce e leuante a esperança da indulgencia e perdom. que sempre o medo do jnferno te de affliçom. e o temor del. senpre do pecado te enmende. O temor enpuxa o pecado. e abayxa os uicios. Onde non he temor. hy he uida torpe e dissoluta. Deseia seer ualente. mays per coraçom. que per corpo. mais na mente e uõotade que per carne. A affilçom e tribulaçom do corpo. he Remedio da alma. A doença ffere e chaga a carne. e cura e da ssaude a alma. Se boa andança e Requeza ouueres. nõ enssoberueças. Se te algũu enjuriar. soffre e non seias flaco. por que sey certo. que deus te proua. e poren non te leuantes en soberua. Sey senpre prestes e aparelhado. a qual quer cousa que te uenha. e ante que te venha. stado que te pode acontecer percebudo. Ben e mal que te ueer. ledo de uõotade liure o ssoporta. Se non podes squiuar e soffrer a ssanha. ao meos sey tenperado nas palauras. Sey prestes. mais a ssoffrer eniurias. que aas ffazer. E de todo en todo, sey mais diligente. a ssoportar os maaes. que aos fazer. Dos errores e maaos dizeres dos mormuradores. non cures. ante os calca e asconde sso a terra. Aas palauras enjuriosas e asperas. toma a paciencia por scudo. e con ella as (FL. 103) vence. Quando algũu de ty escarnecer. quando te doestar. quando sse contra ty leuantar. quando te fezer jniuria. Anprende de Christo tenperança. aprende del ssoffrer. por nos el. padeceo eniurias. e leyxou a nos exenplo. por que el ffoy ferido com palmadas ferido com açoutes. scarnido cõ escarros. na cruz com clauos pregado. coroado de coroa despinhos crucifiguado. e sempre calou. e non falou. Grande uertude he. se nõ fezeres mal aaquel que a ty ffazer. Gloria he grande se perdoares aaquel. a que podes empeecer. Quando fores mal tragido e eniuriado. entende que te ueo pollos teus peccados. Beenze e faze ben. ao que te mal diser. Esforçate vencer o ssanhudo. e yrado. com paciencia. Vence com palauras blandas. a maldade. e com bondade a maleza. Com o ben. sobrepoia o mal dos outros. Muyto come e gasta o coraçom e a mente. a chaga ascondida. e quanto ha mais ascondes e encobres. mays acrecentas en teu dãpno. Se algũu pecar en ty. non peques tu en el. Sabe que Juizo ha de vijnr en ty. e nõ seeras perdoado se nõ perdoares. e se el non veer com hũildade e te nõ pedir perdom. tu tira o rrancor. e perdoa de coraçom e de vóóntade. Tira do coraçõ odio e jniuria do hyrmááo. e da maldade alhea. en el nõ fique dóór nen Rancor. O odio parte o homẽ do Regno de deus. tira o do cééo. lançao fora do parayso. O odio per marteyro. per

tormento per sangue. nen hé tirado. nen Remijdo. Como declararey e demostrarey o fogo da enveia. a qual queyma todas as plantas. as geerações das uertudes. A enveia. todos os beens destr[u]y. Assy como pestelencia. A enveia. he traça do coraçom. come e gasta o entendimento. queyma os pectos. enpeçoenta e chaga a uóótade. pace e come o coraçom do homen. Assy como pestelença. e por esto he mester. contra o maao zeo. bondade e caridade (FL. 103 V.) seer prestes e apparelhada. batalhar contra a enveia. Proua e faze. que mais ames que seias amado. Sey fiel na paz, nõ seias leue na amizade. Ama e Retem sempre. o legamento e aiunctamento da continencia e tenperança. Reduze e trage os enmijgos a paz. e Reuoga e Reduze e induze os descordantes a concordia. En todos teus actos. seguy os bóós e sanctos. e poen ante os teus olhos os exenplos dos sanctos Os exenplos dos padres. seiam a ty doctrina. castigo e disciplina. O fauor do mundo. non te engane. Os seus doestos e vituperios. nõ te destruam e Rouben. Aquel que non deseia seer louuado. nõ sente enjuria. Se despreças o louuor. de ligeyro lançaras de ty os vituperios e os doestos. Na lingua alhea pregunta a tua cõsciencia. Conhoce e esguarda a ty per teu Juizo. e non per Juizo alheo. Que te aproueita se tu maao es. seer dicto e auudo por bóó. Que louuor de ben pode seer dicto. se assy non he. Non demostres. nen finguas santidade. per vistiduras vijs. Sey tal en verdade qual queres seer dicto. A tua vida e proffissom. demostra no Andar. e non no auito. Nos mouymentos do teu corpo seia modo sinplez. puro e linpo. Em teu geesto e movymento. demostra mesura e honestidade. e nenhũa vyl nen torpe. O coraçom e vóótade. no auito e mudamento do corpo sse parece. Por o geesto do corpo. se mostra o deseio e uõotade da alma. O teu andar non offenda. nen faça pecar os olhos do proximo. Non des de ty aazo. de mormurarẽ outros. Esquyua os mááos. non tomes conpanhya com os peruerssos. ffuge dos homéés Reuessados. e que enclinados som a todo (FL. 105) mal. Junta a ty bóós conpanheyros uirtuosos. e de bóós custumes. e conuerssando seeras tal como elles. Perijgoo e gram mal he ao homẽ. aconpanhar com os que mal viuem. E melhor he odio e malquerença dos mááos que a ssua conpanhia. por que assy como na vida dos bóós e sanctos. ha muitos beens. assy ha muitos mááes. na vida e aiunctamento dos mááos. Esquyua os dizeres e dictos caçurros. e as palauras desonestas e feas. A palaura váá. e com plazentaria ouuyda. cedo ençuía a mente. e de ligeyro he posta em obra. ffala per tua boca palauras. que nõ encuges as orelhas daquelles que as ouuyrem: A palaura váá. mostra qual he de dentro a cõsciencia.

A lingua mostra os custumes do homẽ. e o coraçom se demostra e proua per a palaura. Da auondança do coraçom. ffala a boca. Lança de ty a palaura. que non edifica. nen aproueyta aos que a ouuem. porque a palaura occiosa. e nom Reprehendida. de ligeyro he posta em obra. Os uicios e pecados. crecem pouco e pouco. e se nos non cavidamos dos pequenos de ligeyro cayremos nos grandes. A tua palaura non seia de Reprehender. e seia aos que a ouuyrem prouectosa. ffala. non o que te plaz. mays aquello que for Razom. Do mal alheo. non ençuges a tua boa. Non mormures do que peccar. mais aue del dóór e compassiom. Teme cayr no peccado. do qual Reprehendes os outros. Se te ben vires. nunca Reprehenderas outros Os mormuradores. e os que os ouuẽ consintindo. a ygual pena seerom punidos. Nen hũa ponpa. e sobeia cortesia (FL. 105 v.) tire ty. de ty. Non oluides teus bóós custumes. e busques os alheos. Tanto cura e aue cuydado coreger teus peccados. quanto fazes por saberes os alheos. De todo e com gram uóótade. fuge a toda geeraçom de mentira. e en nenhũa guysa non diguas falsso. testemunho. por que a boca que mente mata a alma. Per falacia e engano. non defendas nenhuũ homẽ. Non seias ligeiro nas palauras. e na obra tardinheijro. Prometeste maao voto. no[n] o guardes ante o brita. En as cousas torpes. brita o promitemento. por que maao he o uoto e a promissom. que com maldade he conprido e acabado. Peca no luguar. onde sabes que deus non mora. por que o que ffez as cousas ascondidas. esse as véé. Nenhũu non pode fugir assy meesmo. e se te non dãna a publica fama. condãpne te a propria cõsciencia. Non he mais graue pena. que a enueiosa cõsciencia. O que ben viue. senpre ha plazer. A cõsciencia Rea e culpada do peccado. sempre sta em pena. Plaga. morte. nen nẽhua outra cousa. nõ te spantara. se ben e iustamente viueres. O teu consselho e tuas obras. torna e poem em deus. Queres crecer en vertudes. fazeas e non as mostres. A cousa que perder podes en falando. guardáá en te calando. O pecado confessado. Se ligeiro he curado. o encerrado e non confessado. he acrecentado. O pecado mãifesto [1]. he feito de grande pequeno. Melhor he esquiuar os peccados. que os enmendar. porque cayndo en peccado. non poderas tirar maão custume. (FL. 106) A consciencia larga. enpeece en no ben fazer. Maa e muy maa cousa he o nõ saber. e muyto torpe cousa he. nõ conhocer as forças de seu corpo. O non saber he madre dos erros. Vicios maaos e peccados. squiuam e

[1] O *ãi por ani* é simples abreviatura e não forma fonetica.

vencen os homéés per sabedoria. O ssabedor de ligeyro aprehende. as Jnsidias e artes do diabóó. Muyto grande ben he. guardarsse e cauidarsse dos peccados e maldades. Grande miseria. e grande mal he. non saberes o que queres fazer. Aprehende o que non sabes. porque non seias achado. doctor sen prouecto. A sabedoria que ouuyndo aprehendeste. ensigna en leendo. Non seias derribado en pecado de soberua. e de váá gloria. por douctrina e sabedoria de teus discipolos. Non ensignes per palauras escuras. por que por tal douctrina. desplazeras aos sinplizes. e aos sabedores ãnoiaras. As cousas do comũ fala a todos. mais as do segredo fala com os sabedores. As cousas mãifestas e claras dy a todos. as non mãifestas. fala com poucos. A sciencia que nom souberes. busca quem ta ensigne. Arguyndo e disputando. as sciencias som declaradas e mãifestas. A cortesia e ponpa. he presũpçom muyto perigosa. Amar mays ouuir que ensignar. e scuytar que falar. Ao mayor e mais honrado. faze Reuerença. Non seias ygual ao mayor. Melhor he morte padecer. que fazer e poer en obra as máás cousas. Ygual cousa. he. fazer mal. e obedeecer e consintir en el. porque o que faz mal. e o que o consente. ambos (FL. 106 v.) ham pena ygual. O prelado deue studar seer mais amado que temydo. Os soiectos seiam Reuerentes aos prelados e non medorosos. por que da Reuerença ven amor. e do temor ven odio e malquerença. O medo. tolhe. tira. e destrue. a ffe e a uerdade. Onde he amor. hy he esforço Onde he medo. hy he desperaçom e couardiçõ [1]. Non seias muito misericordioso. nen pouco. nen perdoes pouco nen sobeio. Qualquer cousa que fezeres he uirtuosa. se feita for cõ discriçom. Sen discriçom feita. tornasse en peccado. O teu testemunho nõ enpẽeça a nenhũu. A tua palaura e dizer. a nenhũu nõ seia perijgóó. A tua palaura non seia de Reprehender. mais seia Recebida e louuada de todos. Sey em ty. e en os outros tenperado e honesto. Por affecçom de nenhũa pessoa. non desuíjes do camynho dereito. Ora seia pobre. ou Rico. senpre ao dereito e a rrazom esguarda. e nõ a pessoa. ffaze dereito e iustiça. sóó por auer Remuneraçom. e galardom pera sempre. porque aquel que deseia os beens tenporaes. nõ spera. nen auera gloria eternal. No iuizo non leyxes a misericordia. Justiça sen misericordia he. nõ perdoar aa flaqueza humana. O teu deseio. non seia dãpnar. mais todauya seia a correger. e aprouectar. Ten. e ama en veendo os fectos. iustiça e na sentença misericordia. Sey piadoso e misericordioso. nos

[1] Emendado de *couardice*.

peccados alheos. Assy como nos teus. Per o dereito e Juizo que nos fectos alheos teueres. per esse seeras julgado. Ante do juizo. non cõdãpnes a nen hũu. (FL. 107). nen julgues per sospecta. e ante que seias certo. porque non he mal ffector o que he acusado. mais aquel contra quen he o crime e o maleficio prouado. Cousa muyto perijgosa he. condẽpnar per sospecçom. Non poden os homeens condẽpnar. aquel que deus ten en seu Juizo guardado. Posto que os maaes e pecados seiam uerdadeyros. non som de creer Ante que per certas prouas seiam prouados. e per ordem de juizo sentenciados. ffaze e conpre com toda hũildade [1]. o que te mandarem fazer. e o offizio que te derem con toda uóótade. hũildade soiecçom o Recebe. Vsa do poderio e dignidade. com toda tenperança e discreçom. e todas cousas faze. e despom e ordena mãssamente. e com coraçom e uõotade blanda e honesta. Guardate e quitate das honrras que non podes teer sen peccado. A alteza das honrras. he acrecentamento de maldades. En no mayor gráão. sen duvida he mayor pena. e o que esta en pequeno graao. mais chegado sta ao perdom. As torres altas. de ligeyro dam gram queeda. e os montes altos. muytos curiscos os ferem. A aruor alta. muy fortemente a bulem os ventos. e os Ramos dela aginha quebram e cááen en terra. Da gloria e honrra. nace enveia. A enveia geera muytos perijgos. Se lançares de ty as honrras. e cuydados do mundo. sempre viueras. e usaras de folgança da alma. Nen hũu non pode ministrar as cousas terreaaes. sen peccado. Poucas uezes acontece. que o Rico aia folgança. Aquel que anda metido nos negocios e cuydados do mundo. he apartado de deus. Aquel que poem o amor (FL. 107 v.) nas cousas do mundo. nõ sse delecta nen toma plazer. nas cousas do ceeo. Nen hũu non pode auer iunctamente. a graça de deus. e do mundo. porque cara cousa he auer o cééo e a terra ygualmente. e cousa he que seer non pode. Amar deus e o mundo. Lança e enpuxa de ty. qualquer cousa que enpacha. ou pode enbargar. teu bóó proposito. De todo coraçom e uóótade da pena e auorrece. toda cousa que o mundo ama. Assy como marco te quita e parte. das cousas do mundo. e assy como soterrado. dellas nõ aias cuydado. e te priua de todo negocio terreal. Despreza em tua vida. o que depoys da morte. non podes auer. A todos da por deus. e non scolhas a quen des. nen per ventuyra passe. o que ha ha mester. por que non es certo. por qual plazeram mays a deus. Mayor seia a tua boa uóótade. e deseio de dar. que o dom que

[1] Por *humildade*.

das. por que tal seera a tua obra. qual for a tua emtençom. A quel que com tristeza da. perde o fructo e o gualardon. Nom he misericordia. hu nõ he ben querença. Non tomes a hũu por dar a outro. Nom te mostres misericordioso. do alheo. Non te aprovecta fazer hũu Rico. e outro proue. por que esta misericordia. mas dãpna que aprouecta. Sen uãagloria faze smola. por que aquel que aquy quer louuor. no outro mundo perde o gualardon. Os iustos no ceeo. e nõ [na] terra ham o gualardom. Onde tu que esto lees. non despreces en viuendo. e en teu fazer o que lees. Deo gracias. amen. Explicit. (FL. 108).

II

Um fragmento da versão das "Partidas de Castella,,

Os monumentos literarios de Portugal, alem de serem, segundo julgo, em menor numero do que em muitos outros paises, sofreram grandes perdas pelo aproveitamento das folhas nas encadernações de obras mais recentes. Os livros mais antigos, que pela sua letra ou pela materia de que tratavam, não caiam no gosto do publico, eram descosidos e as folhas aproveitadas para capas ou guardas de novas produções. Conheço algumas folhas escritas em antigo português, que é a lingua que mais me importa, aproveitadas desta forma. Uma delas já foi publicada, outras duas publica-las-hei brevemente, e uma quarta, a mais valiosa de todas, que ha uns vinte anos achei na Biblioteca Nacional de Lisboa, perdi-lhe o rasto, bem como á copia que fizera. O assunto era de romance de cavalaria, e nele se falava de Julio Cesar!

A folha [1] que publico agora encontra-se no Arquivo da Torre do Tombo, e pertence á encadernação de um codice que constitue o n.º 2 do maço 15 da *gaveta* 7. Essa folha está colada na parte interna das duas capas, e por esta circunstancia não oferece á vista senão duas paginas, as outras duas não as ousei descolar das tabuas que elas revestem.

A folha pertencia a uma versão portuguesa do *Livro das Partidas*, de que conservamos por completo a *Primeira* que pertenceu a Alcobaça; e a *Terceira*, que foi escrita por Vasco Lourenço dito *Çoudo* no ano de 1341, pertenceu ao Convento da Merceana [2]. Suponho que a folha que publico pertenceu á *Segunda Partida*. A letra, como a ortografia fazem acreditar que o codice era do seculo XIV.

A copia é a seguinte:

[1] Eu dou á palavra «folha», a significação que tem em tipografia.

[2] J. A. de Figueiredo, *Memorias da Lit. Portugueza*, I, 283.

Titolo

to mays nos filhos que an. Ca se qualquer outra cousa que o homẽ faça a ama por que he sa feitura: quanto mais deue amar seu filho que he feito de seu corpo méésmo. e segundo natura con grande amor. E que fica depos ele en sa Renenbrança. E porque esta natura da aos padres damor aos filhos mays que outra cousa; e esta amizade os aduz a crialos com gram piadade. dando lhys aquelas cousas que entenden que lhys serã boas e per que sse mays aginha criariã. E lhys da outrossy siso pera os guardar que uenhan a criança conprida. E em costumes e en manhas. mostrãdo lhys aquellas cousas que deuem fazer. E depoys que lho mostrarem conuen que se sabham seruir deles. Ca assy he con razon e natura dereita. que os filhos sabham seruir e obedéécer aos padres. Outrossy he que os padres se sabham seruir e aiudar sse deles. por que doutra guisa nõ lhis mostrariam que lhys auiam amor uerdadeiro. nẽ xi lhys tornaria em prol a criança nẽ na guarda que en eles ouuessen feita. E demais e cousa muy sen razom e que paresce mal quando o homen senon sabe seruir do seu quitemente mays que doutra cousa: pera sse seruir deles a sa uóóntade. Onde aquela gente se mostra por amador da terra en que mora: que desta guisa se souber amar. e seruir. e aiudar de seus filhos.

Ley quarta. Que o pobóó se deue trabalhar de criar os fruitos da terra. E as outras cousas per que sse am de gouernar e de mantéér:...:...:..:..

Criar deue o pobóó con gran femença os fruitos da terra. laurando a e enderençando a: pera os auer dela. Ca desta criança sa de manter a outra de que fala a ley ante desta. E dela se gouernan e se aiudan eles. e todalas outras cousas manssas e brauas. E por ende todos se deuem trabalhar: que a terra hu moraren seia ben laurada. E nengũu desto cõ dereito non sse pode escusar nen deue. Ca os hũus o ande fazer por ssas mááos: e os outros que o nõ souberen ou lhys non conuem deuen mandar como sse faça. E a todos comunalmente deue prazer e cobijçar que a terra seia laurada. Ca desque o for sééra auondada de todalas cousas que lhys for mester. Por que bem assy como a todos praz con ssa vida: asi lhys deue prazer con aquelas cousas con que a ande manteer. E non tan solamente disemos esto polas herdades de que ã os fruitos. Mays ainda das casas en que moram e téén o seu. e Dos hedificius que sse aiudan pera sse mantéér. Ca todo esto deuen laurar de maneira que a terra seia porem mays aposta. e eles aian ende sa-

bor e prol. E esto he hũa das cousas porque grande asessegamento e natureza toman os homéés hu ã a terra o que lhys conuen muyto de fazer de buscar todas aquelas carreiras que poderen e souberen pera fazer en ela prol e non anden baldios. Ca assy como os que son Raygados e assessegados na terra an razon naturalmente de a amar e de

xxj.º

los mantéér en ssas bondades. A se[gund]a se algũu maao costume ouuessem tolhelos dele. A terceira guarecendóós das enfirmidades que ouuessen. E nas armaduras que ouuesen outrossy deuen auer sabedoria en tres maneiras. A primeira se he bóón o ferro ou o fuste ou o coyro. ou a outra cousa de que os fazem pera conhoscer se son fortes. E desy se som ligeiras. E esso méésmo he das armas pera ferir. que am de séér ben feitas e fortes e ligeiras. E quanto mays conhosceren os caualos e estas cousas. e os husarem tanto mays e milhor se aiudaram delas. e as tornaran a ssa prol.

Ley. xj.ª Que os caualeiros deuen séér sabedores pera conhoscer os caualos. e as armas que trouxerem se som boas ou non.

Feitos non poden séér <caua> caualeiros per máão domen que caualeiro nom seia. Ca os sabedores antigos que todalas cousas ordinharom con razom⁚ non teueron que era cousa con guisa nen que podesse seer de dereito. dar hũu homen a outro o que non ha. E bem assy como as ordijns dos oradores non nas poderia nenguu dar senõ o que as ha. Outrossy nõ ha˙poder nengũu de fazer caualeyro senon o que o he. Pero algũus teueron que el Rey ou filho herdeyro ainda que caualeiros non fossem⁚ que beno podiam fazer per Razom do reyno. que porque eles som cabesças da caualaria. e todo o poder dela sençarra con o seu mandamento. E por esto o husarom e husan en algũas terras. Mays segundo razon verdadeira e dereita⁚ nengũu non pode séér caualeyro de máão daquele que o non for. E tanto encaresceron os antigos ordim de caualaria que teueron que os emperadores nen os Reys⁚ non deuem séér consagrados nen ordinhados ata que fossem caualeiros. E ainda disseron mays. que nengũu non pode séér caualeiro per ssy méésmo por õrra que ouuesse. E como quer que en algũus logares o fazem os Reys mays por costume que por dereyto⁚ con todo aquesto non teuerõ por bem os antigos que fosse dignidade nen ordim. nen regra nõ pode o homen tomar per ssy se lha outrin non da. E porende a mester que na caualaria aia duas pessoas. aquele que a da⁚ e o que a recebe. E outro ssy teueron por bem que

molher por onrra que ouuesse ainda que fosse enperatriz ou Rainha por herdade: que non poderia fazer caualeiro per ssa mião. Como quer que podera Rogar. ou mandar alguũs de seu senhorio que os fezessem áaquel que ouuessem dereito de o fazer. E ainda disseron que homen desmemoriado. nen no que fosse de meor hydade de catorze anos: que non deue nenhũu deles esto fazer. porque a caualaria he tan nobre e tan onrrada que o que a da. deue entender o que faz en dala. O que estes atáães non poderiam fazer. porque séeria cousa muy sen Razon de sse trameter de feito de caualaria: Aqueles que non ouuerem non ham poder de meter hy as máãos pera obra dela. Pero se algũu fosse caualeiro: primeiramente e depoys lhy acaescesse

PEDRO D'AZEVEDO.

Investigações ethnographicas

I

Superstições

«E que me dizeis á pesima criasão, que costumão os pais dar a seos filhos, entregando-os a amas, e criados de pouco juizo, e nenhuma instrucsão; e ás vezes tambem de pesimos costumes? D'aqui forsozamente nascem mil erros de que em quanto Deos nos não dá lus especial não costumamos duvidar; estando firmes que são verdades certas: e se queremos examinar em que fundamos o noso asenso, vemos que é; porque asim o ouvimos sempre á nosa ama, e criadas com quem vivemos; que sempre são povo, e bem vil povo. Aqui entrão os dias que chamão *aziagos*, isto é, proprios para disgrasas; como muitos dizem que são as Sestas feiras, e aqui entra a diferensa do pé direito ao esquerdo, tendo por máo indicio entrar n'uma caza com o pé esquerdo. Aqui devemos pôr o medo das coizas más, em lugares escuros; como se o demonio tivesse medo da lús do candieiro; e não pudesse aparecer de dia, como de noite. Devemos tambem contar o erro comunisimo de que o *corasão adevinha;* erro de que oje estão tenasmente posuidos muitos omens de juizo.»

(Padre Teodoro d'Almeida. *Recreasão filozofica.* Tomo VII, pag. 141).

II

A oliveira

«A qual arvore dá tão apertadamente a mão de amiga á Castidade, que (como escreveu Pierio) se faz mais formosa, e fecunda, quando pessoas castas a cultivão. Donde veyo que em algumas terras (diz Florentino) era antigo costume, quando concorria gente a varejar algum olival, tomar-lhe o juramento de que não vinhão de parte sospeitosa, senão de casa de suas mulheres: e outros donos, para mayor segurança, chamavão para este trabalho, a moços de pouca idade; pela experiencia que já tinhão de que a seguinte safra sahia mais rendosa.»

(Padre Manoel Bernardes. *Nova Floresta*, tom. II., pag. 339).

III

Danças

«Os antigos as explicavão com differentes nomes. A *Emalia* era dança tragica, e grave: o *Cordacismo* era bayle comico, e de zombaria: o Sicinnio [1] era meyo entre esses extremos. *Saltatio Pyrrichia,* era dos soldados, que acompanhando os movimentos do corpo com os das armas, representavão huma briga secca, com acometidas, e retiradas; idas, e venidas; pontas, talhos, e revezes [2]. O *Tripudio* he meter o movimento dos pés dentro das leys de certos numeros compassados. Assim os Lacedemonios dançando em seus dias festivos, fazião memoria de tres differenças de tempo; porque os velhos cantavão: *Nós fomos valentes;* os mancebos: *Nós valentes somos;* e os muchachos: *Nós valentes seremos.* Os bayles Bacanaes: *Saltatio Bacchica,* era festa jovial, e descomedida: usava-se nos banquetes.»

(*Ibidem*, pag. 4).

IV

Linguagem infantil

«Chorão as crianças por nos beberem o sangue, que lhes havemos ter sempre prompto em duas bilhas de leite.. Que me diz daquella sorna, com que havemos estar todo o dia a musiquiarlhes humas letras, que elles nos ensinarão, fazendo-lhes nós o compasso, com as mãos nas costas, e fazendono-lo elles com os pés nos narizes; tornamos, menina, aos dias em que nascemos: não sabemos dizer outra cousa, senão *nana nana, papa papa, papão, coco,* e outras ridicularias balbuciantes, como o vem a ser aquella de lhe pedirmos chamam pelo paizinho..»

(*Governo do Mundo em seco,* por Manoel Joseph de Paiva, tomo I, pag. 272. Lisboa, 1751).

---

[1] [No texto Sicinis.]

[2] Hoje conhecida, em Portugal, por *Dança das espadas.*

V

Antigas modas

a) Donaires

«No tempo de minha avó, quando tinha cahido nesta terra huma praga de donaires, que aqui andou, e que fazia inchar a gente de sorte, que huma mulher, por magra que fosse, parecia hum tonel, que em lugar de alguma adoella, que lhe faltava, tinha muitos arcos de sobejo. Perguntey eu a hum curioso de antiguidades, se sabia de donde erão oriundos aquelles inchados Cavalleiros? E elle me respondeo: Que as mulheres tanto morrerão por andar á moda, que a moda lhe pagou o affecto em lhe offerecer aquelles mausoléos, ou eças, em que jazião embalsamadas para o espectaculo do povo..»

b) Espartilhos

«E que me dizeis vós a huns espartilhos com humas mangas curtas, a modo de azas, em figura de vaso de flores, para que a cara da Dama faça o papel de rosa em ficar nascendo daquella vasilha, que está cheya de terra?»

(*Ibidem*, pag. 234).

VI

Dança dos minuetes

—«Fazey differença nas danças; não vos pareça, que passarinhos, e pardaes todos são iguaes: a gente limpa já não usa d'aquellas, em que o homem andava barba a barba com a mulher em o lascivo duelo, que significa o baile, para que se desafiavão, depois que discorrerão prudentemente, que por linha recta não serião buscados hum, e outro, sem o perigo de serem as feridas penetrantes no coração mais robusto do Galan, e no peito mais fragil da Senhora Dama: pareceo-lhes esta dança cousa de brutos como briga de gallos, que ora recuão, ora investem, até que de estimulados buscão o poleiro por alivio; e por isso mandarão vir de fóra, a que agora costumão, em que por linha transversal he a Dama buscada do Galan, como por huns rodeyos de *fore ut*, que lhe fazem andar com a cabeça á roda, até que se ajustão as pazes, e se dão as mãos.

—«Ainda assim essa dança dos minuetes sempre he muito peri-

gosa; porque se huma pessoa não vay por seos passos contados, e lhe escapa hum pé, arrisca-se a cahir num erro, e se anda como manda a regra, em muitos».

(*Ibidem*, pag. 198).

VII

As tourarias

«*Soldado*. Eu hey de fazer huns embarginhos de terceiro, interpostos pelos devotos de S. Marcos, porque ficarão sem ver touros, e morrerão á pura melancolia.

Letrado. Tão letifera he essa vista? Ás vezes me succede ser horrorosa, quando se chegão os touros perto de mim.

Soldado. Não que elles costumão vellos de palanques.

Letrado. Acto he, que nunca presenciey; porque sendo eu rapaz, vi de lá vir a hum visinho meu com as pernas quebradas pelo seu dinheiro, e a outro com humas sezoens, que lhe custarão baratas, por ficar da banda do Sol.

Soldado. Eu vos refiro os progressos desta Comedia, que se intitula *Modos de sacar dinheiro*, e julgareis de fóra, sem seres suspeito, a qualidade della; pois os que lá vão só porque lhes não chamem tollos em gastar totalmente os seus tostoens, approvão a parvoice, que vem revestida de algumas galantes cores, com que mal se disfarça. Dalhe principio uma figura do tempo antigo, que vem a cavallo, sem ser cavalleiro; porque desta dignidade o privarão, tirando-se-lhe as inquiriçõens de genere, e não se achando noticia de seu pay, fama sim de seu avô, que parece era homem de baixa esféra, mas muito engraçado o que bem mostra ainda o *neto* nas galantarias que faz; e só nisto das cortesias parece pouco expedito, porque tanto anda para traz, como para diante. Segue-se a irmandade dos aguadeiros, e a dos cruzdiabos; estes mandando, em nome do seu patriarca, não esteja ninguem no corro, que não fique corrido, e aquelles pedindo com muitas lagrimas, que derramão, ao Deos Neptuno, que por falta de agua não seja a festa tão secca. Emquanto huns molhão, e outros alimpão, avistão-se ao longe humas danças de torna viagem, que bem mostrão o muito que tem passado pela linha, e que agradão no povo grosso na ligeireza, com que se vão embora, cantando por despedida este saynete da mesma Comedia:

Porque nos pagais,
Bem vindos sejais,
Se vos enfadais,
Ainda lá vem mais,

e o mais que vem é o Cavalleiro por primeiro Galan, e os Capinhas por acompanhamento. Acha-se na praça hum touro, que faz o papel de bobo á falta de homens, que não querem mostrar as suas habilidades em publico; e depois de feitas certas cortezias de cavallo. O esclarecido D. Quixote de la Mancha, firme, e resoluto pela banda de fóra, empunha huma lança; e como se o touro lhe tivera chamado algum nome, chamando-lhe tambem o mais afrontoso, o avança, e até que ás lançadas o mata, não socega. Ficando victorioso, mas ainda colerico; espera que os seus parentes lhe venhão vingar o sangue, e a ferro frio com ajuda dos seus visinhos mata os seus quinze, ou dezaseis, que sahem nesta diligencia, e retira-se mais contente, e com mais applausos dos circumstantes, do que se tivera defendido humas Conclusoens de toda a Filosofia; e acabou-se a Comedia.

Letrado. Só de ouvir contallo, se me arrepião os cabellos! Ainda vos faltou o papel de barbas.

Soldado. Na minha estimação, não hé caso disso, e se são precisas, fação-o quantos barbados lá estão rindo, e galhofiando de verem a hum homem a cavallo matando boys, que não tem culpa, de que haja neste mundo aquelle modo de tirar dinheiro á gente.

Letrado. Reparo em huma grande differença que ha entre as Comedias e as tourarias; porque naquellas representa a gente mais vil as acçoens da gente mais nobre, como Reys, Emperadores e outros personagens; e nestas representa a gente mais nobre as acçoens da gente mais vil, como cortadores, e magarefes. Se por aqui não anda a humildade contra a soberba, eu não sey, em que isto consista.

Soldado. Não fica diversidade, em que se repare por aquella regra. Tanto parece o mais como o menos. Eu em que reparo, e de que me admiro he, que para o Author de uma Comedia ajustar hum casamento, fórma muitos annos de progressos amatorios, e lances discretos, que lhe custão conceitos multiplicados em versos muito elegantes. E em huma tarde destas o author da galhofa, que não sabe qual é a sua mão direita, senão quando a mete na algibeira aos circumstantes, com este enredo não mais, em que não mete palavra, que bem dita seja, faz casar ao Cavalleiro com a Dama estupenda, ao Neto com a viuva frescalhona, ao Capinha com a regateira desgarrada, ao Casquilho com a donzella toureira; e até ao pretinho dos caens com a negra cachorra.

Letrado. Já que estamos no fim de huma, e outra cousa, deixemos esta galhofa no fim.

Soldado. E deixando-a no fim, fica com a censura, que merece; porque em fim sempre os touros são cousas de rapazes.»

(*Ibidem*, pag. 206).

VIII

Comer sapos e lagartos

«Isso he manha de Portugal, a comer, e a dizer mal. Nunca levey á paciencia pôr eu um amigo á minha mesa, onde lhe dou de jantar, e pregar-me elle nos narizes com os pratos que lhe meto na boca, dizendo que não gosta; porque aquillo não presta; quando talvez que em sua casa coma sapos, e lagartos, por não ter outra cousa.»

(*Ibidem*, tomo II, pag. 323).

IX

Lobishomens

«Muytas vezes teremos ouvido referir admiravèis casos de trãsformações de homens em brutos: & toco aqui alguns brevemente. Niceforo Calixto refere de Teridates, Rey de Armenia, com outros muytos da sua Corte convertidos em cochinos & mordendo-se huns aos outros, em castigo de que teve a S. Gregorio Taumaturgo quatorze anos prezo em hũa escura, & lodosa cova. Vincencio Bellovacense, & delle o Bispo Simão Mayolo, contão o que succedeo em tempo de Pedro Damião, de hũas mulheres estalajadeyras, que por más artes transformavão os seus hospedes em jumentos, & como de taes se servião, ou os vendião, & alugavão; até que prezas, confessarão o delicto diante de Leão Papa. Olao Magno, Arcebispo de Upsal (Cidade de Scandinavia, & antigamente Metropole da Suecia) refere, que hum Duque de Prussia colheo ás mãos hum homem, que se dizia geralmente devastava os gados de noute convertido em lobo, & o fez confessar que era verdade, & o obrigou a tomar dentro do mesmo carcere a fórma que costumava, e despoes que tornou a figura humana o mandou queymar. E diz maes por cousa certa que em Lithuania na Noute de Natal, se ajuntão de varias partes muytos feiticeyros em certo posto já entre si concertado, onde se convertem em lobos, & despoes espalhados pelos campos fazem gravissimos males na gente, & nos gados, e nas fazendas.»

(Padre Manuel Bernardes. *Nova Floresta*. Tom. III, pag. 469).

X

Companhias dos pilhantes [1]

Quereria fazer allusão a estas companhias Antonio Serrão de Crasto, na seguinte decima do seu poema *Os Ratos da Inquisição?*

«Mala a fazeis para mim,
e com vossa ruim treta
d'ella vós fazeis maleta,
mochila, alforge e coxim;
porque entrando n'ella emfim
muito leves e ligeiros,
soldados aventureiros,
com vossas *pilhantes tropas*
vos fazeis meus guarda-roupas
e tambem meus dispenseiros.»

XI

Ciganos

Do *Governo do Mundo em seco*, de Manoel Joseph de Paiva:

«Conte as valentias de hum namorado, os ralhos de hum Castelhano, as caramunhas de hum pedinte... as labias de huma sigana...»

(Tomo I, Prologo).

«Estes homens devem ser siganos, porque sempre entrão com humas parlendas tão elegantes, que se engana a gente com ellas...»

(Tomo I, pag. 15).

«Que sigano vendeo cavallo, que não proferisse era hum bucefado na galhardia?»

(*Ibidem*, pag. 25).

---

[1] Vide *Revista Lusitana*, vol. 15.°, pag. 244.

«Prega tamanho couce, que nem cavallo de sigano, depois de vendido.»

(Tomo II, pag. 4).

«O Pobre deve ser algum sigano quebrado que se valeo da confraria da labia, para passar o resto da vida alegremente: mas eu hey de fazer a minha diligencia para ver se lhe posso tirar a sina.»

(*Ibidem*, pag. 115).

«Esses nomes são da sintaxe de criticos, para se entenderem com elles como ciganos por giria...»

(*Ibidem*, pag. 262).

XII

Pregão lisboeta em 1838

«*Quem as quer do Callaia e do Pão-quente? quem quer sortes? quem se quer habilitar aos cinco contos de réis? merca as sortes???*» Apregoava um rapaz quando me apeei perto de uma das arvores do Caes do Sodré».

(*Revista Litteraria*. N.º de 31 de dezembro de 1838, pag. 217, Porto, 1838).

XIII

O canario [1]

Armei um laço na serra
Para apanhar um canario,
É ave que custa caro
P'lo lindo cantar que tem.
Mandei-o de presente ao rei
E á condessa da Ribeira,
Mandou fazer 'ma gaiola

---

1 «*Canario*, s. m. Peça que se tangia na viola, e a cujo som se dançava» — *Novo Diccionario de Lingua Portugueza*. Typ. Rollandiana, 1806.

Da mais fininha madeira.
Depois da gaiola feita
Metteu o canario dentro:
Quer de noite, quer de dia,
Era o seu divertimento.
O canario adoeceu
Com grande constipação:
Mandou fazer uma junta
De vinte um cirurgião.
Á primeira lancetada
O canario esmoreceu:
Á segunda que lhe deram
Caiu p'r'ó lado e morreu.
Mandou vir o sacrista
Que fizesse os seus sinais;
Levou de acompanhamento
Trinta duzias de pardaes;
Aonde ia o pintasilgo
Mettido em grandes luxos:
Salta o gato na vizinha
Prega com tudo no bucho.

(Recolhido em Elvas).

XIV

Medicina popular

Remedios para a cura da ictericia:

a) Cheirar pepinos de S. Gregorio.

b) Um rosario de alhos vulgares, dependurado do pescoço, e que toque na pelle.

c) O branco de um ovo batido, com umas gôtas de agua de rosas, tomado pela manhã, em jejum.

d) Deitar dois alhos porros no bacio e urinar sobre elles.

e) Uma casca de ovo, contendo urina do doente, collocada á chaminé: á proporção que a urina se evapora, desapparece a ictericia.

f) Um bocado de baêta de seda nova mettida numa panella de barro, vidrada, e posta no forno até torrar a baêta: e, reduzida depois ésta a pó, tomar uma colher d'elle todas as manhãs, em jejum.

Remedio para a cura das verrugas:

Tomam-se tantas pedrinhas de sal quantas forem as verrugas; e embrulham-se num trapinho, que se atou com uma llnha; vae-se depois a uma fonte e deita-se o embrulho para o chafariz, e foge-se sem se olhar para traz.

(Recolhidos em Elvas).

XV

A entrega do ramo nas arrematações

... «contenuára o dito Porteiro com os pregoens dizendo, ha quem me dá mais de cento e trinta e seis mil reis por huma Tapada de olival no sitio do outeiro do Castelhano, com o encargo do foro que tiver, faça lanço, que está para se vender e arrematar; ha quem me dê mais, ou diga mais, doulhe huma, doulhe duas, doulhe outra mais pequenina, doulhe a primeira e a treceira, e esta que é a verdadeira, ha quem me dá mais senão aremato. . . . .

... ao qual o dito porteiro arrematou a ditta Tapada do olival, na ditta quantia de cento e trinta e seis mil reis, metendo-lhe um ramo verde na mão em sinal de sua arrematação, e de como elle o aceitou, ouve a ditta Tapada de olival por arrematada» ...

(Auto de arrematação lavrado em Elvas, em 5 de setembro de 1762. — Cartorio da casa de João Miguel Francisco da Silva de Sequeira Barreto).

XVI

As lavadeiras

Pelo entrudo, em Villa Boim (concelho d'Elvas), reunem-se por vezes, ás noites, seis ou oito homens, vestem-se com trajos de lavadeiras, e, de mascaras afiveladas, com trouxas de roupa á cabeça, vão bater ás portas de certas e determinadas casas de lavradores, onde previamente mandaram aviso da sua ida. Sendo desde logo recebidos, pedem alguidares com agua para a lavagem da roupa, alguidares que, de resto, já estão preparados para esse effeito. Collocadas de joelhos em frente dos alguidares, e conservando as mascaras, começam as oito *lavadeiras* a

lavar e a bater a roupa; a pouco espaço, uma d'ellas, sob qualquer pretexto, descompõe de palavras a companheira do lado. Arma-se então grande baralha entre todas, e no *dize tu, direi eu,* vão assacando umas ás outras as responsabilidades (como alcoviteiras) de todos os peccados de amor, e de outras paixões, perpetrados, quer pelas moças e moços, quer pelos demais habitantes da Villa, fazendo-se assim, junto dos alguidares, e a bater roupa, a chronica escandalosa da povoação desde o entrudo passado, — uma especie de *revista do anno,* ouvida, no meio de grandes gargalhadas, pelos assistentes, que, findo o espectaculo, gratificam os actores.

É antiquissimo este uso carnavalesco.

XVII

Galas e enfeites masculinos do seculo XVIII

«Desde o bico do pé até á cabeça anda hum destes Cavalheiros bizarros (ou qualquer destes bizarros, ainda que não sejão Cavalheiros) armado de vaidade, e de estudos da sua compostura, que são cativeiros de espirito, corrupções dos costumes, da Republica, e despezas da sua fazenda, ou talvez da fazenda q̃ não é sua. Lembra-me, q̃ chegando Francisco de Brito Freire, Fidalgo bem conhecido neste Reyno, aos pés de hum Confessor desta Congregação, e fallando-se no luxo destes tempos, disse, apontando para a sua volta: Aqui trago pendurados ao pescoço 120 homens de cava. Queria dizer, que lhe custara o que podia bastar para meter na cava de suas vinhas, um jornal de 120 trabalhadores. Hoje volta de vinte mil reis, ou cabelleira de trinta são muito ordinarias e despreziveis. Ha volta de cem mil reis e cabelleira de duzentos. E não se falla no que a cabelleira custa depois a sustentar com os officiaes, que frequentemente a penteão, e com oleos, e polvilhos, e bolsas, e empadas de pão, que vão ao forno, com os massacrocos, ou canudos de cabellos dentro (em lugar de aves ou de peixes) para ali ganharem com a efficacia do fogo, a fórma de anneis mais duravel, nome que já no seu tempo lhe deo Marcial:

Unus de toto peccaverat Orbe comarum.
Annulus.

. . . .

Pesa-lhes a estes Cincinnatulos de serem feitios da mão do Creador; e parece-lhes que não sahirão della do modo, que havia de ser, e assim tratão quanto podem de emendallo. Este pé havia de ser mais pequeno: que remedio lhe darey? Ajudando-o por detraz com o salto do

çapato, ficará metido quanto á perspectiva em linha diagonal, cuja base necessariamente sahe mais breve. Ou tambem ficará escondida sua grandeza entre topes, ou rosas de fitas: ou armando os furos da fivella longe do peito do pé, ficará grande parte delle pertencendo ao anterior da perna.

. . . .

Mas o rosto, que em fim nem sempre sahe das mãos da Natureza com taes proporçoens, que a fórma prevaleça á materia, que lhe havemos de fazer? Seja *feyo sim, mas galhardamente feyo* (como disse hum Poeta:) desculpallohemos com as mais gallas e enfeites, que acompanhão o corpo: franjoens de ouro nos canhoens das luvas, botoens de diamantes nos punhos do camisote, garavata em que vamos enrolando o pescoço, tendo mão fortemente na ponta della hum criado, para que nos fique justa, e o sangue rebentando pelas faces. Tambem não faltarão tranças, e fitas, e cor, e cheiros; até para lavar os entrededos dos pés, não faltará cada noite agoa de Cordova. E para estes aparelhos teremos, como tem as damas, um aposento determinado, que se chama toucador.»

(P. Manoel Bernardes. *Nova Floresta*, tom. IV, pag. 71).

XVIII

Galas e adereços femininos do seculo XVIII

«... Participando tambem o ornato de huma mulher de cada região do mundo alguma cousa, com razão, e verdade se chama este ornato Mundo. Vejamolo mais em particular:

Dos Reinos do Decão, e Bisnagar, e de Golocondá na India Oriental, leva esta diamantes: da Bactria, Scythia, e Egypto, esmeraldas: dos Reynos de Pegù, e da Cidade de Calecut, e da Ilha de Ceilão, safiras: do Seyo Persico entre Ormuz, e o Bassorá, da Samatra, ou Taprobana, da Ilha Borneo, e em Europa, de Escocia, Silezia, e Bohemia, leva perolas: do porto de Julfar na Persia, leva aljofar (que dalli se derivou este nome) da Cidade de Syene no Egypto superior, e do mar Thyrreno leva coraes, que se se disterrárão já dos Rosarios, e bracelletes, ainda se admittem em brinquinhos e veronicas: dos campos de Piza, e dos montes Alpes leva cristaes; do mar de Suevia, e de Lubeca leva alambres, que são as fabulosas lagrimas da irmãa de Faetante, choradas solemnemente cada anno pela sua desgraça: dos Reynos do Monomotapa, e Zofala na Cafraria, e da região de São Paulo

na nossa America, leva ouro: do Serro do Potosi nas conquistas del Rey Catholico, leva prata: de Alemanha, os Camafeos: de Moscovia, as Zebellinas, e Martas; e do Palatinado as mais aperfeiçoadas: de Helvecia região dos Suizaros, os Arminhos: do Brazil os Sauguins para manguitos, e os Coquilhos para contas: da Cidade de Tyro em Fenicia a Purpura; da Serra da Arrabida Graa: de Portugal, e Castella a Co (?): de Veneza, e Hollanda os Espelhos: de Provença, e de Roma as Pomadas para fazer as mãos massias, e cheirosas: de Cordova, e Hungria ao menos as receitas para as aguas odoriferas destes nomes: das Indias de Castella a Almeya, e oleo della para as mãos: de Tunquem o Almiscar; do Maranhão, e Siará o Ambar; de Angola, Guiné e Cabo Verde a Algalia: das nossas Indias o Calanbuco, e Aguila, os Canequins, e paninhos de Coco, e os Toribios: da Africa as pennas dos Avestruzes, para os cocares de plumas: da China os Los, os Leques, e as Chitas: de Granada os Tafetás: de Flandres as rendas; da Cidade de Cambray as teas finissimas, e candidissimas, que tem este nome: de Guimarães as linhas: de Leão de França as primaveras: de Modaba na Persia, e de Italia as Telas: da mesma Italia os Damascos: de Florença, Genova, e Napoles os Chamelotes: de França as luvas, os sinaes para o rosto, e tambem os leques, huns mayores para o Verão, outros mais pequenos para o lar no tempo de Inverno: de Inglaterra as meyas, fitas, e reloginhos de algibeira: da Arabia a Gòma, que tambem serve officio neste mundo: da Batalha os Azeviches, para dar figas aos máos olhos.

Que mais? He necessario que concorra tambem o Mar, não só com as Ostras, que se esbulhem das Perolas; senão tambem com as Tartarugas, que desarmem as costas para pentes, e cofrinhos, e com as Baleyas, que empenhem as barbas, para sahir um justilho, ou propõem bem desarrugado: são necessarios de varias partes varios materiaes para bucetas, escritorinhos, bauys, guarda-roupas para recolher nos camarins, e escaparates este mundo abbreviado; são necessarios vidrinhos, e garrafinhas, e redomas, e bucetas, curiosa, e ricamente forradas, para toda a pharmacopolia de ingredientes liquidos, e seccos, simples, e confeccionados, que servem de estender o dia da fermosura, quando já vem cahindo mayores as sombras dos altos montes da annosidade e de dizer na cara ao desengano, que mente. Que mais? São necessarias até as nuvens do Ceo, para a primeira agoa de Mayo, que opinarão, fazia o carão lustroso; são necessarios até os mortos, para as cabelleiras, se as não quizer o luxo antes tiradas das entranhas dos bixos, fazendo-as de seda.»

(*Ibidem*, tom. I, pag. 179).

XIX

Superstições e agouros

«Pessoas de genio agourento, e supersticioso, qualquer acaso escutão como hum Oraculo, e venerão como sigillo de algum mysterio, interpretando ser insinuação do Ceo, que as avisa. A mesma etymologia do nome superstição o está dizendo: *Superstitio dicta est à falso timore rerum super nos stantium: Cœlestium, & Divinarum veluti nos monentium.* São rastros, ou reliquias (como diz Santo Thomás) que nos ficarão da Gentilidade idolatra. Tomavão agouro de se entornar o saleiro, de pousar no tecto da casa algum corvo, e alli cantar o seu cras cras, de uivar algum cão à porta, de encontrar logo ao sahir de casa com alguma donzella, porque o tinhão por sinal de esterelidade; e se encontravão com mulher mundana, por sinal de felicidade nos comercios e negocios: Santo Agostinho traz outros exemplos igualmente vãos, e ridiculos: se indo andando dous companheiros, passava por meyo delles alguma pedra, ou cão, ou menino: se ao sahir de casa tropeçavão, que neste caso tornavão a recolherse: se ao calçarse succedia espirrar, que então tornavam para a cama: e tambem alli aponta o agouro das doninhas roendo os vestidos. Se estando à mesa, succedia espirrar a pessoa muitas vezes, acodião os amigos, e commensaes a affugentar o agouro com deprecações de prosperidade. Por ventura, que daqui tivesse principio a cortezia, que hoje usamos quando alguem espirra, se bem outros o attribuem a causa mais religiosa, e pia.

Erão tambem grandes observadores das palavras que ouvião a outrem, applicando-as a designio proprio, como respostas dirigidas por superior causa. Do Emperador Augusto escreve Glycas que na noite antecedente à batalha Actiaca, encontrando no campo hum homem em hum jumento, lhe perguntou como se chamava. Eu, disse elle, me chamo Eutyches (quer dizer feliz) e o meu jumento Nicon (quer dizer vencedor). Daqui tomou sinal de que havia de vencer, como venceo felizmente, e edificando huma Cidade, a que poz o nome de Nicopolis, collocou nella duas estatuas de bronze, huma de hum homem, outra de hum jumento. Semelhante caso traz Valerio Maximo de Paulo Emilio, a quem encarregara o Senado a empreza da guerra contra os Persas. Ao entrar em casa, lhe sahio ao encontro huma sua filhinha, mostrando tristeza no semblante, e perguntada a causa, disse: Morreo o Persa (era um cachorrinho de estrado, que tinha este nome) e Paulo entendeo daqui, que havia desbaratar o Persa.

Estes são os agouros que propriamente chamão os Latinos *Omina*, donde, como notou S. Agostinho, se derivou o verbo *Abominor, abominar*, porque se tomão não de outras creaturas varias, senão da boca do homem: *Omen* (diz Escaligero com Cicero) *quod ab hominis ore excipitur*.»

(*Ibidem*, tom. v, pag. 315).

XX

O Côco

Notavel medo faz à virtude, que está no berço, & anda em mantilhas, este coco, do que dirão; mas a que jà he crescida, como conhece os espantalhos, ou os despreza, ou zomba delles.

(Frey Antonio das Chagas. — *Obras Espirituaes*, pag. 124).

XXI

Feio como um côco

«O diab'alma — mas não pobre diabo — chamado Côco Raphael falleceu ha mais de 30 annos. Era horrendo: e como a gente do povo costuma dizer para caraterizar a extrema fealdade — *feio como um côco* — o mau sapateiro de que vou tratar era de todos conhecido pelo apodo de *Côco Raphael*. Outro nome ninguem lhe dava em Campo-Maior, a terra das alcunhas populares.»

(*O Elvense*, n.º 177 de 12 de Outubro de 1882, num artigo, de João Dubraz, intituladó PROSAS SATYRICAS).

XXII

Da fórma em que se ham de fazer as prociçoins

. . . «E ordenamos que em todas as prociçoins de nosso Bispado não levem passos da escriptura sem pr.º serem aprovado pello nosso Provizor, nem vá nellas molher alguma por figura, nem as danças, fo-

lias, e pelas se metão aonde vay o Clero, nem entrẽ nas Igrejas, e só poderam entrar as dansas de meninas de onze annos p.ª baixo; e nas prociçoins de penitencia não se levem pellas ruas confeitos, doces, vinho e outras couzas de comer pera refeição dos penitentes, e só o poderão fazer, e deputar os mordomos, ou confrades cazas nas ruas por onde passa a procisão pera nellas acudir aos penitentes, q.do seja necessario; e estes não levarão fitas, sinais, ou tenções pera serem conhecidos; porq̃. de todos os abuzos sobredittos rezultão indecençias, peccados, e escandalos, e se dá ocazião aos hereges estrangeiros p.ª zombarem dos ritos e ceremonias santas da Igreja.»

(Cap. xx dos *Decretos e Leis Sinodais de 1652,* feitas e ordenadas pelo Bispo d'Elvas D. Manoel da Cunha).

XXIII

Das prohibiçoins das compras e vendas na Igreja

... «Fomos informados q̃ nas Igrejas, e ermidas do nosso Bispado nas festas das Confrarias se apregoam as offertas e fogaças com grande indecencia da Igreja, perturbação dos Officios Divinos, que nella se celebram, e escandalo das pessoas timoratas, e prudentes. Ordenamos e mandamos a todas as pessoas eccleziasticas, a cujo cargo está o governo das Igrejas e ermidas sobredictas, não consintão que em tempo algum se apregoem, comprem, ou vendão as dittas fogaças, e offertas com pena de excomunhão mayor, e de dois cruzados p.ª o accuzador, e despezas da Justiça, e as mesmas penas impomos aos Confrades, mordomos, e quaisquer outras pessoas que fizerem o contrario, ou nesta materia incorrerem.»

(*Ibidem*, cap. xxi).

XXIV

Da fórma dos enterramentos nos dias mais solemnes

«Por nos conformar com o louvavel uzo da Igreja, ordenamos alem do que está por nossas Constituiçoins determinado, no tit. 14 § 12, que nos dias de Natal, Pascoa, e Spirito Santo, e quinta, sexta, e sabbado

da Semana Santa se não dobrem sinos em Igreja alguma por defuntos; nem se faça enterram.[to] em todo o dia, salvo a necessidade o pedir principalmen.[te], e neste cazo se fará sem se dobrarem os sinos, e sem pompa alguma funeral, e em tal parte com vós baixa, de tal sorte que se não perturbem os Officios Divinos que nos dictos dias se celebram...»

(*Ibidem*, cap. XXII).

XXV

Da reformação dos vestidos das pessoas Ecclesiasticas

... «Prohibimos que nenhum Clerigo desta nossa Diocezi ande em habito e trage secular, nem vestidos de cor, salvo daquellas q̃ por nossas constituiçoins se lhes permitem; nem traga loba aberta de alto abaixo, nem mangas fora, nem gadelhas, nem çapatos de salto, ou de chispo, ou emrocados, ou picados, nem meias de gloria sub pena de dois mil rs. p.[a] o meirinho e despezas da Justiça, alem de lhe serem cortados os seus vestidos.»

(*Ibidem*, cap. XXIX).

XXVI

Romarias

«*Estatuto Decimo Quarto q̃ falla nas romarias e modo q̃ se nellas terá.*

«Por favorecer aquelles q̃ por sua devoção quizerem fazer romarias ordenamos por Estatuto q̃ fazendo as seguintes sejão contados: Jerusalem, para q̃ damos hum anno; vizitar a Caza de São P.o em Roma seis mezes; p.[a] Santiago de Galiza hum mes e meyo; para nossa Snr.[a] da Agoa do lupe *(sic)* hum mes; para S. Vicente de Lx[a] tres somanas, com esta declaração que nenhũ benefeçiado possa fazer estas romarias sem pr.o ter feita a pr[a] rezidencia de hum anno e q.[do] partir pedirá licença em Cabbido e q.[do] o que se asi for em romaria toorar trará certidão authentica em manr.[a] q̃ faça fe como esteve em cada huma destas Cazas.

A romaria de Jerusalem se fará huma ves na vida, Roma de sinco em sinco annos, Santiago de sette em sette annos, Nossa Snr.[a] de Guadalupe *(sic)*, e São Vicente de Lx[a] de dois em dois annos.»

(*Estatutos do Cabido da Santa Igreja Cathedral da Cidade d'Elvas, feitos no anno de 1582*. Mss. da Bibliotheca Municipal d'Elvas. N.º 12765 do Catalogo).

XXVII

A votação por meio de favas

«Estatuto vigessimo Terçio dos cazos em q̃ se votará por favas e não de outra manr.ª e do modo q̃ se nellas terá.

«Pa milhor se puder conservar o segredo das couzas q̃ se tratão em Cabbido e efeito do Estatuto precedente conformandonos com os Estatutos e costume antigo da Sé de Evora nossa Metropollitana em q̃ se trata do modo q̃ se terá no vottar por favas ou escriptos ordenamos q̃ se faça na maneira seguinte nesta Sé.

Tanto q̃ o Prezedente propuzer em Cabb.º q.alq.er negoçio antes de pedir vottos aos Capitullares lhes preguntara se lhes parece q̃ se deve detreminar por favas e não as pedindo nenhum em tal cazo podera tomar os vottos.

E se algum pedir Favas será obrigado a darlhas e se ao Prezedente esquecer de o preguntar podera cada hum dos capitullares pedir favas ao tempo q̃ ouver de dar seu votto ou antes.

Avera na caza do Cabb.º huma bolsa com certo numero de tavoas q̃ servirão de favas brancas e pretas e hum vazo em q̃ se lancem de tal feição q̃ hum não possa entender o q̃ outro votou, e tanto q̃ o Prezed.e determinar q̃ no cazo se votte por favas tomara da bolsa huma fava branca se o seu voto houver de ser de ssi ou preta se ouver de ser não e a lançara secretamente no vazo destá maneira o fara cada hum dos outros de modo q̃ nenhum possa saber antes ou despois o que o outro lançou.»

(Ibidem).

XXVIII

Manhans de barba

«Declaração do Estatuto 12.»

«Por este estatuto se concedem a cada Degnidade e conigo noventa dias em cada anno fazendo a rezidençia q̃ p.ª isso se requer e por acharmos q̃ na Metropoli, e em quazi todas as catredais do Reyno se lhe derão mais dez dias em rezão de manhans de barba e por outras cauzas q̃ ficão sendo o todo cem dias queremos q̃ daqui em diante se

pratique o mesmo na nossa Santa Sé e haja cada hum dos d.os Degnidades e Conigos em cada hum anno os ditos cem dias de estatuto que tomarão juntos ou intorpollados com tal condição que não poderão pedir manhans de barba nem anojarsse por pay e may ou outra qualq.r pessoa mais que tres dias e querendo nisto exceder sera porcontado seu Estatuto.»

(Ibidem).

XXIX

Villancicos pelo Natal

«O Mestre da Capella será obrigado na noute de Natal cantar o o Hinno das Matinas, e os responsorios, e thedeu Laudamos, e ordenar sempre alguns villançicos pª a festa, e assim para a noute como para o dia.»

(Ibidem).

XXX

Candeias e cirios

«O Thezoureiro he obrigado a fazer dar á custa da fabrica todas as candeas necessarias no choro para as Matinas, e outras horas, e fazer dar as vellas brancas por dia de nossa Senhora das candeas, e as de vespora de Paschoa da ressurreição como vai no § seguinte.

Nestes dias de nossa Senhora das Candeas e sabbado da ressurreição darseha aos Conegos e meyos Conegos hum sirio branco de meyo aratel a cada hum, e aos quartanarios capelães de huma quarta.»

(Ibidem).

XXXI

Ciganos

«Ho cõde daquella ylha (Gomeira, ilha de Canarias) andava todo vestido de brãco, capa, e pelote e calças e çapatos e carapuça, q̃ parece cõde de ciganos... »

(Historia das Navegações, viagens e conquistas dos Portuguezes. Tom. I, Descobrimento da Frolida, cap. 4.º pag. 10).

— «Mayormente sendo que ha de dar esta sentença tão antigo domestico do amor proprio, que he ladrão mais cadimo, que o mais destro sigano... »

(P. Manoel Bernardes. *Nova Floresta*, tom. I, p. 309).

XXXII

Gitanos

«Aos vinte de maio de 612 anos baptizei e pus os S. oleos a Paula filha legitima de Fr.co de Souto, e Engracia Desnalha, gitanos, forão padrinhos Domingos Miz capateiro m.or nesta Aldea e Anna Miz e por ser asim me assino. P.e Gil Sardinha Buzio».

(*Livro dos assentos de baptizados casados e defuntos* da freguesia de Santa Eulalia (concelho d'Elvas) dos annos de 1602 a 1622, folhas 76 v.—Archivo da Camara Ecclesiastica d'Elvas).

XXXIII

Superstições

Arde o velho barril, arde a cabeça [1],
Em honra de João na larga rua;
O credulo Mortal agora indaga,
Qual seja a sorte sua?

Eu não tenho alcaxofra, que á luz chegue,
E nella orvalhe o Ceo da madrugada,
Para ver se rebentão novas folhas,
Aonde foi queimada.

[1] *Cabeça de breu:* mólho de cordas embreadas para servir de fogacho na extremidade de um pau, muito usado antigamente em Lisboa nas festas populares de Santo Antonio, S. João e S. Pedro.

Tambem não tenho hum ovo, que despeje
Dentro de hum cópo d'agua, e possa nella
Fingir Palacios grandes, altas Torres,
E huma Náo á véla.

Mas, ah! em bem me lembre; eu tenho ouvido
Que na bôca hum bochecho d'agua tome,
E atraz de qualquer porta attento esteja,
Até ouvir hum nome.

Que o nome, que primeiro ouvir, he esse
O nome, que hade ter a minha amada:
Póde verdade ser, se fôr mentira,
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar, e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena:
Despejo logo a bôca: ah! não sei como
Não morro alli de pena!

Apparece Cupido: então soltando
Em ar de zombaria huma risada,
E que tal, me pergunta, *esteve a peça?*
Não foi bem pregada?

Eu já te disse: que Marilia he tua:
Tu fazes do meu dito tanta conta,
Que vais acreditar, o que te ensina
Velha mulher já tonta.

Humilde lhe responde: *Quem debaixo*
Do açoite da Fortuna afflicto geme,
Nas mesmas cousas, que só são brinquedos,
Se agoirão males, teme.

(Thomaz A. Gonzaga, — *Marilla de Dirceo*, Lyra XIII. Parte II. Lisboa, 1825. — Nova Edição. — Estes versos de Gonzaga foram tambem reproduzidos pelo dr. Leite de Vasconcellos nos *Ensaios Ethnographicos*, II, 250-251, com uma versão italiana).

XXXIV

Magia

Numa escura gruta,
Funebre e sombria,
Onde entrar não pode
Esplendor do dia.

O Mago Sileno
Sózinho habitava:
E nella d'amor
Mysterios sondava.

. . . .
. . . .

Dize-me, se tanto
Poder em ti ha:
A minha Marilia
Constante será?

Basta: diz o Mago;
E sem se deter,
Em hum livro pega,
E se pôz a ler.

Ossos serpentinos,
Seccos; e mirrados,
A arder logo põe,
Feitos em bocados.

Eis que o fogo accende,
Esparge no fumo
D'hervas venenosas
Pestifero çumo.

Tres vezes invoca
D'Erycina o nome;
Em quanto a materia
O fogo consome.

Apenas s'extingue,
Estrondo s'escuta;
Que até de temor
Estremece a gruta.

Em nuvem dourada
Amor apparece;
Que com mão mimosa
Huma corôa tece....
. . . .
. . . .

(*Ibidem*, Lyra II, Parte III).

XXXV

Canções de gesta

«Apuestamente tuuieron por biẽ los antiguos q̃ fiziessen los cavalleros estas cosas, q̃ dichas auemos en la ley ante desta. E por ẽde ordenarõ, q̃ assi como en tiempo de guerra aprendiessen fecho de armas, por vista o por prueua, q̃ otrosi en tiẽpo de paz la prisiessen por oyda por entendimiento. E por esso acostumbrauam los caualleros, quãdo comian, q̃ les leyenssen las estorias de los grandes fechos de armas q̃ los otros fizierã, e los sesos, e los esfuerços, que ouieron para saber los vencer, e acabar lo que querian. E alli do nõ auian tales escrituras, fazian lo retraer a los caualleros buenos, e ancianos, que se en ellos acertauam. E sin todo esto aũ fazian mas, QUE NON CONSENTIAN QUE LOS JUGLARES DIXESSEN ANTE ELLOS OTROS CANTARES, SI NON DE GUERRA, O QUE FABLASSEN EN FECHO DE ARMAS.»

(*Las siete partidas del sabio Rey Don Alonso el Nono*, tom. I, Parte 2.ª, titulo XXI, ley XX).

XXXVI

O ramo verde nas arrematações

« . . . e convir o Procurador fiscal em que se vendese e arrematase, mandou ao dito porteiro que afrontase e arrematase, e o porteiro comesou de apregoar dizendo: em prassa vendo, em prassa arremato,

afronta fasso, que mais não acho, se mais achara mais tomara, que proveito hera pera a fazenda de Sua Magestade, dou-lhe huma, dou-lhe duas, duas e meya e outra mais pequinina em sima que fazem tres, ha ahi quem me dê mais, ou me diga mais, senam arrematado, pois que mais me nam dam fassalhe muito bom proveito, e por nam haver quem mais quizese lamsar, de mandado do dito Doutor juis do fisco meteo o ramo verde na mam ao dito arrematante, que elle aseitou em signal de sua arrematasam . . .»

(Documento de 22 de Novembro de 1718. «Carta de arremataçam de Manuel Gomes da Serra, do Alagar de fazer Azeite sitto na rua do Tabollado da cidade d'Elvas» (Archivo da Casa dos Vasconcellos d'Elvas).

XXXVII

Qués, por queres

Na linguagem familiar, o alemtejano usa frequentes vezes da contracção *qués*, por *queres*. Encontramos essa contracção nos *Idyllios* de Antonio Diniz (Edição de 1811). Exemplos:

«Se por pobre esta dadiva despresas,
Não deixes, não de vir, oh Ninfa impia;
E riqueza terás se qués riquezas.»

(IDYLLIO IX).

«Desde que repontou a roixa Aurora
Que sahimos da rustica choupana,
E qués que hum pouco não descance agora!»

(IDYLLIO XII).

«Vai-te, minha Lycisca, na montanha
Como d'antes persegue as brutas feras:
Que saltas? que me qués? de mim que esperas?
Vai-te, que eu vou morrer em terra estranha.»

(IDYLLIO XX).

Cf. Leite de Vasconcellos, *Dialectos beirões*, VI, 15.

XXXVIII

O pellico

O pellico do pastor alemtejano (Cf. *Rev. Lusit.*, II, 45) tambem é celebrado nos *Idyllios* de Antonio Diniz:

«Alegre te obedeço, já estou pronto;
Este pelico todo recamado
De madręsilva, lirios e giestas,
Eu o fiz do mais fino e branco vello
Do meu rebanho, elle he do cordeirinho
Que pario a malhada, que me deste.»

(IDYLLIO V).

XXXIX

Três é a conta que Deus fêz

Assim diz o povo. E Vergilio, na Ecloga VIII, diz:

«Terna tibi haec primùm triplici diversa colore
Licia circumdo, terque haec altaria circum
Effigiem duco: *numero deus impare gaudet.*»

XL

Corridas de touros nos adros das igrejas

«Dis o Bpº delvas que na dita cidade e em outros logares do seu bpado se correm touros dentro dos adros, e por esta razão se não dizem os officios em suas horas devidas, e se commettem muitas offensas de Deos no tal tempo nos ditos adros. Pede a V. A. por ser assi serviço de Deos e pera se os officios divinos fazerem em seu tempo com a solemnidade devida, e se evitarem as offensas de Deos, que então se commettem em os ditos adros, mande que se não corrão nos ditos adros havendo-se de correr. E receberá mercê.»

ALVARÁ

Eu ElRei faço saber aos que este Alvará virem, que havendo respeito ao que na petição atrás escrita dis o Bispo d'Elvas, do meo Conselho, e vistas as cousas que alega; Hei por bem e me praz, que havendose de correr touros na dita cidade, nas vilas e logares do seu bispado, se não corrão os ditos touros nos adros das igrejas delle, e mando ás Justiças e Oficiais das Camaras da dita cidade, vilas e logares do dito bispado, que não consintão correr daqui em diante os ditos touros nos adros das ditas Igrejas, e cumprão inteiramente este Alvará, como se nelle contem. Lisboa 8 de maio de 1579. — *Rei.*»

(Archivo da Mitra Episcopal d'Elvas).

XLI

Um capitulo de visita

«Tãobem lhe recomendamos, e mandamos, q̃ nao concinta molher algua, ou rapariga q̃ passe de sete annos entre na Igreja a ouvir missa, ou assistir aos diversos officios sem q̃ levem mantos, ou mantilhas, e as q̃ por sua pobreza as não tenhão uzem, e ponhão hum lenço na cabeça para estarem com mais decencia, não concentindo porem q̃ a cubrão com carapussas, ou capuzes q̃ costumam trazerem nos capotes, cuja observancia pomos com pena de excomunhão pª q̃ tenha seu inteiro cumprimento.

(*Capitulos da visita* feita pelo Bispo d'Elvas Dom Lourenço de Lancastro á Igreja Parochial de S. Lourenço, em 16 de Junho de 1765).

XLII

Amuletos

Contra as escrofulas: uma cabeça de cobra, pendurada ao pescoço, e que toque na pelle.

Para as crianças se não babarem: uma bolsinha pendurada ao pescoço e que contenha uma pedrinha de camphora e alfazema.

Diz Landino que é cousa approvada para dôr de dentes o dente de toupeira, mas que se lhe ha de tirar estando viva e trazê-lo atado ao dente, que doe.

XLIII

Proverbios e anexins

Quando o rolão tufa, que fará o trigo!

Quem tem que comer, come; quem o não tem, passa fome.

Sobre azeitonas quem quer bebe.

Quando Adão cavava, e Eva fiava, a fidalguia onde estava?

Quem não gosta, sopeteia.

Quem não gosta, come menos.

Quem faz o que pode não merece censura.

Dois a cavallo num animal, á moda de Portugal.

Aguenta, branquinho, que has de ser gallo para o anno.

Não é calhandra, mas perto lhe anda.

Má obra, mestre, o cavallo morre.

A terra nos cria, a terra nos come.

Para padre, antes pai.

Abobora, que arroz é agua.

Dentes raros, dentes de mentiroso.

Telhados velhos tudo são goteiras, e madeira velha tudo é caruncho.

Quantos menos vultos, mais claridade.

Ás horas de comer sempre o diabo traz mais um.

Manhã de nevoa, tarde de passeio.

Com Ritta ninguem brinca.

Por moda, um olho fora.

Por tento demais não se perde o jogo.

Deixa-te *a terça,* porque morre *á segunda* (segunda-feira).

Quem quer ter honra, dê-as.

Uma cousa é prégar, outra dar pão.

Tu, que não podes, leva-me ás costas.

Amigos... amigos!... eu não tenho amigos: portas velhas não teem postigos.

A semente da lingua não a comem os pardaes.

Os rapazes dizem o que fazem, os velhos o que fizeram, e os tolos o que hão de fazer.

Ave de bico não faz o dono rico.

O que as mãos não levam, paredes o dão.

A figueira quer ter o pé na agua e a cabeça ao sol.

Mais vale acertar devagar do que errar depressa.

Cuidava o cego que via, e cuidava o que queria.

As cerimonias são para a igreja.

Metter boga para saccar bordalo.

Quem rouba um pão é ladrão, quem rouba um milhão é barão.

O mal adquirido é mal luzido.

A razão sempre está da parte do dinheiro.

Anno de ameixas, anno de queixas.

Ás dez (horas) quem na cama esteja, senão ao pé.

Não ha felicidade sem saude.

O alheio chora sempre pelo dono.

Mudam os tempos, não mudam os ventos.

XLIV

Antiphona da marrã

Na extincta diocese elvense, em a noite de Natal, tinha cada capitular da Sé, pela sua assistencia, no coro, ás matinas, quatro mil réis para uma marrã.

Esta offerta provinha d'um legado feito ao Cabido, com a obrigação de que os conegos, depois da missa da meia noite, no fim de *Laudes*, cantariam uma antiphona.

Em o n.º 198, de 27 de dezembro de 1862, do jornal d'Elvas *A Voz do Alemtejo* foi publicada a seguinte local:

«*Antiphona da marrã.* — Este anno a missa denominada do gallo esteve magnifica, o que certamente mostra o grande zello e dedicação que professa o sr. vigario capitular, digno prelado que rege os destinos da egreja elvense, pela sustentação do esplendor e brilho do culto divino. Correu tudo o melhor possivel; apesar da immensa concorrencia, que enchia o templo da sé cathedral, não houve a lamentar occorrencia alguma desagradavel. Officiou o sr. dr. Epiphanio de Andrade, governador do bispado, e finda a solemnidade da missa, ha um legado pio a cumprir de uma *antiphona* pela qual cada sr. conego que a reza tem 4$000 rs. para uma marrã. É esta a rasão porque se denomina *antiphona da marrã* — a que todos os annos na noite de natal se costuma rezar no fim da solemnidade».

Não haveria nisto o vestigio de uma antiga crença pagan? A *marrã* (offerecida aos conegos, de certo que para a *sacrificarem)* não representaria o monstro do *inverno lunar* morto no solsticio hibernal?

XLV

Superstições, crenças e costumes alemtejanos

— Não é bom dar-se sal, e quando se dá é com a mão esquerda, para não nos poderem fazer mal.

— A sereia era uma rapariga que andava sempre mettida na agua, e a mãe rogou-lhe esta praga: — «Em peixe sejas tu feita!». E ficou peixe da cintura para baixo.

— Devem-se guardar *penduras de uvas* de um para outro anno, para não se acabar o dinheiro em casa.

— É mau varrer a casa de noite, e, varrendo-se, não se deve deitar o lixo fora, porque se deita fora a fortuna.

— Ao deitarem sal na agua para a amassadura, costumam dizer:

Em louvor de S. Gonçalo,
Que não saia *ensolso*, nem salgado.

— Aos fieis que deitam esmolas nas bandejas, por occasião de certas festividades (a exemplo, a festividade de Santa Luzia, na egreja da Misericordia d'Elvas) dão uns bolos pequenos, quadrados, feitos de farinha de trigo, assucar e canela. (Serão estes bolos um vestigio dos pãesinhos obscenos das festas do paganismo?)

— Na 5.ª feira d'Ascenção não vão os passaros ao ninho desde o meio dia até á uma hora; isto é, durante a *reza da hora* nas festas da igreja. Terminada essa *reza*, era costume, nos antigos tempos, soltarem-se, do coro e das tribunas, differentes passarinhos, e espargirem-se sobre os fieis petalas de rosas.

— Por occasião do casamento, a luz do altar que estiver mais amortecida do lado de um dos noivos, indica que é esse que deve morrer primeiramente.

— É agouro abrir chapeus de chuva dentro de casa.

— Quando pela primeira vez lavam os recemnascidos, fazem-lhe com a mão uma cruz nas costas, e dizem:

Eu te benzo
Com esta agua;
Eu a lavar-te,
E o Senhor a abençoar-te.

— Se os noivos ouvirem ler os pregões na egreja, serão muito infelizes no casamento.

— E' mau ter rolas em casa. As rolas quando cantam dizem:

Põe-te na rua,
Põe-te na rua...

— Na noite do casamento, aquelle dos noivos que no quarto apaga a luz, é quem primeiro ha de morrer.

— E' de uso, ao recolher qualquer procissão, os membros principaes da respectiva confraria reunirem-se na sacristia da egreja e tomarem o *copo d'agua* — isto é, vinho e doces. (Vestigio dos *bodos* nas festas dos santos?)

— O cadaver deve ser amortalhado por uma, duas, até tres pessoas: por quatro pessoas não, que é mau.

— Ao pentearem-se as mulheres, os cabellos que lhes caem não devem ser lançados «nem para a rua, nem para o barril do lixo, mas sim para a pia dos despejos, para não poderem ser aproveitados para maleficios»; e se não forem lançados para a pia, deve-se cuspir tres vezes sobre elles, para se evitar o mal que podem fazer as pessoas que os encontrarem.

— A cama deve ser preparada pelas raparigas solteiras e nunca pela noiva, pois isso lhe traria infelicidade.

— A rapariga que cheirar a erva cidreira, ou a mangerona, não verá o seu amor durante tres dias.

— Nos annos bissextos as favas nascem com os olhos para os bicos; nos outros annos succede o contrario.

— As *baêtas* de um baptisado são constituidas por uns brincos d'orelha para a criança, se é do sexo feminino, e por um vestido para a mãe, se a criança é do sexo masculino.

— Quando as crianças de mama põem repetidas vezes as mãos, é signal de que morrem cedo.

— *Beijos de bruxas* chamam a certas nodoas roxas que apparecem no corpo; e tambem dizem que essas nodoas são causadas pela tristeza.

— As cobras não fazem mal ás mulheres que teem o nome de Maria.

— Para que uma visita enfadonha se vá embora, collocam atraz de uma porta uma vassoira com o cabo para o chão, e, antes de a collocarem, dizem para ella, tendo-a na mão:

Tareca, tareca,
Desmancha a conversa.

E logo que a visita retire, deve-se retirar a vassoira, quando não «já não tem virtude para outra vez».

— Se quem reza o «Responso de Santo Antonio» se enganar nessa reza, é signal de que a coisa perdida não apparece; e se durante a reza se ouvem falas, deve tomar-se sentido no que dizem, para se conhecer se nessas falas ha um *não* ou um *sim*, o que indicará se o objecto apparecerá, ou não.

— Não é bom casarem duas irmans no mesmo dia, porque, casando-se, uma d'ellas ha de ser infeliz no casamento.

— Moça que dá dois espirros a seguir, em vez de tres, é signal de que não casa.

— Para *passar* qualquer dôr a um animal domestico, dão tres voltas com elle em redor de qualquer igreja em que haja a imagem da Senhora das Dôres. Na provincia do Douro ha um costume parecido a este. Lê-se a p. 141 do «Almanach de Lembranças» de 1857: «Ha na freguesia de Eiriz, do Julgado de Paços de Ferreira, uma ermida chamada do Senhor da Abelheira: os povos das freguesias circumvisinhas, como S. Fins de Ferreira, Carvalhoza, Figueiró, etc., quando lhes adoece um porco, promettem dar umas voltas á roda da mesma ermida se o animal sarar; e quando assim acontece, chamão no primeiro domingo as raparigas da aldeia, e ahi vão todos em romaria, mais o convalescente, que acompanha, grunhindo, as devotas cantigas.

Depois de dadas as voltas promettidas, come-se uma boa merenda, de antemão preparada, e torna cada um para sua casa alegre e satisfeito».

— Não se devem acceitar rosarios, porque o que por elles se reza só beneficia a pessôa que os deu.

— A *coroinha de Christo* (rosario pequeno) não se deve usar sem ser dado por outra pessoa que tambem a tenha.

— Quem faz meia ao domingo, tantas voltas dá na meia, quantas voltas dará no inferno.

— A agua com que se lavam os pés não deve ser despejada da bacia senão quando estiver fria, porque, lançando-se fora quando quente, faz isso mal á saude de quem se lavou.

— A feitura do enxoval da noiva não deve começar pelas toalhas, porque, começando-o por ellas, desmancha-se o casamento. E a noiva pode fazer todo o seu enxoval; mas nunca o vestido para o noivado, porque seria infeliz no casamento.

XLVI

Cantigas populares de origem litteraria

Na corrente popular tenho encontrado varios cantos de origem reconhecidamente litteraria: uns, taes como foram compostos por seus auctores, e outros, com leves transformações.

Apresentarei alguns d'esses cantos:

1.

Amor, se te perguntarem
Se nós nos queremos bem,
Nega, amor da minh'alma,
Nega, que eu nego tambem.

É de Bocage:

Marcia, se te perguntarem
Se nós nos queremos bem,
Nega amor quanto disserem,
Nega, que eu nego tambem.

2.

Tendes o cravo no peito,
O logar improprio é,
Era o logar mais perfeito
Se o trouxesses no pé.

É de Paulino Cabral *(Abbade de Jazente)*:

Trazes o cravo no peito,
O logar improprio é,
Pois se o trouxesses no pé
Era o logar mais perfeito:
Não penses que o meu conceito
Te faz a menor censura,
Pois só com geito procura,
Sem te causar n'isso aggravo,
Dar-te pancada no cravo
Sem tocar na ferradura.

3.

Triste sorte é o nascer,
Depois do nascer, peccar,
Depois de peccar, morrer,
Depois de morrer, penar.

Vem a pag. 165 da obra de Luis Botelho Froes de Figueiredo *Queixas do amor divino* (Coimbra, 1717):

Grande desgraça he nascer,
Porque se segue o peccar,
Depois de peccar morrer,
Depois de morrer penar.

4.

Nossa Senhora faz meia,
E a linha é feita de luz,
O novello é lua cheia,
E as meias são p'ra Jesus.

É do poeta Antonio Nobre.

5.

Não te ponhas tão esquiva,
Não digas que me não queres,
Que por mal de meus peccados
Já sei o que são mulheres.

Meu coração não te rales,
Escusas de te ralar,
Mulheres nunca faltaram,
A questão é procurar.

São de Simões Dias (Das *Peninsulares*):

Não te ponhas tão esquiva,
Nem me digas que não queres,
Que eu por mal de meus peccados
Já sei o que são mulheres.

Meu coração não te mates,
Escusas de te matar,
Mulheres nunca faltaram,
A questão é procurar.

Ainda outros cantares de Simões Dias (*Peninsulares*), que se encontram, sem alteração, na boca do povo:

Se eu soubesse que te rias
Quando eu estou dando ais,
Tirava os olhos da cara
Só para te não ver mais.

Toda a mulher que namora
Quanto homem lhe apparece,
Tem coração de estalagem,
Recebe quem não merece.

Se tu suspiras, suspira
Cá dentro o meu coração,
Se tu choras, tambem choro,
Vê lá se te amo, ou não?

Teus olhos são mais escuros
Do que a noite mais fechada,
E apesar de tanto escuro
Sem elles não vejo nada.

6.

O seguinte trecho da *Esopaida ou Vida de Esopo*, de Antonio José da Silva (o Judeu) (*Theatro comico português*—Lisboa, 1787—Tom. 1.º, pag. 194), revela a antiguidade de uma das mais conhecidas cantigas populares portuguesas:

«*Xant.* Quem te disse a ti, que o amor era albarda?

Esop. Uy, Senhor, desde que me entendo, ou antes de me entender, sempre no berço me embalarão, com aquella cantiga:

O amor he huma albarda
Que se poem em quem quer bem;
Eu por não ser albardado,
Não quero bem a ninguem».

7.

Na *Epistola* a Marilia, diz Bocage:

«Não chega ao coração o jus paterno».

Eis o mesmo pensamento numa cantiga popular:

Foste pedir-me a meu pae,
Sem saber's o querer meu,
Em tudo meu pae governa,
Mas ahi governo eu.

Elvas.

A. THOMÁS PIRES.

TOPONYMIA PORTUGUESA

(ESBOÇOS)

Ao Snr. Dr. Leite de Vasconcellos

Nas minusculas monographias toponymicas, que vou encetar com este titulo, não tenho por fim senão juntar materiaes para ulterior estudo systematico da nomenclatura chorographica de Portugal, ainda pouco tratada por emquanto.

De caminho aproveitarei a occasião para ir averiguando as situações de algumas povoações e outras especies topographicas até agora incertas.

Não adopto qualquer ordem, nem mesmo a alphabetica, na sua apresentação, porque as minhas ocupações profissionaes me não deixam sobejos de tempo para nesse sentido coordenar agora os meus apontamentos. Vão, pois, essas monographiazinhas na ordem por que forem surgindo dos meus papeis, e os indices finaes repararão de alguma forma a irregularidade.

Juntamente com esses indices, darei tambem, no fim, a chave de algumas abreviaturas menos vulgares, que forem occorrendo.

Os nomes topicos portugueses, adduzidos sem referencia ou abonação, são colhidos no *Diccion. Postal e Chorographico* de J. B. da Silva Lopes, ou no *Diccionario* (VI vol.) da *Chorographia Moderna* de J. M. Baptista; para os nomes topicos espanhoes sirvo-me do *Diccion. Geográfico* de D. Pascual Madoz, e do *Diccion. general de todos los pueblos,* Madrid, 1862.

---

1 — Caramulo

Caramulo é o n. do pico conico situado na região occidental do conc. de Tondella e que coroa a serrania do mesmo nome.

Os serranos vizinhos dão-lhe tambem o nome de *Cabecinho de Todo o Mundo* e nos conc. de Anadia e Agueda é conhecido pelo de

Cesto Poceiro, por lembrar a forma de um cesto poceiro ou vindimo de boca para baixo.

Em tempos muito antigos, como adeante veremos, teve a denominação de *Alcoba*.

O nome *Caramulo* dava-se-lhe já no sec. XII, pelo menos, como se vê das confrontações que a carta respectiva dava ao conto de S. João do Monte, em 1152 [1].

No foral do Guardão de 1207 chamou-se-lhe *Caramudo d'Alcoba*, segundo se lê nos *Port. Mon. Hist.*, mas o *d* da primeira palavra deve ser erro de escripta, de leitura ou de typographia, por *l* [2].

O étymo d'este toponymo é o n. commum *caramulo*, ainda hoje corrente na Bairrada e no conc. de Agueda com a accepção de «eminencia, montão, cogulo de medida».

Nas mesmas regiões ocorre o verbo *acaramular* por «amontoar, acogular».

Os dialectos da Hespanha revelam formas parallelas. Assim, o aragonês tem *caramullo*, o malhorquino e valenciano *caramull*, o catalão *curumull* e *crumull* — no sentido do castelhano «colmo, copete» e no do port. «cúmulo, cogulo, topete».

Em catalão usa-se tambem o verbo *curumullar*, e em valenciano *caramullar*, na mesma accepção do referido *acaramular* [3].

Nada sei dizer sobre o étymo do n. commum, que é por ventura affim do vocabulo *caramoiço* (variantes *cramoiço* e *cramoço*) e do provincialismo transmontano *carramêlo*, «montão, pilha, cogulo».

Em Portugal ha os seguintes nomes topicos homonymos do de que me occupa:

Caramulo, casal da frèguesia do Reguengo (Batalha).

Serra do Caramulo, casal e serra na mesma frèguesia.

Caramulo, monte de 412^{m} d'altitude no conc. de Tondella, proximo da pov. de Muna [4].

Caramula, nome da extremidade meridional da lomba de Sá, freg. de Sangalhos.

Da mesma origem ideologica devem ser os toponymos:

Cogulo, pov. da freg. de Silva Escura (Sever do Vouga).

Alcogulo (com prosthese do artigo arabico *al*), coutada, chamada tambem *do Lecocq*, e cabeço, a 6^{km} para O. de Castello de Vide [5].

---

1 Pinho Leal, *Port. Ant. e Mod.*, v, 482.

2 *Foralia*, 537.

3 Simonet, *Glosario de las voces . . mozarabes*, s. v. *curcumil* e *cormuç*.

4 Carta Chorographica do país de $\frac{1}{100:000}$, folha 11.

5 Baptista, *Chorogr. Mod.*, v, 42.

2 — Os Juêus

E' um lugarejo da freg. de Guardão, conc. de Tondella, mesmo junto e ao S. do pico do Caramulo.

Os Juêus, com o artigo definido, é como localmente se diz.

Na *Corogr. Port.* do P.e Carvalho da Costa, II, pag. 191, escreveu-se, evidentemente por erro, — *Juizes*.

A forma d'este n. no sec. XIII é *Judeus*. No liv. I das *Inquirições* de D. Affonso III, fl. 42, chama-se-lhe *pópula de Judeis*, — póvoa dos judeus — certamente por que foi de comêço habitada por gente de raça hebraica [1].

O *d* intervocalico de *Judeus* caíu como no lat. fidele-, que deu em port. *fiel*, cadere, que deu *caer* (ant.), etc [2].

E' curioso que, junto aos *Juêus*, onde estive em 1905, sobre o caminho que vem de Malhapão de Cima, existe uma enorme e empinada fraga, que no alto, na face que olha ao S., lembra flagrantissimamente a fórma de uma *cabeça de judeu*, de caracteristico nariz adunco.

3 — Alcôba — Alcobella — alcobês

O n. *Alcôba* é já hoje raramente usado para designar a serra do Caramulo, tambem chamada *de Besteiros*, por ladear do O. o formoso valle d'este nome; mas foi-o muito até o sec. XVII [3].

Algumas povoações das suas abas tomaram-no mesmo para sobrenome determinativo, v. g.: *Maceira d'Alcôba* [4], freg. do conc. de Agueda; *S. João d'Alcôba*, denominação que no sec. XII teve a actual freg. de S. João da Serra, conc. de Oliveira de Frades [5]; *S. Mamede d'Alcoba*, antiga denominação da frèguesia de S. Mamede da Castanheira do Vouga, conc. de Agueda, etc.

---

[1] Herculano, *Hist. de Port.* III, 215, nota (5.a edição).

[2] Em documentos da Hespanha (Aragão) dos sec. XIII e XIV encontra-se tambem a forma vulgar *juéu* por judeu (Fernandez y Gonzalez, *Estado social y politico de los mudejares de Castilla*, Madrid 1866, pag. 367 e 386).

[3] Rèsende, *De Antiquit. Lusit.*, Coimbra 1790, p. 81; Brito, *Mon. Lusit.*, P. I, p. 563; P.e Carvalho da Costa, *Corogr. Port.*, II, 188.

[4] A relação das frèguesias do país em 1320-21 que, por indicação minha, o snr. Fortunato de Almeida inseriu na sua *Hist. da Igreja em Port.*, II, p. 669, traz indevidamente *Maceira d'Alcofa*.

[5] *Port. Mon. Hist., Scriptores*, p. 72 e 74.

Em um doc. do anno 1016 encontro a primeira referencia ao *monte Alcoba*, ao fallar-se da *villa Recardanes*:

«Et habet ipsa villa jacentia ripas Vauga subtus *monte Alcoba*» [1].

Em outro doc. do anno 1128 (era de 1166) ha nova referencia:

«*Villa Fravegas* subtus *mons Alcoba*, territorio Colimbrie, inter ribulos Inia et Sabugosa» [2].

Recardanes é hoje Recardães (conc. de Agueda); *Frávegas* é Fráguas de Bèsteiros (conc. de Tondella), entre as ribeiras de Inha e de Sabugosa.

Ora, monte que exista entre duas pov. tão distantes como Recardães e Fráguas, que de qualquer d'ellas se descubra para servir de referencia corographica commum, só pode ser o *pico* do Caramulo.

E assim, por essa consideração, e por que o n. *serra d'Alcoba*, ainda usado no sec. XVII, deve ter nascido do seu mais alto monte, segundo é regra, adquiri a certeza de que *Alcoba* é a denominação do *pico* do Caramulo antes do sec. XIII.

Accresce, para confirmar esta conclusão, o duplo n. *Caramulo d'Alcoba*, que, como já disse, o foral do Guardão dá ao pico; é ainda a existencia de um cabeço chamado, conforme localmente averiguei, *Alcobella* ou *Caramulo Pequeno*, 3km. ao N. do Caramulo, sobranceiro ao lugar de Varziellas [3].

O toponymo *Alcôba* deriva claramente do ar. *al-cobba* ou *al-cubba*, não na accepção de «torrinha», que traz Fr. João de Sousa [4], mas na de «cúpula, coisa em forma de cúpula, zimbório, abóbada», que é o significado fundamental de que derivam os demais, que o termo tem [5].

Na verdade, quer de longe, quer de perto, o Caramulo ou pico d'Alcôba tem o aspecto de gigantesca cúpula ou cone que coroa a massa dos montes circumjacentes.

Pelos vales e encostas d'esses montes existem derramados outros nomes locaes de origem arabica, v. g. *Almofala*, *Almijofa*, *Alcôfra*, *Alcafaz*, *Lafão* — monte junto a Vouzella [6] — etc.

---

1 Ib., *Dipl. et ch.*, n.º 227.

2 *Livro Preto* da Sé de Coimbra, I, 47. Cito pela copia existente no archivo d'esta sé.

3 O P.e Carvalho, *Corog. Port.*, II, 188, já se refere ao cabeço *d'Alcobella*.

4 *Vestigios da lingua ar.*, s. v. *Alcoba* e *Cuba*.

5 Não sou entendido em árabe, mas o illustre arabista Snr. David Lopes teve a bondade de me communicar a sua concordancia com o etimo proposto, em carta de 14-XII-1912. Cfr. tambem: Yanguas, *Glosar. etimolog. de las palabras .. de origen oriental*, s. v. *alcoba*; Cherbonneau, *Légende territoriale de l'Algérie*, s. v. «*Koubba*».

6 *Carta chorographica* do país de $\frac{1}{100:000}$, folha n.º 11.

A maior parte da serra ficava incluida no velho territorio de *Lafões*.

Notarei, por fim, que alguns autores do sec. XIX [1], copistas servís do que escrevem Franceses até mesmo sobre comesinhas coisas nossas, deram á serra do *Buçaco* o n. errado de *Alcôba*, que estes incriteriosamente lhe applicam do memoravel anno de 1830 em diante.

Em Hespanha ha varias povoações chamadas *Alcoba* e *La Alcoba*.

*

O n. *Alcobella*, que ficou referido, é um simples deminutivo toponymico [2] de *Alcôba*, excellentemente traduzido na dupla denominação local de *Caramulo Pequeno*.

No sec. XII havia em Coimbra um sitio chamado *Acubella*, segundo um doc. d'essa epocha, que diz:

«Ferraginal in *Acubella* subtus turris Porte Solis» [3].

Acubella é outra forma de *Alcobella* em que caíu o *l* do artigo arabico.

Facto identico se observa com os toponymos *Acouce*, *Afouves*, *Amalaguês*, *Ajás* [4], que em alguns autores designam respectivamente os lugares de *Alcouce*, conc. de Condeixa, *Alfouves*, conc. de Santarem, *Almalaguês*, conc. de Coimbra, e o monte de *Aljás* [5], ramo da serra da Estrella, proximo a Gouveia.

Cfr. tambem: *Ameijoafa*, pov. da freg. de S. Domingos (conc. de Santiago de Cacem), ao lado de *Almeijoafra*, pov. da freg. de Saboia (Odemira); *Amezendinha*, freg. de Vela, conc. da Guarda, ao lado de *Almezendinha*, freg. de Aldeia do Bispo, no mesmo concelho.

---

[1] Veja-se: o vb.º *Alcoba* no Flaviense, *Taboa Geofr.-Estatistica-Lusit.*; P. Leal, *Port. Ant. e Mod.*; Diccion. *Portugal* em publicação; e Baptista, *Chorog. Mod.*, I, 208.

[2] Chamo *deminutivos toponymicos* aos nomes proprios corographicos derivados de outros nomes proprios da mesma natureza (por meio de suffixos deminutivos) e que não tem relação alguma com a origem e significado etymologico d'estes, v. g. *Lisboinha*, de *Lisbôa*; *Paivô* (ribeiro) de *Paiva*; *Mirandella*, de *Miranda*, etc.

[3] No pequeno Ms. n.º 15 da Bibl. da Univers. de Coimbra.

[4] P.e Cardoso, *Diccion. Geogr.* s. v. *Acouce* e *Afouves*; P.e Carvalho, *Corogr. Port.*, III, 275; *Port. Antig. e Mod.*, XII, 1764 e 2216; Diccion. *Portugal*, s. v. *Ajax*.

[5] Esta forma é popular, e vem no P.e Cardoso, *Diccion. Geogr.*, s. v. *Aljás*.

*

Em Oliveira de Frades dão ao vento de S. O. o nome de *alcovez*, segundo informa o Snr. Dr. Leite de Vasconcellos [1].

A forma verdadeira creio ser *alcobês*, derivado de Alcôba, porque o dicto vento sopra realmente do lado do monte Alcôba, a S. S. O. da referida villa.

Viterbo já havia consignado no *Elucidario* os vocabulos «alcoucez ou alcovez», vento do sul, sem lhes indicar abonação ou proveniencia. Mas, como esse illustre antiquario nasceu e viveu na região de Aguiar da Beira, é licita a hypothese de que os colhesse em documentos da mesma região, ou na linguagem popular do territorio de Lamego ou Lafões.

Eu julgo *alcoucez* erro de leitura ou impressão por *alcouecz*, isto é, *alcovecz*, estando a semivogal *u* pelo actual *v*, e servindo o duplo *e* para indicar o accento tonico.

Outros nomes communs de ventos derivados de nomes de montes são, v. g.: *buçaqueiro*, que na Bairrada se dá ao vento sul, que sopra do lado do Buçaco, e *estrellão*, que na Beira Alta designa o vento soão, por vir do lado da serra da Estrella [2].

4 — Aguim

Pov. importante do conc. de Anadia, freg. de Tamengos (Bairrada).

Foi couto instituido em 1140 por D. Affonso Henriques a favor do cabido de Coimbra. Na respectiva carta chama-se-lhe *Aguiin* [3].

A forma nas Inquirições ms. de 1220-22 é *Aguil* e *Aguiil* [4]; em

[1] *Lições de Philologia Port.*, 429 e 519.

[2] Daremos aqui algumas notas para juntar ao interessante estudo do Snr. Dr. Leite de Vasconcellos sobre «Nomes de ventos» nas *Lições* citadas.

Na Costa Nova (Ilhavo) chamam *bisáme* ao vento de N. E.; em Alcanêna *abrantil* ao de L., *mata-cabras* ao vento sêcco de N. O., *xarouco* ao de S. O. e *xaroucadas* as bátegas de chuva com vento, espacejadas, proprias de março e abril. No Algarve diz-se vento *rodeiro* o que, geralmente em maio, acompanha o movimento do sol, soprando de L. pela manhã, do S. ao meio-dia, de N. O. á tarde e do N. pela noite.

Na Madeira, *carpinteiro* é o vento rijo do Sul.

[3] *Livro Preto* (copia citada) fl. 146 v., tomo I.

[4] Torre do Tombo, Gav. 3.ª, m. 10, n.º 17.

doc. de 1255 *Aguij* [1]; mas a forma mais antiga que conheço é *villa Aquilin*, em doc. de 1101 — carta de venda de metade da *villa Morongos* (hoje sitio de *Mirógos* no sul da freg. de Tamengos) [2].

O censo da população da Extremadura de 1527 traz *Agim* (-gi-=-gui) [3].

O étymo é claro: *(villa)* Aquilini, «quinta de Aquilino».

Aquilinus é nome romano muito usado antigamente. A igreja catholica canonizou seis Aquilinos e duas Aquilinas [4]. No *Corpus Inscript. Latin.* de Hübner figura no *Supplemento* o cognomen *Aquilinus*.

Perto de Gaia existiu no sec. XII um castro, sobranceiro a *Freimuza* (hoje Magdalena), que se chamava *Agym*, segundo um doc. de 1170 [5].

Este nome foi herdado pelo actual lugar de *Aguim*, freg. da Magdalena, no sec. XVIII *Agoim* [6] (escripta errónea), no sec. XIII *Gijm* [7], e deve ter o mesmo étymo do Aguim da Bairrada.

5 — Adiça

Adiça ou *Adissa* é o n. de uma serra tambem chamada *Serra Alta* e de uma pov. mais conhecida hoje por *Sobral da Adiça*, no conc. de Moura [8].

A O. de Almada, na costa da Caparica, existiu tambem uma antiga e célebre mina d'este nome no sitio chamado hoje *Mina do Ouro* [9].

A forma d'este ultimo toponymo no sec. XIV era *Aldiça* e *Adiça* [10].

O étymo commum é, sem dúvida, o arabe *ad-dissa*, planta arun-

---

[1] G. Barros, *Historia da administ. publica em Portugal*, II, 233 nota. Este autor não poude identificar o nome, que todavia nenhuma dúvida offerece.

[2] *Livro Preto* (copia cit.), II, fl. 288.

[3] *Archivo Hist. Port.* VI, 244.

[4] D. V. J. B., *Novissimo Diccion. Santoral*, Barcelona 1894, s. v.

[5] Ribeiro, *Dissert. Chron.*, V, 41.

[6] P.e Cardoso, *Diccion. Geogr.*, s. v.

[7] *Corpus Codicum* da camara do Porto, p. 183. Em Cortesão, *Onomastico Medieval*, figura o toponymo *Guin*, sacado das Inquirições de 1258. Como não tenho estas presentes, não posso averiguar se é a pov. de que aqui trato.

[8] P.e Cardoso, *ob. cit.* s. v.; P.e Carvalho, *Corog. Port.*, II, 479; Baptista, *Chorogr. Mod.*, I, 239.

[9] O *Archeol. Port.*, XIII, 271, nota; A. Pimentel, *Extremadura Port.*, II, 243; Diccion. *Portugal*, s. v. «*Adiça*».

[10] Ribeiro, *ob. cit.*, V, 350 e 386.

dinea *(arundo festucoides)*, especie de junco de folhas largas e rijas, que se emprega para colmear casas, fazer esteiras e vassouras, para alimento do gado, etc. [1].

D'este vb. provem tambem o cast. *aldisa, aldiza* ou *aldica* (isto é, *aldiça*), «junco, especie de esparto fuerte y áspero» [2].

6 — Nellas

Villa, séde de um conc. no districto de Viseu.

A forma d'este n. no sec. XIII é *Asnellas* [3].

Asnellas é, ou um deminutivo do nome commum *asna*, significativo de «burrinha», «jumentinha», ou um deminutivo toponymico de alguma povoação extincta dos seus contornos, que se chamasse *Asnas*. D'esta, porem, não ha noticia.

A syllaba inicial *as* caíu, ou pela supposição de que fosse o plural do artigo definido feminino, ou intencionalmente para afastar o toponymo do seu radical *asna*, que daria occasião a gracejos e allusões chocarreiras.

Na nomenclatura chorographica de Portugal ha muitos exemplos de igual phenomeno.

Assim succedeu com os nomes *Saes, Degebe, Zeive, Zêzere*, que antigamente se disseram *Ossaes, Odegebe, Ozeive, Ozêzar* [4].

Lorna, quinta da freg. de Almeirim, é uma ant. *Alorna* [5]; *Pulha* é a forma ant. e pop. da freg. de *Apulia* no conc. de Espòsende [6]; *Zonho*, pov. da freg. da Cota, chamou-se no sec. XIII *Osonio* [7]; *Crato*,

---

[1] Cherbonneau, *Légende territoriale de l'Algérie*, s. v. *Diss* e *Djebel*; Yanguas, *Glosario* cit., s. v. *aldica*.

O Snr. David Lopes concordou com o étymo, que indico, na sua já citada carta.

[2] Yanguas, *ob.* e vb.º cit.

[3] *Nova Malta*, II, 126, III, 252 e 486.

[4] Dr. Leite de Vasconcellos, *Lições de Philol. Port.*, pag. 63 e 234.

[5] A. Pimentel, *Extremad. Port.*, I, 327-8.

[6] P.e Carvalho, *Chorogr. Port.* I, 189; P.e Cardoso, *Diccion. Geogr.*, s. v. *Apulia*. As Inquirições do sec. XIII trazem *Pulia*, mas a forma original deve ser *Apulia*, n. de familia romano e n. d'uma provincia da Italia, a que os antigos escriptores chamavam tambem *Pulha* e *Apulha* (cfr. Poyares, *Diccion. lusit. latino de nomes proprios*, p. 342; Fort. d'Almeida, *Nomencl. Geogr.*, p. 16).

[7] *Nova Malta*, I, 463. *Osonio* é nome pessoal antigo, talvez forma semipopular do lat. *Ausonius*. Nos *Dipl. et ch.* n.º 222 ha referencia a uma *villa de Osonio*.

villa do Alentejo, foi no sec. XII *Ocrate, Ucrate, Ocrato* [1]; *Meda*, villa da Beira Alta, tinha no sec. XIII e XIV a forma *Ameda* [2]; *Mezio*, pov. do conc. de Castro Daire, é no sec. XIII *Omizio*.

Derivados do radical *asno*, burro, ha muitos toponymos portugueses, v. g., *Asnella*, n. de varios lugares; *Asna*, moinho; *Asna Brava*, casal, chamado no sec. XIII *Asina Brava* [3]; *Asneira* (burriqueira) n. de varios sitios e quintas; *Porto d'Asna*, casal na freg. de Fermentellos (Agueda); *Val d'Asnes*, frèguesia do conc. de Mirandella,— no sec. XVI *Val de Asnas* [4], no sec. XIII *Valle de Asinis* [5], etc.

Os documentos antigos ministram muitos outros. Citarei apenas: *Petra de Assina*, sec. XII, perto de Paranhos da Maia [6]; *Mamulas Asinarum*, sitio na frèguesia de Tamengos, sec. XII [7]; *Portum Asinarium*, sec. XI, na frèguesia de Mozellos (Feira) [8]; *Asinella*, sec. XIII, no conc. de Cinfães, entre Porcas e Travaços [9]; *Asnelina*, no Norte, que teve foral em 1253 [10]; *Portu de Asinis*, ribeiro afluente da margem esquerda do Vouga, conc. de Aguiar da Beira, sec. XIII [11]; *ribulo de Asinos* (var. *Asinus*) ou *rivo de Asinis*, sec. X-XIII [12], nome de um affluente da margem direita do rio Dão, chamado hoje *rio d'Asnes* [13].

7 — Dornes

Antiga pov., frèguesia e extincta villa no conc. de Ferreira do Zézere, sobre a margem direita do rio Zézere.

A graphia antiga d'este toponymo é *Dornas* (*Sancta Maria de*—,

---

1 *Nova Malta*, I, 138 e 160, III, 293; *Foralia*, 624.

2 Rol das freguesias do bispado de Lamego em 1235-1245, Ms. da Torre do Tombo, Gav. 19, M. 14, n.º 7; Fort. d'Almeida, *Hist. da Igreja em Port.*, II, 660.

3 *Nova Malta*, II, 117, nota.

4 Franklin, *Mem. para servir de indice dos foraes*, 178.

5 *Nova Malta*, II, 160; *Elucidario*, s. v. *cruz* e *regaendo*.

6 Ribeiro, *Dissert. chron. e crit.*, V, 24.

7 Na carta de couto de Aguim, cit. atrás no artigo 4.

8 P. M. H., *Dipl. et ch.*, n.º 867.

9 Ribeiro, *ob.* cit. I, 244.

10 Idem, *idem*, V, 347.

11 *Foralia*, 687.

12 *Nova Malta*, I, 463; *Dipl. et ch.* n.os 84 e 663; Ribeiro, *ob.* cit., III, parte I, p. 108; *Elucidario*, s. v. *regaendo*.

13 Baptista, *Chorogr. Mod.* I, 78; *Port. Ant. e Mod.* VI, 458; *Carta chorogr.* do pais folha 11.

termho de —, *commendador de —*, F. *de —*) e *Dornis* (*commendator de —*) nos documentos do sec. XIII [1].

No sec. XV e XVI já se dizia *Dornes* [2]. O étymo é o nome commum *dorna*, que significa o mesmo que *ola* em varios pontos do país, isto é, «redemoinho em um rio», «grande escavação circular em forma de pia, que esse redemoinho produz no leito rochoso do rio». Esta é a accepção que tem nas margens do Zérere [3], e tambem, segundo pessoalmente averiguei, na região do Caramulo.

A proposito das formas *Dornis*, *Valle de Asinis*, *Portu de Asinis*, *rivo de Asinis* notarei que são frequentes nos documentos do sec. XIII e anteriores denominações chorographicas em cuja construcção apparece, a par do accusativo, o caso ablativo plural, regido da preposição *de* com funcção de genetivo.

Creio que d'esse ablativo em regencia é que provem a forma actual de varios toponymos terminados em *-es*.

Assim, para designar um mesmo lugar, apparece, ao lado da forma *villa de Cornias* [4], a forma *v. de Cornis* [5], que explica directamente a forma actual do toponymo *Cornes*; ao lado de *ribulo de Asinos* existe, como se viu, *rivo de Asinis*, que explica a forma actual *Asnes*; o nome do rio *Cobres*, affluente do Guadiana no Baixo Alemtejo, é no sec. XIII, *rivulo de Colubris* [6], rio das cobras, onde é transparente o ablativo plural do lat. vulgar *colubra*.

O mesmo deve ter succedido com *Dornes*, *Val d'Asnes* etc., e ainda com *Loures*, no sec. XIII chamada *Laurias* [7] e no sec. XV *Louras* [8]; com *Coires*, no sec. XIII chamada *Quairas* [9].

---

[1] *Nova Malta*, I, 115 e 212, II, 321; *Foralia*, 518, 529 e 622; Torre do Tombo, Gav. 19, M. 14, N.º 7.

[2] *O Arch. Port.*, XIII, 259, nota; *Arch. Hist. Port.*, VI, 268.

[3] *Port. Ant. e Mod.*, XII, 2115 e 2152.

[4] *Dipl. et ch.* n.º 846; *Nova Malta* I, 369-70, II, 126 e 128.

[5] *Nova Malta*, I, 369. As Inquirições do sec. XIII revelam a existencia de outras povoações no país com o n. de *Cornias*, hoje Cornes: uma freg. do conc. de Villa Nova de Cerveira; uma pov. da freg. de Malta (Villa do Conde), outra da freg. de Espiunca (Arouca) e outra, que já não existe, na freg. da Sé (Viseu). V. *Nova Malta*, II, 128, nota.

O etymo deve estar no lat. *cornu*, pilriteiro, ou num seu derivado.

[6] Carta de doação de Mértola aos Spathários em 1239.

[7] *Boletim* do Carmo, serie 4.ª, n.º 4, pp. 33 e 36.

[8] P. M. H., *Scriptores*, 285.

[9] P. M. H., *Inquisit.*, pp. 19 e 93. O étymo é o lat. vulgar quadras, courellas, no ablativo.

Quanto a *Chaves*, chamada geralmente no sec. XIII *Chavias* [1], no sec. IX *Flavias* [2], se me é permittido divergir do illustre mestre, Dr. Leite de Vasconcellos [3], creio ter succedido o mesmo, e provir de uma denominação tal como *Castrum de Flaviis*, castello de Flávias (thermas), — se não é antes uma simples modificação de *Chavias* por influencia do n. commum *chave*.

8 — **Loivo**

Povoação e freg. do conc. de Villa Nova de Cerveira.

A forma d'este nome em um doc. do anno 960 é *Lovio* [4], no sec. XIII *Lovio* e *Lovyo* [5].

Em gallego ha *lobio*, latada, parreiral, caramanchão de verdura, a que corresponde no b. lat. *lobium*, túnel de verdura, alpendre para estar á sombra, da raiz germanica *laub*, ramada, espessura, balsa [6].

Este é evidentemente o étymo do nosso toponymo.

Em Portugal contam-se mais quatro povoações com o nome de *Loivos*; na Galliza ha *Lobio*, *Lobios* e *Lovios*.

9 — **Mamouros**

Pov. e freg. de conc. de Castro-Daire (Beira-Alta).

O seu nome no sec. XIV era *S. Miguel de Doma-Mouros* [7].

---

[1] P. M. H., *Foralia*, 504, 555, 686; *Livro de D. João de Portel*, 21, 25, 34, 36, 38, 39, 40. Nas inquirições de 1258 apparece tambem *Chaveas* (*Memorias para a hist. das inquirições*, *Doc.*, p. 25). Mas no fim do sec. XIII apparece já *Chaves* e *Achaves* (*Lições de Philol.* cit., p. 44).

[2] Sebastião de Salamanca, *Chronicon*, n.º 13.

[3] *Lições* cit. p. 43. A divergencia consiste em que o referido philologo parece considerar o *ablativo isolado* como étymo, emquanto eu o considero étymo, sim, mas *em construcção*, regido da preposição *de*. Na verdade, é d'esta maneira que elle apparece sempre nas designações chorographicas dos sec. X-XIII. Cf. entre centenas, os seguintes exemplos: *Rivulo de Caballis* (*Dip. et ch.*, n.º 100), *Sancta Maria de Costodiis*, *Portu de Lupis* (*Dissert. Chron. e Crit.* IV, P. II, pp. 54 e 56), *Caal de Gallis*, *chousal de Infestis*, *Casal de Condessalibus*, *Sautus de Felgis*, *S. Jacobo de Gaguis*, *Vinea de Moscariis*, *Rua de Gatis*, *Valle de Ratis*, etc. (Cortesão, *Onomastico Medieval*, ss. vv.), *ecclesia de Achellis* (*Nova Malta*, I, 60 e 175).

[4] *Dipl. et ch.*, n.º 81.

[5] P. M. H., *Inquisit.*, 352, 353, 358.

[6] G. Ferreiro, *Hist. de la santa iglesia de Santiago*, II, 9; G. de Diego, *Elem. de gramat. hist. gallega*, p. 173; Du Cange, *Glosar.*, s. v. *lobia*.

[7] Rol das frèguesias do país em 1320-28, publicado por Fort. d'Almeida, *Hist. da Igreja em Portugal.*, II, 661.

Doma-Mouros é evidentemente uma alcunha ou appellido pessoal antigo, semelhante a *Matamouros*, que foi usado na Peninsula e creio que ainda é [1], e a *Traga-Mouros*, alcunha de Gonçalo Hermiges, personagem do tempo de D. Affonso Henriques, etc. [2]

Na passagem de *Doma-Mouros* para *Mamouros* deu-se a queda da syllaba *do* inicial, que se tornou pela contracção da preposição *de* e do artigo *o*.

Facto identico succedeu com outros toponymos portugueses: *Argoncilhe* (Feira) é no sec. XI *Dragonceli* e *Dragunceli* [3], genetivo do nome pessoal *Draconcellus*; o rio Eça [4], affluente do Seira, é chamado *Dueça* no sec. XII [5]; o actual appellido *Ornellas* deriva de *Dornellas*, n. de povoação; *Oucriste* é a forma corrente, no sec. XVI [6], do n. da freg. de *Deocriste* e *Deucriste* (Viana do Castello); *Açōes*, pov. da freg. de Ovar, é chamada no sec. X *Dezanos* [7].

JOAQUIM DA SILVEIRA.

---

1 Conto y Isaza, *Diccion. ortograf. de apellidos* etc., p. 39.

2 Brito, *Mon. Lusit.*, liv. IV, cap. I.

3 *Dipl. et ch.*, n.os 667, 756 e 921.

4 *Carta Chorogr.* do país de $\frac{1}{100:000}$, folhas 13; Azevedo, *Novo Diccion. Chorogr. de Port.* s. v.

5 P. M. H., *Foralia*, 437.

6 *Arch. Hist. Port.*, VI, 269.

7 *Dipl. et ch.* n.o 25; *Elucidario*, s. v. *igreja*.

Sobre uma edição pouco conhecida dos "Contos,, de Trancoso

Tenho na minha bibliotheca uma edição dos «Contos», da qual copio aqui a portada:

«PRIMEIRA
PARTE DOS CONTOS
E HYSTORIAS DE PROVEYTO
E EXEMPLO: DIRIGIDO A RAY-
NHA, NOSSA SENHORA.

Diuersas Hystorias, & Contos preciosos,
Que Gonçalo Fernandez Trancoso ajuntou,
De cousas que ouuio, aprendeo, & notou,
Ditos, & feytos, prudentes, graciosos,
Os quaes com exemplos bõs, virtuosos,
Ficam em partes muy bem esmaltados:
Prudente Lector, lidos, notados,
Creo achareys que sam proveitosos.

Impressa em Lisboa: Em casa de Antonio Alvarez
Impressor de Libros. Anno 1594.
Com licença & authoridade dos Illustrissimos e Reue-
rendissimos Senhores do Conselho da Sancta
& Géral Inquisiçam.
Está taxado a cincoenta reis em papel».

Sobre o verso da portada estão as duas licenças:

«Vi por mandado de S. A. estes Contos do Trancoso, que se im-
»primirão na era de 1585, & nam tem cousa contra nossa Sancta Fè,
»& bõs costumes, & podese lhe dar licença para se imprimirem: E a
»meu parecer, os impressos antes da era de 85, não se deuem impri-
»mir outra vez.

Frey Bertholameu Ferreyra».

«Vista a informação podemse imprimir estes Contos de Trancoso »que o Padre Reuèdor diz sómente, & não se imprimirão os que foram »impressos antes do Anno de 85. & depois de impressos tornarão a este »Conselho pera se conferirem com o original, & se dar licença pera »correrem. Em Lisboa 26. de Abril de 94.

»*Diogo de Sousa* *Marcos Teixeira*».

A existencia das edições anteriores á de 1585 fica pois comprovada com o que se lê a cima [1]. O prologo á Raynha occupa a folha seguinte, e visto que este prologo — para o qual chamou a attenção o Snr. Theophilo Braga — não se acha nas edições posteriores, copio-o tambem por inteiro:

«PROLOGO A RAYNHA
NOSSA SENHORA.

FICANDO Eu nesta Cidade de Lixboa, o Anno de 1569, Muyto alta & muyto poderosa Raynha nossa Senhora, a tempo, que por causa da peste (de que Deos nos guarde) quasi todos os seus moradores a despouoauam: vi tantas cousas que prouocam os animos a tristeza, que quem quisera escreuellas, tinha materia para fazer grande e muy lastimoso Liuro: porque: da contagiosa infirmidade viamos cada dia feridos que sacramentar, grande multidão de mortos que enterrar, e a muytos orfãos chorar. E em todos grandes necessidades que prouer, a que o Senhor socorreo cõ pessoas virtuosas, que por seu amor o faziam. s. hũs por hũa parte sacramentauam, outros medicinauam, & dauam pola cidade grandes & muy copiosas esmolas, outros enterrauam, que ainda que auia muytos a que acodir, eram tantos os que nestas obras virtuosas se exercitauam, que nam ficou cousa sem se prouer, ainda que nisso morreram muytos (por merce de Deos) nam faltauam outros & outros. Neste tempo de tanto trabalho me tocou o Senhor, alcançãdome tanta parte, que perdi no terrestre naufragio hũa filha de vintequatro annos, que em amor & obras me era mãy: Hum filho estudante: Hum neto moço do choro da See. E para mais minha lastima perdi a molher que por suas virtudes era de mi muy amada, que foy causa de grande tristeza minha, tanto que ainda que conhecia virme (por meus peccados) da mão do Senhor a carne que he tam fraca, com a imaginação se hia cada dia metendo em tristes pensamentos, e taes, que me desenquietauam, & prouocauam a grande malenconia: tanto, q̃ temi q̃ o imaginar nos trabalhos presentes, me fosse perjudicial ao corpo & alma, se Deos me nam tivesse de sua mão (como por experiencia adiante se vio em outros.) E cõ este temor por fogir daquellas tristezas, determinei prẽder a imaginação em ferros. E cõ ajuda de Deos nosso Senhor pude

[1] Theophilo Braga, *Contos tradicionaes do povo portuguez*, Porto, v. II, p. 20.

tanto, que ao tempo que ella queria fazer ohimenes de lamẽtações, a tirey dellas, & a pus a escreuer cõtos de auenturas, hystorias de proueito & exemplo, com algũs ditos de pessoas prudentes & graues, do qual esta he a primeira parte. E tendoo de todo acabado, por ser ja tempo de saude, & eu me achar desaliuado das imaginações q̃ foram causa de o escreuer, quisera contentarme com isso, & guardar o Liuro. Mas vendo que assi ficaua o proveito da obra para mi soo, & entendendo, q̃ nenhum bem he perfeito, se não he communicado, determiney imprimilo, porque todos gozassem destes contos: os quaes dando gosto aos ouuintes, nam carecem de liçam. Mas porem considerando como sempre (por nossos peccados) ha entre nos mormuradores, que não tendo mãos para escrever, tem lingoas para danar, e dentes para roer: receando, que por minhas faltas me espedaçassem a obra, pois sem ellas espedaçam & aniquilam obras de doctos varones, perfeitas e bõas, buscandolhe valha couto firme, em que o livro esteuesse seguro destes combates, achey que nam ha na terra outro se nam vossa Real Alteza, a que peço, que vsando de sua grandeza & costumada liberalidade, que he sempre fazer merces, ma faça de aceitar este tratado: po (sic!) que debaixo do seu fauor ande seguro, ainda que indigno de tam grande merce. E nam julgue a temeraria minha ousadia, que nasce do desejo de communicar com todos o premio de meu trabalho, esperando em Deos q̃ sayrá delle fructo virtuoso. E logo acabarey de imprimir a segũda parte: Rogãdo a nosso Senhor, prospere vida & estado de vossa Real Alteza por longos annos, com muyta felicidade. Amen».

O fim do verso desta folha está occupado com o:

«SONETO DE LVIS BROCHADO EM
LOVVOR DESTE LIVRO

Aqui veras Lector, lendo adiante
Hũa obra sotil, & dilicada,
De exemplos & doctrina fabricada,
Por hum estillo graue, & eleganc (sic!).
O Rey, o Cortesam, & o Galante
Até a gente baixa, ou estimada,
Daqui podem tirar vida ordenada,
A qualquer bom estado importante.
Louuar o Autor delle nam me cabe:
Por que sera tirarlhe sua gloria,
Por tantos sapientes concedida.
E pois o Lusitano vulgo o sabe,
Nam quero aqui narrar sua memoria,
Pois tantos conheceram sua vida».

Sobre as folhas 1-49 recto acham-se impressas os 19 contos desta primeira parte e sobre as folhas 49 verso e o recto da ultima acha-se a *Tavoada*.

A portada da segunda parte é como segue:

«SEGVNDA
PARTE DOS CONTOS
E HYSTORIAS DE PROVEYTO
E EXEMPLO DIRIGIDO A RAY-
NHA NOSSA SENHORA.

Se a parte primeira, muy sabio Lector,
Vistes & lestes, da obra presente:
Lede a segunda, que muy humilmente
Aqui vos presenta agora o Autor:
Pedeuos muyto, pois sois sabedor
Mostreis senhor ser discreto, prudente,
Suprindoo que falta, de ser eloquente,
Com vossa eloquencia, saber & primor.

Com licença & authoridade dos Illustrissimos Reuerendissimos
Senhores do Conselho da Sancta & Géral Inquisiçam.
Impressa em Lisboa: Em casa de Antonio Aluarez
Impressor de Liuros, Anno 1594.
Está taxado a cincoenta reis em papel.

As licenças sobre o verso da portada são as mesmas que as da primeira parte.

O recto da folha seguinte contém a Taboada dos 9 contos, e o verso da mesma folha o Prologo á Rainha».

Terminarei a minha noticia, dando copia deste Prologo:

«PROLOGO A RAINHA
NOSSA SENHORA.

VENDO EV, MVITO ALTA, E MVITO poderosa Raynha & Senhora nossa, como vossa Alteza me fez merce de receber a primeyra parte deste tratado, & me mandou dar parte do que custou o papel da impressam: sempre trabalhei quãto me foy possiuel por tirar a luz esta segunda, q̃ lhe estaua prometida. Mas como quer q̃ a barca de meu engenho he pequena, & muyto fracos os remos, para passar o golfam

do imprimir, temi muyto, tẽdo por certo (como o he) q̃ pois a todas as obras da vida (ainda q̃ sejam de autores graues, de grande prudẽcia & primor) nam faltam murmuradores, melhor & em mais abastança os auera nesta, que de tudo carece. Porem por outra parte, considerando como me sam certas as merces de vossa Real Alteza, pello antigo costume que tem de as fazer a todos, & pela esperiencia que eu tenho de as ter recebido, tomey ousadia de a imprimir & presentarlhe, pedindolhe humilmẽte me faça merce de a receber & amparar debaixo de seu fauor, como fez á primeira, ainda q̃ hũa & outra indignas de tam grã merce. Porq̃ sey certo, q̃ como entenderem ser fauorecida de vossa Real Alteza, ninguẽ ousará offendela, & eu terey atreuimẽto para passar a diãte, acabando a terceira parte, que já tenho começada, para com ajuda de Deos presentar a vossa Real Alteza, a que nosso Senhor de longa vida, com muyta felicidade em seu Sancto seruiço.

Amen».

Os contos occupão as folhas 1-52.

Ambas as partes estão reunidas num volume in-quarto encadernado em velino.

Worcester (Massachusetts), Estados Unidos, 27 de Março de 1913.

JOSEPH DE PEROTT.

MISCELLANEA

Observação á "Revista Lusitana", XV, 370 ("Oscar Nobiling")

O titulo completo do primeiro dos trabalhos de Oscar Nobiling mencionado no § 14 é:

— *Vierzeilen aus dem brasilianischen Staate S. Paulo.* Contém 38 canções, precedidas de breve estudo da pronúncia do português de S. Paulo. Foi publicado nas *Romanische Forschungen*, XVI, 137. Cf. *Zs. f. rom. Philol.*, XXXI, 732.

J. L. DE V.

Formas deminutivas nos falares algarvios

MAREQUINHAS, SOL-POSTINHO

As formas deminutivas são muito freqùentes nos falares do Algarve. É sabido que a dissimilação regressiva de *i* em *e* nas sílabas pretónicas dos vocábulos cuja vogal tónica é *i*, v. g. *vezinho*, > vicinu-, *ministro* (que se lê *menistro)*, nem sempre se dá. Com efeito o *i* do radical dos deminutivos conscientes da lingua comum formados com suficsos com *i* na sílaba tónica como *-inho*, *-ito*, *-ico*, e outros com ou sem o inficso *-z-*, é inalterável [1]: *bico, biquinho; rubi, rubizinho; chico, chiquito.*

Pelo contrário, nos deminutivos inconscientes dá-se a dissimilação: por exemplo o alentejano *tezinho* por *tizinho (=tiozinho).*

Nos falares algarvios os deminutivos usam-se com tal freqùência,

[1] Vid. Gonçalves Viana, *Exposição da pronuncia normal portuguesa*, Lisboa 1892, pag. 56.

que se perdeu por completo a noção da formação do vocábulo; e diz-se então: *Chequinho*, e não *Chiquinho*, de *Chico; vestedinho*, e não *vestidinho*, de *vestido; Joquenita*, e não *Joquinita*, de *Joquina (Joaquina); Marequinhas*, e não *Mariquinhas*.

Curiosa tambem é a formação de deminutivos com palavras compostas. De *sol-posto* formou-se *sol-postinho*. *Sol-postinho* é no Algarve aquilo a que os Alentejanos chamam *o pôr do ar do dia*.

Lisboa, 23 de Junho de 1913.

BERNARDINO BARBOSA.

Estudos de Ethnographia africano-portuguesa

a) Portaria que inicia esses estudos

«N.º 215:

Considerando que nem a penetração pacifica do territorio, nem o que se chama a «politica indigena» se comprehendem sem o prévio estudo ethnographico das populações semi-civilizadas d'esta immensa provincia de Angola, e sendo mesmo como que um desaire, já notado pela sciencia extrangeira pela penna auctorizada de A. van Gennep, a nossa quasi carencia de estudos ethnographicos africanos regulares, quando é certo que correm mundo as monographias ethnographicas dos allemães sobre as suas colonias africanas e oceanicas, dos hollandeses sobre a Insulindia, dos americanos do norte sobre os amerindios e as Filippinas, dos sabios e funccionarios ingleses sobre as populações da Africa Oriental, da India, da Australia, dos Estados Malaios, e já a França póde citar para a ethnographia das suas colonias de Africa os nomes dos senhores Clozel e Maurice Delafosse (Costa do Marfim), Bruel (Congo) e Guébhard (Futa-Djallon), além dos trabalhos da Escola de Lettras de Argel ácêrca da Argelia e de Marrocos;

Considerando que o desapparecimento ou a simples diminuição da mão-de-obra indigena é causa de morte ou definhamento para uma colonia tropical, e de modo nenhum póde um governo colonial de hoje, não falando mesmo no elementar dever de solidariedade humana, desinteressar-se da sorte e da vida das populações indigenas, sendo mesmo para os funccionarios publicos nas colonias inglesas e allemãs uma

recommendação e um motivo de promoção o interessarem-se pela vida dos nativos, descreverem-na e procurarem comprehendê-la;

Considerando que se não temos, como a Inglaterra em algumas das suas colonias, os logares officiaes de ethnologos, como a Hollanda para o seu imperio colonial da Insulindia, logares de ***adviseur*** das questões indigenas, e funccionarios ethnographos, cabe a todo o funccionario de Angola, neste momento de renovação nacional, de serena esperança e de fé no bom destino da Patria, e de esforço pelo bom nome português, o dever de iniciar, para uma obra de conjuncto, digna de tomar vida e vulto pela applicação do methodo comparativo ou ethnographico, as suas observações pessoaes, o seu estudo directo, longe de todo o apriorismo, e em toda a sua real complexidade, dos agrupamentos semi-civilizados de Angola em cujo contacto estiver:

Hei por conveniente ordenar que, no prazo de quatro meses, respondam os administradores de concelho, capitães-móres, residentes, administradores de circumscripção e chefes de postos, ouvindo para tanto os chefes indigenas, os missionarios, o pessoal subordinado, e as pessoas illustradas da região, ao questionario ethnographico que será publicado opportunamente no *Boletim Official*, e irá assignado pelo Secretario Geral interino d'este Governo Geral.

E, ulteriormente, será organizada a commissão que deverá tomar conhecimento dos materiaes ethnographicos reunidos, e valorizá-los em pró d'esta provincia.

As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento e a execução d'esta competir assim o tenham entendido e cumpram.

Residencia do Governo Geral, em Loanda, 23 de fevereiro de 1912. = O Governador Geral, *Manoel Maria Coelho.*»

---

b) Organização de um Museu Ethnographico de Angola e Congo

«N.º 266:

Devendo a portaria n.º 215, de 23 de fevereiro proximo passado, ter como natural complemento a instituição na cidade de Loanda de um *Museu Ethnographico de Angola e Congo*, onde o estudioso, o colono recem-chegado, o homem de negocio, o funccionario colonial, possam aprender a conhecer o typo cultural das curiosas e ainda tão mal estudadas populações semi-civilizadas d'esta provincia;

Considerando que ao tão interessante Congo Portuguez desce

ainda a influencia da mysteriosa e extraordinaria arte da Costa de Benin, a que a sciencia allemã já pensou em dar uma origem indo-portuguesa, e tendo tambem alta curiosidade para a historia da evolução dos typos culturaes as civilizações indigenas da Africa Occidental (Sudão, Senegal, Guiné, etc.), pois, segundo nota o sr. Arnold van Gennep, o sabio Director da *Revue d'Ethnographie*, teem ellas com as distantes civilizações oceanicas taes semelhanças geraes e de pormenores, que já se julgou possivel definir-se um *cyclo cultural malaio-nigricio*;

Considerando que é uma vergonha nacional, ha quatrocentos annos senhores de Angola e Congo, não termos ainda na capital da provincia um Museu ethnographico, n'esta hora em que a Alemanha, n'uma verdadeira febre de conhecimento, se está cobrindo de Museus ethnographicos e de folklore, onde o publico vae estudar praticamente, para se assegurar do futuro, a evolução da civilização humana, tendo sido julgada por Arnold van Gennep uma data importante na historia das sciencias anthropologicas, e da nova sciencia, a Museologia, a inauguração solemne em 12 de novembro de 1906 do Museu Ethnographico de Colonia *(Rautenstrauch-Joest Museum für Völkerkunde)*, que veio coroar esplendidamente a serie admiravel dos museus de Leiden, de Bremen, de Hamburgo, de Altona, de Berlim, de Leipzig, de Dresden, de Nuremberg e de Munich;

Considerando outrosim o grande interesse humano, e o interesse nacional e de historia local, de reunir ao lado das collecções ethnographicas, classificadas por ordem geographica e ordem genesica, e em dupla seria de objectos typicos e objectos seriados, ou grupos de objectos, tambem as inscripções lapidares e outros testemunhos de valor archeologico, documentando o passado português da colonia e mais os restos do passado prehistorico de Angola, que o solo ainda guarda;

Considerando que não recorre baldadamente o Governo aos funccionarios publicos e aos cidadãos em geral, lembrando ao seu sentimento patriotico, n'esta hora em que é forçoso manifestar a vontade collectiva de vida, de potencia, a grande utilidade publica da remessa e offerta, ou mesmo deposito, de objectos de valor etnographico, prehistorico ou archeologico, e prestando-se o juiz da Relação de Loanda, bacharel Alberto Osorio de Castro, socio do «Instituto Ethnographico Internacional de Paris», a dispôr methodicamente, segundo as indicações da museologia ethnographica e archeologica, as collecções que na Secretaria do Governo se receberem:

Hei por conveniente, em nome e na ausencia de Sua Ex.ª o Governador Geral, instituir em Loanda, n'um dos edificios em que estavam accomodadas as companhias disciplinares, o *Museu Ethonogra-*

phico e Archeologico de Angola e Congo, cujo estatuto interno ficará opportunamente regulamentado.

As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento e a execução d'esta competir assim o tenham entendido e cumpram.

Residencia do Governo Geral, em Loanda, 5 de março de 1912.=O Secretario Geral do Governo, interino, *Manuel Moreira da Fonseca*».

(Do *Boletim Oficial da provincia de Angola*, 1912).

Sobre dois ditados que se completam um ao outro

Aos dois curiosos artigos do sr. Cláudio Basto, na *Revista Lusitana*, XV, 173-4 e 351-3, acrescentarei as seguintes variantes do ditado completo, as quaes exprimem dois prognósticos sobre fenómenos meteorológicos de efeitos diversos:

— Vermelha pr'ó mar
albarda o burro e vai ó sal,

Vermelho ó nascente
albarda o burro e vai diente.

(Serrazes, Carvalhais, Bòrdonhos [S. Pedro-do-Sul]).

— Sol encarnado pr'ó mar
bota os bois a lavrar,

Sol encarnado ó nascente
larga os bois e ven-te.

(Ribatejo).

— Ruivas ó mar
velhas a assòlhar,

Ruivas ó nascente
chuva de repente.

(Viana-do-Castelo).

[Dizem *ruivas* ou *ruivinhas*. *Ruivinhas*, só por si, e mais especialmente, são as da tarde. «Lá estão as *ruivinhas!*» — (Informação de uma senhora de Viana)].

Na *Revista Lusitana*, XII, 185, vem o seguinte ditado alentejano:

— «Ruivosas *(stratus)* em Portugal, albarda o burro e vae ao sal».
[Cf. o primeiro acima citado].

Os marinheiros de Ílhavo costumam dizer, num arremedo de pronúncia castelhana:

— *Arco* de la mañana
Tormentana.

Arco de la ta[rd]
Serenidad [1].

[«Como diz o espanhol», acrescentam êles].

O Adagiario de Rolland regista:

— Sol roxo, agua ao olho.

Em Espanha há mais os seguintes, que se completam nos dois prognósticos, ou que se citam independentemente, conforme o fenomeno observado:

— Arreboles de Aragón
á la noche con agua son.

Arreboles de Portugal
á la mañana sol serán.

— Arreboles en Castilla
viejas á la cocina.

Arreboles en Portugal
viejas á solejar.

---

[1] Estas observações sobre o aparecimento do *arco-iris* ou *arco-da-velha* estão em desacordo com as seguintes previsões similares no nosso pais:

—Arco da velha
por agua espera.

— Pela manhã cedo:
Bom tempo.

Ou então:

Ao meio dia:
Melhor tempo.

Â tarde:
Por agua espera.

(Serra-da-Estrêla)

[Leite de Vasc., *Ensaios Ethnog.*, II, 141]

— Arco da velha de tarde
não vem cá debalde

(Alentejo).

[Soeiro de Brito, *Astron. Met. e Chr. pop.*, 26].

No arremêdo castelhano talvez *arco* esteja em lugar de *árcol* por *árbol*, de *arr'bol*, *arrebole*.

A estes acrescentarei os seguintes, que exprimem observação independente:

Arreboles al Oriente
agua amaneciente.

Arreboles por la tard
á la mañana aire [1].

Azinheira (Barreiro), Fevereiro de 1913.

ÓSCAR DE PRATT.

"Pedro" e "Pedra"

Á analogia ritmica que na Biblia se estabelece entre *Petrus* e *petra* [2] responde a lingoa portuguesa tratando foneticamente de um mesmo modo essas palavras (abstráio do *ê* e *é*).

De Petrus veio *Pêdro*, e de petra veio *pédra*, pela mudança do nexo intervocalico *TR* em *dr*. É fenomeno corrente. Vejamos porém outros mais curiosos no onomastico.

Quando, falando, empregamos duas expressões, uma das quaes está de algum modo subordinada pela acentuação á seguinte, aquela experimenta mudanças que não experimentaria, se estivesse em pausa. Por exemplo: dizemos *um santo* (pausa), mas *Sã* ou *São José*; a palavra *santo* modificou-se, isto é, abreviou-se. Chama-se a este fenomeno *próclise*, e á palavra que se modifica, *proclitica* [3].

---

[1] Um outro em que parece haver permuta entre os verbos, pois contraria a observação popular geral:

— Arreboles al *anochecer*
agua ó viento al *amanecer*.

[É lição da *Enc. de Segui.*]

Do fenómeno de vermelhidão geral do ceu, que presagia tempestade, fala tambem o proverbio:

— Arreboles á todos cabos
tiempo de los diablos.

Sentido igual terá, talvez mais pròpriamente, o ditado do Adagiario, acima transcrito.

[2] *Et ego dico tibi, quia tu es* **Petrus**, *et super hanc* **petram** *aedificabo ecclesiam meam*. S. Matheus, XVI, 18.

[3] Vid. *Lições de Philologia Portuguesa*, Lisboa 1911, pag. 485.

Tal fenomeno acontecia outr'ora não raro com varios nomes proprios, seguidos dos respectivos apelidos: *Fernão Lopez*, mas *D. Fernando; Martim Monis*, mas *S. Martĩo* ou *Martinho* [1]. Em documentos galegos ha *Afon*, por exemplo no sec. XIV [2], que corresponde a «Afonso». Num romance popular ha *Bernal-Francês*, onde *Bernal* provém de *Bernaldo*, que se usava no sec. XVI [3], e se usa ainda hoje no Algarve [4], na Beira-Baixa e em Hespanha: de *Bernaldo* deriva *Bernaldino* [5] (fórma plena), e *Bernaldim* [6] (fórma abreviada). O povo diz tambem *Mar' do Crasto*, embora só se escreva *Maria do Crasto*. Uma fórma como *Fernão* deve na origem ter existido sòmente antes de consoante, porque antes de vogal o *do* de *Fernando* aglutinava-se-lhe *(Fernand'Alvarez)*; depois porém o uso de *Fernão* generalizou-se, e passou a empregar-se tanto antes de um apelido começado por consoante *(Fernão Mendez)*, como antes de um começado por vogal *(Fernão Alvarez do Oriente)*.

A palavra *Pedro*, nos documentos antigos, toma differentes fórmas: *Pedr'Amigo* [7], *Pero de Ponte* [8], *Per'Estaço* [9], conjuntamente com a fórma plena *Pedro*, ou em pausa *(conde dom Pedro* [10]), ou mesmo em próclise *(Pedro Gaez* [11]). Tambem hoje dizemos «caldeira de *Pero Botelho*», como frase estereotipada, e temos na toponimia: *Pero Abegão, Pero Calvo, Pero Dias, Pero Monis* (popular *Premonis, Apremonis), Pero Negro, Pero Viegas* (popular *Previegas, Praviegas), Pero Viseu*, etc., etc. O *d* de *Pedro* caiu, por *Pedro* estar em próclise. Póde acontecer que um nome que a principio era só proclitico, chegue, com o andar dos tempos, a empregar-se em pausa: assim agora *Fernão* emprega-se independente («tio *Fernão*»), e no *Cancioneiro da Vaticana*, pag. 249, lê-se: *yfant dõ p°*, que, a pag. 454, vem por extenso: *Don Pero, filho del rey de Portugal*. De *Pero* veio o patroni-

---

[1] Cf. *Rev. Lusitana*, II, 365 (artigo meu), e XV, 373 (artigo do O. Nobiling); e os meus *Textos Archaicos*, 2.ª ed., pag. 155-155.

[2] Vaamonde, *Ferrol y Puentevedra*, pag. 75, 82; cf. Diego, *Gramat. gallega*, p. 13.

[3] *Archivo Hist. Portug.*, II, 88, 95.

[4] *Correio das damas*, IX, n.º 8 (1851); *Revista Lusitana*, VII 110 (J. J. Nunes).

[5] Sousa Viterbo, *Medicos portuguezes*, II, 32.

[6] *Archivo Histor. Port.*, III, 87. Cf. *Bernaldim Ribeiro*.

[7] *Cancioneiro da Vaticana*, ed. de Monaci, p. 242.

[8] *Ibid.*, pag. 157.

[9] *Archivo Hist. Port.* II, 129.

[10] *Cancion. da Vatic.*, pag. 367.

[11] *Ibid.*, pag. 398.

mico *Pérez*, que concorre com *Pirez*, que veio de Petrici, havendo-se o *e* mudado em *i* por *Umlaut*, isto é, por influencia do *i* final na vogal tonica (cfr. *fiz*, arc. *fizi*, de feci).

Paralelamente á mudança de *Pedro* em *Pero* observa-se a de *pedra* em *pera* nos seguintes nomes geograficos: *Perafita* (variante *Parafita)*, por *pedra fita*, de Petra ficta, *Peralta* = *Per'alta* por «pedra alta», *Peralva* = *Per'alva* por «pedra alva», *Peras Ruivas* por «pedras ruivas», *Perboi* por «pedra de boi», *Peranta* = *Per'anta* ou «pedra d'anta», *Pradanta* e *Paradanta*, tambem por «pe(d)ra d'anta» [1]. *Anta* é o nome que outr'ora se dava em todo o país, e ainda ao presente se dá no Alentejo, aos monumentos pre-historicos que em Arqueologia se chamam «dolmens». Á fórma *Perafita* corresponde no sec. XI *Pedraficta*, e a *Peranta, Pradanta* e *Paradanta* corresponde no sec. XIII *Petram de anta* [2]. O sentido de *Perafita* é «pedra a pino», e o das últimas expressões é analogo ao de *Pedra da Arca*, que tambem se encontra no onomástico [3].

J. L. DE V.

Ditado topico

Com o ditado português *Serpa, || serpente, || boa terra, || má gente* (vid. *Lições de Philologia Portug.*, pag. 318) cfr. o ditado italiano *Gaggio pendente, || buona la terra e cattiva la gente* (vid. Zanardelli, *I soprannomi di persone*, Bologna 1913, pag. 22): d'onde se vê que os Serpenses tem companheiros de mofa, e que esta só provém da rima (aliterante e consoante).

J. L. DE V.

---

[1] Com *Pradanta* cfr. *Apremonis* e *Previegas*, que citei supra. Popularmente diz-se tambem *Prafita* por *Perafita*.

[2] Vid. Cortesão, *Onomastico*, s. vv.

[3] Este artigo foi publicado primeiramente na *Limiana*, 1913, pag. 127-129.

NECROLOGIA

PROF. A. GOMES PEREIRA

Faleceu em Midões, Barcelos, sua terra natal, o P.e A. Gomes Pereira, professor do Liceu de Rodrigues de Freitas (Porto).

Era novo ainda, e as suas grandes faculdades mal tinham tempo de se manifestar.

Frequentador assíduo das bibliotecas, onde ia — explicava êle modestamente — tirar umas duvidazinhas, teria deixado com certeza obras de valor, se a sua vida não fosse travada pela tuberculose, adquirida — quem sabe? — a folhear livros, a reunir materiais.

Nomeado professor do liceu de Vila Real, onde se conservou três anos, entregou-se á tarefa de coleccionar as tradições populares do concelho, não deixando escapar o mínimo facto que pudesse importar á filologia ou á etnografia. A colecção apareceu na *Revista Lusitana* [1], sendo depois publicada em separata com o título de *Linguagem popular de Vila Real* [2].

Como professor, procurava sempre incutir no espírito dos alunos o gôsto do estudo dos vocábulos e tradições populares, aconselhando livros, marcando exercícios, etc. E os alunos correspondiam aos estímulos, como pode verificar-se pela leitura das *Tradições populares e dialecto de Penedono* [3].

Temos encontrado tambem discípulos do P.e Gomes Pereira, que após a elaboração dos exercícios, se apaixonaram da materia estudada, propondo-se continuar na esteira do mestre.

Em volume especial publicou Gomes Pereira em Esposende em 1912 as *Tradições populares, vocabulário e toponymia da Guarda*, que fazem parte da collecção etnografica denominada «Silva Vieira»; e estão para se publicarem na *Revista Lusitana* outras provas do seu labor literario.

Na sua cadeira de literatura portuguesa, não pejava o cérebro dos rapazes com datas, nomes e frases consagradas pelos compêndios. Amando

---

[1] Vols. 9.º, 10.º, 11.º, 12.º e 13.º.

[2] Imprensa Nacional, 1910.

[3] *Rev. Lus.*, Vol. 12.º, pag. 298.

apaixonadamente Gil Vicente, obrigava o aluno a ler os autos, a compreender a linguagem, a definir personagens, a relacionar caracteres, a apropriar-se enfim, do espírito da época em que viveu o escritor.

Juntamente com Casanova Pinto, preparou A. Gomes Pereira, numa faina febril, dous livros — *A Selecta Portuguesa* das tres primeiras classes e a de *Literatura* —, e as *Notas e Vocabulario da Selecta de Literatura*. São obras defeituosas de longe a longe, mas que revelam trabalho e consciência.

Homem de dignidade serena e rígida, superior a intrigas e injustiças, conseguiu ganhar as simpatias de todos aqueles com quem viveu e tratou.

Vendo alguem o P.e Gomes Pereira perdido, propôs-lhe uma transferência. A resposta foi esta: *Quero ter a modesta consolação de morrer professor do liceu do Porto.*

E morreu, legando ao estabelecimento onde foi professor a parte mais preciosa do seu espólio — os livros, em que cumpridas as obrigações de sacerdote exemplar e de professor escrupuloso, concentrava toda a sua alma, toda a sua actividade.

Vila Real, 7 de Junho de 1913.

A. C. PIRES DE LIMA.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

JÚLIO MOREIRA. ***Estudos da Língua Portuguêsa,*** vol. II, obra póstuma. Lisboa, Livraria Clássica Editora, de *A. M. Teixeira, 1913.*

É a continuação do livro que Júlio Moreira, em 1907, publicou com o título de *Estudos da Lingua Portuguesa. Primeira série. Subsidios para a syntaxe historica e popular*, e cujo aparecimento ficou registado no vol. XI, pag. 355 desta *Revista*.

As palavras de justo louvor com que então nos referimos àquele primeiro volume dos *Estudos*, numa simples notícia bibliográfica, bem deixaram sublinhado o conceito em que tinhamos o seu autor. O seu muito saber e o valor da sua competência, sobretudo em assuntos de sintaxe histórica e popular, continuam a revelar-se neste segundo volume agora publicado.

É que Júlio Moreira era um dos raros humanistas ainda existentes entre nós, mas que tendem a desaparecer pela má corrente que predomina, ha umas dezenas d'anos, entre os nossos pedagogos. Acabaram, quasi, com essas *velharias* do estudo do latim e do grego, que tanto contribuíam para o desenvolvimento da inteligência e do raciocínio dos rapazes, habilitando-os, assim, melhor para a apreensão de todos os mais conhecimentos. Os resultados d'esta orientação é vermos realçadas, pelo confronto, as velhas gèrações educadas pelo padre-mestre de latinidade, quando postas em balança com as actuais, cheias do falso enciclopedismo dos nossos liceus.

Infelizmente Júlio Moreira é falecido. Perdeu nele a filologia portuguesa uma das suas mais ilustradas competências. A par com os primeiros fiilólogos portugueses, notabilizara-se pela «agudeza da observação» com que «assinalou numerosos fenómenos do falar quotidiano, nos quais só um investigador dedicado repara [1].» E como, no próprio dizer do autor, «a sintaxe do povo,

[1] Da prefação do Dr. José Leite de Vasconcellos.

só por si, nos explica muitas das construções da língua literária, conservando-nos antigos aspectos do nosso idioma», a leitura d'este segundo volume dos *Estudos* mais nos firmou na persuàsão, em que já nos deixara a leitura do primeiro, de que esta obra de Júlio Moreira constitue um bom e indispensavel subsídio para quem tente fazer uma sintaxe histórica da Língua Portuguesa.

Está o livro dividido em tres partes: a 1.ª, *Subsidios para a sintaxe histórica e popular*, é a continução dos estudos apresentados no 1.º volume; a 2.ª, *Questões de linguagem*, trata de vários assuntos de filologia taes como: Etimologia popular, Formação de palavras, Formas divergentes, etc.; e a 3.ª, *Lexicologia*, apresenta-nos um estudo da linguagem de Camilo e mais dois capítulos sobre vários vocábulos avulsos e sobre nomes de logar.

Não nos pertence, nem neste logar caberia, uma apreciação ou exame crítico dos *Estudos*. Poderão, por acaso, ter defeitos; poderão talvez ser menos justas algumas observações, ou errónia, até, alguma conclusão; nada disso, porem, diminue o valor da obra que, mesmo com aquelas faltas, se porventura as tem, é um dos livros mais recomendaveis para quem deseje estudar a lingua portuguêsa.

Ao snr. Dr. José Leite de Vasconcelos, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e discipulo que foi, e amigo intimo, do falecido, e cultor dos mesmos estudos que ele, encarregou a familia de Júlio Moreira da publicação dêste livro. A parte que aquele professor tem nesta obra fica indicada na prefação, que é digna de lêr-se, não só por isso, mas tambem pelas noticias biográficas que nos dá do autor.

ALVARO DE AZEREDO.

— ***Beiträge zur Kenntnis portugiesischer Orthoepie*** — por Gustav Rolin. Separata do *Archiv* de Herrig, vol. XXV, fasc. 3-4, 1911.

Nestes subsídios examina o Autor com a maior diligência, e extrema minúcia, o valor das vogais átonas em português, e as suas modificações, devidas quer à vizinhança ou contacto de outros sons, quer à sua proximidade ou distância com respeito às vogais tónicas. É um trabalho perfeitíssimo, no qual o assunto ficou, a bem dizer, exausto, compendiando-se nêle tudo quanto sôbre tal objecto tem sido estudado pelos nossos filólogos. Compreende não menos de vinte páginas em tipo miúdo, e o seu autor aproveitou com o

maior discernimento todos os preceitos e todas as leis fonéticas que regulam o valor dessas vogais átonas.

Conveniente seria reproduzi-lo em português nos nossos compêndios gramaticais, pois raros serão aquêles em que qualquer noção desta parte interessantíssima da nossa fonologia fosse com tanto rigor observada, e com tamanha exactidão exposta.

Comquanto, segundo presumimos, as bases dêsse estudo as coligisse o autor em obras dos nossos foneticistas, e não em observação própria, a ordenação de todo o material, disperso em publicações de vária natureza, é dêle e bem dêle, e merece inteiro aplauso e completa confiança.

Z.

— ***Taschenwörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache*** — por Gustav Rolin, Professor da Universidade de Praga. Parte 1.ª, *Português-alemão*. Parte 2.ª *Alemão-português* — por D. Luisa Ey, Berlim s. d.

Qualquer das duas partes é digna de menção pelo escrúpulo e rigor empregados, e pela nítida impressão e formoso aspecto externo que reproduz o de outros volumes já publicados referentes ao alemão, e a várias outras linguas europeias.

O tomo 1.º, a que principalmente queremos referir-nos, é precedido de um estudo da pronúncia do português da capital, escrito pelo sr. Gonçalves Viana, que mais uma vez ahi revela a sua competência no assunto; a pronunciação indicada no corpo do Dicionario em cada vocábulo obedece com o maior rigor em preceitos formulados naquêle estudo, e dêsse trabalho se incumbiu o professor Gustav Rolin com uma pontualidade e esmèro, que é de inteira justiça encarecer.

Z.

II

PERIODICOS

— ***Zeitschrift für romanische Philologie***, XXXVI, 5.º fasciculo (1912): *Rims equivocs und derivatius im Altportugiesischen* por H. Lang; e noticia bibliografica das *Cantigas de Guilhade* de Nobiling por E. Hoepffner. No 6.º fasciculo continúa o sr. Leo Spitzer os seus substanciosos estudos sintactico-estilisticos, nos quaes ha referencias á lingua portuguesa: cf. *Rev. Lusit.*, XIV, 316-317.

(A respeito de *nemque*, cf. Julio Moreira, *Estudos da lingua portuguesa*, II, 76). — No mesmo fasciculo, pag. 724, trata o sr. Spitzer do brinquedo infantil que os Hespanhoes chamam *cobrillas* e os Bogotanos *pan y quesito*, expressões que compara com outras de diversas linguas: faltou citar a portuguesa da Beira *capar a agua*, que mencionei nas *Tradições populares de Portugal*, Porto 1882, pag. 71, onde falei do tal brinquedo.

—**Figueira,** revista de literatura, sciencia e arte. Serie III e IV, n.os 1 a 12, 1912. Publíca de vez em quando artigos folkloricos, e listas onomasticas.

J. L. DE V.

III

VARIA QVAEDAM

— **Cartas de D. Francisco Manoel de Mello,** publicadas por E. Prestage, Lisboa 1911.

— **Camões e Macedo** — por J. Ramos Coelho, Lisboa 1911.

— **Notes on the syntax of the Latin inscriptions found in Spain** — por H. Martin, Baltimore 1909.

— **Influencias estrangeiras em Eça de Queiroz** — por João de Meyra, Famalicão 1912.

— **Questionario ethnographico ácerca das populações indigenas de Angola e Congo** — publicação official: Loanda 1912.

— **Romanisches etymologisches Wörterbuch** — por W. Meyer-Lübke, Heidelberg 1911-1913. Estão publicados os fasciculos 1-6: *a* a *pharmacum*.

— **Novos estudos da lingua portuguesa** — por Mario Barreto, Rio de Janeiro 1911.

— **A sistematização ortográfica** — por Silvio d'Almeida, S. Paulo 1912.

— **La légende du page de Sainte Élisabeth** (nouveaux documents orientaux)—por E. Cosquin, Paris 1912.

— ***Camoens in der deutschen Dichtung des 19 Iahrhunderts*** — por Wilmsmeier, Erfurt 1913, 132 pag.

—Trabalhos de D. Carolina Michaëlis:

a) ***Notas vicentinas***, I, Coimbra 1912;
b) ***Novos estudos sobre Sá de Miranda,*** Lisboa 1911;
c) ***Literatura antiga portuguesa*** (*Universal Antology*, pag. 3081-3100).

— ***Notes sur la langue de la Guiné au XV siècle*** — por R. Basset, Coimbra 1913. Separata do vol. V do *Boletim* da Segunda Classe da Academia das Sciencias de Lisboa.

— ***Ensaios de Philologia*** — por Americo de Moura, Campinas (Brasil) 1913.

— ***Orthographia Portuguesa***—pelo mesmo, Campinas 1913.

— ***Historia da Litteratura romantica portuguesa*** (1825-1870) — por Fidelino de Figueiredo, Lisboa, 1913.

—Trabalhos do signatario d'esta secção:

a) ***Le peuplement du Portugal aux temps préhistoriques, d'après les données de la toponymie,*** Lisboa 1912;
b) ***Carolina Michaëlis***, lista dos seus trabalhos literarios: Lisboa 1912;
c) ***Deuses da Lusitania***, Lisboa 1913 [1];
d) ***Pelo Alemtejo***, Etnografia e Arqueologia, Lisboa 1913;
e) ***Julio Moreira e o seu labor literario,*** Lisboa 1913;
f) ***Religiões da Lusitania,*** vol. III, Lisboa 1913.

J. L. DE V.

---

[1] Como será pouco explicito o que na pag. 12 d'este folheto se disse da declinação de *Io*, acrescentarei aqui que as unicas flexões que do mesmo nome vem citadas em Georges, *Lexikon der lateinischen Wortformen*, Leipzig 1890, são: *Io*, *Ion* no nominat.; *Ius*, *Ionis* no genet.; **Ioni** no dat.; *Io*, *Ionem*, *Ion* no accus.; *Io* no vocat.; *Io* no ablativo.



